

**José Pereira Palha Blanco (1854-1937): um cacique e um lavrador da
lezíria ribatejana**

António Maria Ribeiro Telles Costa

**Dissertação de Mestrado
em História Contemporânea**

Outubro, 2021

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História, especialidade de História Contemporânea, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Fernanda Fernandes Garcia Rollo.

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

António Ribeiro Telles Costa

Lisboa, 25 de Outubro de 2021.

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Paulo Francisco de Melo

Lisboa, 25 de outubro de 2021.

Ao bom Deus.

À memória:

Do avô Pepe, pela extraordinária vida que teve.

Dos meus avós maternos, M.^a Isabel de Castro Van Zeller e David Manuel Godinho

Ribeiro Telles, pelo exemplo que foram e pelo bem que fizeram.

*Lembra-te dos dias antigos, considera os anos das gerações passadas.
Interroga o teu pai e ele te contará; os teus anciãos e eles te dirão.*

[Deut 32, 7¹]

«Há muitas maneiras de servir a Deus; e uma delas pode ser a de servir a Cultura, desvendando os segredos da História. Sendo Deus, aliás, a suprema Verdade, todo o culto científico da verdade é serviço de Deus e ajuda o Homem a elevar-se até Ele e a perscrutar os Seus mistérios. E sendo a História, por excelência, o ramo do saber humano consagrado ao estudo da verdade - a «lux veritatis» de que fala a famosa definição de Cícero -, fàcilmente se compreende que ela tenha podido ser, ao longo dos tempos, para tantos homens que atingiram as culminâncias da virtude e da santidade, o campo de trabalho preferido para concretizar o voto da consagração das suas vidas ao serviço de Deus.

[Guilherme Braga da Cruz, 1965²]

¹ *Bíblia Sagrada*, Cucujães, Editorial Missões, 6.ª ed., 2009, p. 32.

² CRUZ, Guilherme Braga da, *Elogios do Pe. Francisco Rodrigues e do Pe. Carlos da Silva Tarouca*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1965 p. 11.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a bondade, disponibilidade e amizade do meu tio-avô Joaquim Maria Godinho Ribeiro Telles, que não tendo conseguido ver esta investigação terminada, me deixou usar desde logo o seu escritório da casa de Coruche como "armazém" para descarregar grande parte da documentação que amavelmente os primos da Quinta das Areias me emprestaram.

Ao professor Luís Nuno Espinha da Silveira, por quem sempre tive um grande respeito e que também não conseguiu ver esta dissertação terminada, agradeço não só o facto de ter aceite orientar este trabalho logo de início, mas também a constante preocupação e os cuidados em saber como estava a preparação deste projeto.

Ao Reverendo Padre António Vasco Borges Coutinho, IBP, agradeço o apoio moral e espiritual e ao meu amigo César Dias agradeço a boa vontade e o espírito crítico que sempre demonstrou quando lhe pedia que revesse o que escrevi.

Aos meus tios avós Miguel Palha e João Palha agradeço as muitas histórias que me contaram, a par do entusiasmo e interesse que sempre demonstraram em ver este trabalho concluído, aquando das longas horas de conversa, algumas passadas ao telefone. Um obrigado ainda maior aos primos Palha da Quinta das Areias por me terem permitido "usar e abusar" do arquivo de família, de modo particular ao tio Tão Palha, que pela primeira vez me ajudou na procura de "papéis velhos" no escritório da quinta, e à tia Cau Palha T. D., sempre tão disponível e pronta em receber-me na casa grande para consultar o Tombo da Quinta das Areias.

À senhora minha mãe e ao meu irmão, que por diversas vezes – tentando mostrarem-se interessados – me tiveram de ouvir contar-lhes episódios da vida do “avô Pepe”, agradeço a paciência. Agradeço-lhes ainda, bem como ao meu pai, a preocupação constante em saber como estava o andamento da dissertação. Ao tio Zito Almeida Garrett, a quem deixei algumas salas da Casa de S. João num rebuliço de papéis, agradeço nunca se ter oposto ou queixado da "desarrumação". Às minhas tias Teresa Ribeiro Telles B. e Mimi Ribeiro Telles M. agradeço a motivação e o entusiasmo demonstrado quando falávamos do “avô Pepe” e da dissertação.

Não podia também deixar de agradecer ao Sr. José Rocha e ao Ricardo Aniceto, técnicos superiores do Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira, a disponibilidade e simpatia com que sempre me receberam no arquivo, e ao Sr. David Silva, técnico superior de cultura na Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, a ajuda inicial na localização de documentação constante nos arquivos do município. Agradeço também ao Lourenço Correia de Matos e ao João Bernardo Galvão Teles as muitas “dicas” que me deram para localizar alguma documentação constante nos arquivos públicos.

Em último, não pela pouca importância, mas antes pelo grande e fundamental papel que desempenhou ao longo de todo este projeto de investigação, agradeço à minha orientadora, a professora Maria Fernanda Rollo, que em tão boa hora tive a oportunidade de conhecer na parte curricular do mestrado. Sem os seus muitos conselhos e incentivos não conseguiria ter levado esta investigação adiante, nem mesmo terminá-la.

Não sendo possível enumerar todos aqueles que merecem e a quem desejaria dar uma palavra de agradecimento, fica aqui o meu muito obrigado a todos. Amigos, família e demais pessoas que comigo se cruzaram neste percurso.

**JOSÉ PEREIRA PALHA BLANCO (1854-1937): UM CACIQUE E UM
LAVRADOR DA LEZÍRIA RIBATEJANA**

ANTÓNIO MARIA RIBEIRO TELLES COSTA

RESUMO

O principal objetivo desta investigação é compreender de que maneira a ação inovadora de José Pereira Palha Blanco no campo agrícola, económico e social influenciou a sociedade local, fazendo dele um cacique e um lavrador com um papel importante e necessário para a compreensão da política local e da agricultura portuguesa, na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX.

Em Portugal, com mais incidência no século XIX, o desenvolvimento agrícola, económico e social, na sua maioria, sempre esteve associado ao caciquismo e, por associação de ideias, ao lavrador e ao político. Ainda que haja algumas exceções, não se tem dado a devida atenção ao estudo desta temática do poder local/caciquismo e é neste sentido que o estudo da figura de Palha Blanco vem a propósito, abordando e dando ênfase a duas temáticas que se consideram fundamentais: a política e a agricultura. Analisando as vertentes políticas e agrícolas de Palha Blanco percebemos o desenvolvimento e modernização da agricultura no período em causa, pelas práticas e técnicas inovadoras introduzidas, o desenvolvimento social e urbano, pela preocupação com a saúde pública, e a influência dos caciques a nível local, divergente em alguns aspetos.

Esta investigação, através da análise da atividade política e agrícola de Palha Blanco, pretende ajudar a compreender a história local do concelho de Vila Franca de Xira e o seu próprio desenvolvimento, que poderá até ter impacto e relevância no contexto nacional. Ao mesmo tempo que pretende diminuir as lacunas que existem no que diz respeito aos trabalhos sobre as elites políticas existentes fora da capital, tenta contribuir para um maior estudo sobre a atuação dos seus membros como influentes locais.

PALAVRAS-CHAVE: Modernização; Agricultura; Caciquismo e poder local; Ribatejo; Sécs. XIX-XX.

**JOSÉ PEREIRA PALHA BLANCO (1854-1937): A CHIEFTAIN AND A
FARMER FROM LEZÍRIA RIBATEJANA**

ANTÓNIO MARIA RIBEIRO TELLES COSTA

ABSTRACT

The main objective of this research is to understand how the innovative action of José Pereira Palha Blanco in the agricultural, economic and social field influenced the local society, making him a cacique and a farmer with an important and necessary role for the understanding of local politics and Portuguese agriculture in the second half of the 19th century and the first half of the 20th century.

In Portugal, with more incidence in the 19th century, agricultural, economic and social development has, for the most part, always been associated with the cacique and, by association of ideas, the farmer and the politician. Although there are some exceptions, not enough attention has been given to the study of this theme of local power/caciquism and it is in this sense that the study of the figure of Palha Blanco comes in purpose, addressing and emphasizing two themes that are considered fundamental: politics and agriculture. By analysing the political and agricultural aspects of Palha Blanco we understand the development and modernisation of agriculture in the period in question, through the innovative practices and techniques introduced, the social and urban development, the concern with public health, and the influence of the caciques at a local level, divergent in some aspects.

This research, through the analysis of Palha Blanco's political and agricultural activity, intends to help understand the local history of the Vila Franca de Xira municipality and its own development, which may even have impact and relevance in the national context. At the same time it intends to diminish the gaps that exist with regard to works on the political elites existing outside the capital, it attempts to contribute to a greater study on the performance of its members as local influencers.

KEYWORDS: Modernisation; Agriculture; Caciquism and local power; Ribatejo; 19th-20th centuries.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Objecto de estudo, problemáticas e estrutura	3
2. Estado da arte.....	5
3. Análise e tratamento de fontes	8
<i>1.ª parte</i>	
<i>A família e o património, as redes de influência e as relações com o centro político</i>	
Capítulo I: As origens da família Pereira Palha e a rápida ascensão social.....	11
1.1. Considerações sobre a família e a sua posição social: a justificação da nobreza e a concessão de armas.....	11
1.2. Breves traços biográficos de José Pereira Palha Blanco	17
1.3. José P. Palha Blanco: colecionador do seu tempo. Do <i>château</i> aos jardins ...	20
1.3.1. O <i>Château</i> da Quinta das Areias e os jardins: um espaço romântico ao gosto de Oitocentos	20
1.3.2. O mobiliário, a azulejaria e a pintura decorativa do interior do <i>château</i>	23
1.3.3. A Capela de Nossa Senhora da Consolação	25
1.4. A presença de Palha Blanco na « <i>high life</i> » da época.....	26
1.4.1. Percursos de uma vida na imprensa da época	26
1.4.2. Influências e relações com as elites	29
Capítulo II: Palha Blanco e a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.....	31
2.1. As eleições e as dificuldades no governo municipal, o abandono de funções e as forças políticas republicanas	31
2.2. O desenvolvimento económico e social no concelho	42

2.^a parte

A lavoura e a indústria: investimento e modernização, inovação e distinção

Capítulo III: A formação da Casa Agrícola: as explorações e a produção agrícola	46
3.1. As explorações herdadas e a aquisição de novas terras	48
3.2. A produção frutícola, oleícola, cerealífera e de outros géneros numa imensidão de terra.	52
3.3. Os investimentos em engenhos e maquinaria agrícola	56
Capítulo IV: O espírito aberto à investigação e à experiência: cruzamentos e apuramentos de raças; introduções e selecções de espécies	62
4.1. A ganadaria Palha Blanco	62
4.1.1. A criação e a genética do toiro bravo: tentas e selecção.....	62
4.1.2. As corridas e espectáculos taurinos	67
4.2. A coudelaria Palha Blanco.....	68
4.2.1. De uma pequena manada de éguas a uma casta de excelência: distinção de uma raça cavalari “ribatejana”	68
4.3. Outras espécies animais e vegetais	70
Capítulo V: A tentativa de desenvolvimento industrial e das comunicações	72
5.1. A criação sonhada de uma escola industrial, a fábrica de descasque de arroz e a pedreira da Quinta do Cabo.....	72
5.2. A rede telefónica particular da Quinta das Areias.....	74
Conclusão.....	77
Fontes e Bibliografia	81
Lista de Figuras e Tabelas	88
Anexos	89

LISTA DE ABREVIATURAS

ACMF	Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças
ADB	Arquivo Distrital de Beja
ADE	Arquivo Distrital de Évora
AFPP	Arquivo (particular) da Família Pereira Palha
AFRT	Arquivo (particular) da Família Ribeiro Telles
AMVFX	Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
ARACAP/ACAP	Arquivo da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa / Associação Central da Agricultura Portuguesa
CAMRTC	Colecção de António M. ^a Ribeiro Telles Costa
CMVFX	Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
CSS	Colecção Santos Simões
TQA	Tombo da Quinta das Areias

INTRODUÇÃO

O jornal republicano *Mensageiro de Cira*, em 1913, afirmava com veemência que «quando um dia aparecer o investigador consciencioso com faculdades de historiador, que se proponha escrever a historia completa de Villa Franca, ha-de reconhecer sem custo, a existencia d'um periodo perfeitamente caracterizado e a que poderá chamar a epoca da renascença da nossa terra. [...] Foi só em 1890, com a preponderancia do grupo que se formara em volta do sr. Palha Blanco, para a execução d'um largo plano de melhoramentos e sem intuitos de politiquice de corrilhos, que se iniciou a epoca que o investigador histórico pode caracterisadamente denominar da renascença de Villa Franca [...]»³. Não serei eu certamente esse historiador, mas o que pretendo com esta investigação é contribuir para a história local do concelho de Vila Franca de Xira e incentivar um estudo cada vez maior do passado histórico no referido concelho, ainda que com uma singela investigação sobre a figura que foi a principal responsável pelo referido renascimento da vila no final do século XIX. Que este estudo sirva ainda para preencher lacunas que existem no estudo do caciquismo e da agricultura nacional.

Em Portugal – e certamente noutros países –, essencialmente no século XIX e nos inícios do século XX, o desenvolvimento agrícola, económico e social, na sua maioria, sempre esteve associado ao poder local e assim, seguindo esse raciocínio, ao lavrador (ou proprietário) e ao político (ou burocrático). Ainda que haja algumas exceções, não se tem dado a devida atenção ao estudo desta temática do poder local e do caciquismo e é neste sentido que o estudo da figura de José Pereira Palha Blanco vem a propósito, abordando e dando ênfase a duas temáticas que se consideram fundamentais: a política e a agricultura.

É Oliveira Martins quem primeiramente faz esta distinção entre o cacique proprietário e o cacique burocrático, ainda que por vezes se confundam e seja difícil fazer essa distinção. Nuno Pousinho relembra que Oliveira Martins «considerava o caciquismo uma perversão da máquina eleitoral, no entanto, encarava o cacique proprietário como menos ilegítimo que o burocrático porque se apoiava na preponderância proprietária e não na “ciganice política”»⁴, mas – no fundo – os caciques, contrapondo aquelas ideias que fazem deles figuras negativas e sinistras, não eram mais do que «notáveis que

³ *Mensageiro de Cira*, ano III, n.º 93, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1913, p. 2, 3.ª coluna.

⁴ POUSINHO, Nuno, *Pretos e Brancos. Liberalismo e Caciquismo no Distrito de Castelo Branco (1852-1910)*, Lisboa, 2016, tese de doutoramento, FCSH-UNL, policopiada, p. 4.

detinham o poder numa dada comunidade»⁵. O seu poder político cingia-se – raras exceções – às fronteiras dos concelhos, podendo-se considerar «*um prolongamento natural do poder social adquirido, alicerçado no seu poder económico, em tradições familiares ou no prestígio profissional, cultural e simbólico*»⁶.

Estas elites locais, como sabemos, influenciaram a construção do Estado Liberal, tendo tido um importante papel na composição do «*sistema político-partidário no Portugal oitocentista*»⁷, e as famílias aristocratas, que detinham o capital e as grandes propriedades, ditavam os destinos das regiões e gentes. A sua movimentação política incluía não só a manutenção de interesses particulares, como também interesses da coroa e do governo, representando a figura do cacique, normalmente o chefe de família e proprietário, o poder nas províncias e áreas rurais.

É importante esclarecer que não é por ser cacique que Palha Blanco fomenta um desenvolvimento agrícola, industrial e social no concelho de Vila Franca de Xira, mas precisamente o contrário. O facto de estimular e tentar levar avante um desenvolvimento nessas áreas, a par com a sua participação na política local, é que o leva a ser considerado um cacique.

Neste sentido e conjugando alguns dos termos já referidos, como poder local, caciquismo, política e agricultura, os objetivos e problemáticas estruturantes desta investigação, que mais adiante se explanarão em detalhe, encontram sustento e uma perspetiva fundamentada, tendo em conta a ótica da história local.

No fundo, esta investigação visa atenuar a ingratidão (se é que podemos assim dizer) de que foi alvo esta figura. Ao que tudo indica, Palha Blanco assumiu um papel relevante na política e na agricultura, encontrando-se pouco estudada a sua vida e sendo altamente ignorada, em parte devido ao esquecimento que a Revolução de Abril provocou, associando-o erroneamente ao Estado Novo – regime durante o qual apenas viveu 7 anos, pois morreu em 1937. À luz do que sabemos hoje podemos denominá-lo de cacique, tendo em atenção que foi um benemérito, um político e, acima de tudo, um lavrador, que sempre olhou a lavoura com os olhos postos na modernização e no desenvolvimento da mesma.

⁵ POUSINHO, Nuno, *Castelo Branco: governo, poder e elites (1792-1878)*, Lisboa / Castelo Branco, Edições Colibri / Câmara Municipal de Castelo Branco, 2004, p. 126.

⁶ *Ibidem*, p. 126

⁷ *Idem*, *Pretos e Brancos. Liberalismo e Caciquismo no Distrito de Castelo Branco (1852-1910)*, p. 1.

1. Objecto de estudo, problemáticas e estrutura

Antes de estabelecermos com clareza o objecto de estudo e as problemáticas desta investigação, centrados de modo geral na política, na agricultura e na indústria, deixar claro que são vários e muitas vezes complexos os desafios e as problemáticas que se impõem e aos quais se pretende dar uma resposta.

Sem demora, o principal objecto de estudo a que diz respeito esta dissertação é a figura de José Pereira Palha Blanco, tentando compreender de que maneira a sua ação inovadora no campo agrícola, económico e social influenciou a sociedade local, quiçá além-fronteiras concelhias, constituindo-o um cacique e um lavrador com um papel importante e necessário para compreender a política local e a agricultura portuguesa na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX. As questões que giram em torno deste lavrador ribatejano são essencialmente políticas, sociais e agrícolas, assumindo particular preponderância os assuntos diretamente ligados ao desenvolvimento económico, social e agrícola no concelho de Vila Franca de Xira.

Através do estudo do papel exercido por Palha Blanco, são duas as grandes questões a que esta dissertação procura responder: Estará a manipulação das eleições e o proveito próprio sempre na origem do exercício do poder local e do caciquismo? E como se terá desenvolvido a agricultura e a indústria na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX? Procura-se ainda responder a outras perguntas particulares, nomeadamente: 1. Qual a origem da família Pereira Palha e de que maneira funcionava na prática a ascensão social?; 2. Qual a relação entre a posição social, as relações familiares e o aparecimento na vida social e de que maneira estes três aspetos se relacionam com a influência que se exerce e com as redes clientelares que se criam?; 3. Seria o caciquismo e a maneira como este se desenvolvia em Vila Franca de Xira semelhante a outros raros casos que se conhecem, havendo manipulação nas eleições através da compra de votos ou do capricho e do favorecimento próprio?; 4. O caciquismo e o poder local seriam única e exclusivamente uma realidade negativa e de interesse pessoal, sem terem em vista o bem comum do local onde eram exercidos?; 5. Em que moldes este tipo de influência evoluiu (ou extinguiu) com a mudança de regime Monarquia-República?; 6. As práticas levadas a cabo por Palha Blanco levaram a um desenvolvimento e modernização da agricultura ou foi apenas um caso isolado e sem repercussões práticas no contexto nacional agrícola?; 7. Estariam as casas agrícolas de grande dimensão na base do desenvolvimento e da modernização agrícola ou, antes pelo contrário, seriam entraves a essas dinâmicas

evolutivas?; 8. A selecção científica em Portugal, com o cruzamento e apuramento de raças, teve a sua origem na lezíria ribatejana?; 10. Terá a iniciativa particular estado na origem do desenvolvimento industrial e das comunicações em Vila Franca de Xira?.

Relativamente à sua estrutura a dissertação está dividida em duas partes: a primeira dedicada a analisar a posição económica e social da família Pereira Palha e do próprio Palha Blanco, bem como as redes de influência por ele estabelecidas e a sua relação com o centro político, não descurando o desenvolvimento económico e social que fomentou enquanto interveniente na vida política regional; a segunda, por sua vez, será dedicada ao estudo do desenvolvimento da agricultura e da indústria que Palha Blanco estimulou na lezíria ribatejana, dando especial destaque ao investimento e à modernização que levou a cabo.

A primeira parte está disposta em dois capítulos. No primeiro serão estudadas as origens da família e a rápida ascensão social, abordando-se as questões relacionadas com a justificação da nobreza e a concessão de armas. Será ainda traçado um breve percurso biográfico de José Pereira Palha Blanco, incidindo sobre a sua vida familiar, o seu interesse pelas artes e a sua presença na sociedade da época espelhada no estabelecimento de influências e relações com as elites. Com esta informação inicial compreender-se-á aquilo que se tratará no seguinte capítulo, sendo fundamental para se fazer o enquadramento da sua vida política e se perceber a crescente influência a nível local.

Encerrando a primeira parte da dissertação, o segundo capítulo traçará a acção política de Palha Blanco, explicando a inserção e evolução de Palha Blanco no quadro político regional das últimas duas décadas de oitocentos. Este é um período de grande afirmação política de Palha Blanco, que lhe permitirá desenvolver e apostar no concelho, através de melhorias a vários níveis. Far-se-á ainda uma abordagem inicial para se compreender as eleições e as dificuldades que atravessou no governo municipal, percebendo-se o que o levou ao abandono de funções, bem como a evolução e as dinâmicas regionais das forças políticas republicanas.

A segunda parte está estruturada em três capítulos cujo objectivo é o de caracterizar as especificidades do desenvolvimento agrícola e industrial no concelho de Vila Franca de Xira, impulsionado por Palha Blanco. No capítulo terceiro analisaremos como Palha Blanco constituiu a sua casa agrícola, dando início à estruturação de um grande empreendimento no que diz respeito ao investimento e à modernização. Este é um capítulo relevante desta investigação, uma vez que para além de compreendermos a

produção agrícola desta casa, perceberemos acima de tudo como foram realizados na prática os investimentos em engenhos e maquinaria agrícola.

O capítulo seguinte, o quarto, será dedicado à investigação e à experiência no campo agrícola, assistindo-se a uma análise dos cruzamentos e apuramentos de raças e das introduções e selecções de espécies. A genética e a criação do toiro bravo, a par com a selecção cavalariça e de outras espécies, serão os principais tópicos abordados, tentando perceber-se se estas experiências estão na base da selecção científica de espécies em Portugal.

Finalmente, o capítulo cinco procurará estudar a tentativa de desenvolvimento industrial e das comunicações levada a cabo por Palha Blanco no concelho de Vila Franca de Xira, incidindo particularmente na análise de três aspectos: o esforço (ainda que falhado) para a criação de uma escola industrial na vila; a construção de uma fábrica de descasque de arroz; e a exploração de uma pedreira na Quinta do Cabo. Dar-se-á ainda grande atenção à instalação de uma rede telefónica particular, com “sede” na Quinta das Areias, que permitiu uma maior eficiência na gestão agrícola.

2. Estado da arte

O poder local continua a constituir um dos temas que a historiografia portuguesa parece esquecer e pôr de parte, ainda que alguns historiadores se tenham interessado pelo assunto e tentem diminuir as lacunas que existem. A agricultura, por sua vez, faz parte dos temas a que ultimamente a historiografia e demais áreas têm dado alguma importância, pelo que começam a aparecer alguns estudos elaborados, para além dos tradicionais estudos já conhecidos⁸. No meu entender, é estudando a vida e a acção de algumas figuras da sociedade portuguesa que se compreende o passado histórico em termos sociais, económicos, políticos e agrícolas, sendo portanto necessário – antes de nos debruçarmos sobre qualquer assunto – fazer um levantamento do que existe.

Para contextualizar alguns assuntos que se vão tratar, salientam-se as várias *História de Portugal* de historiadores conceituados, como José Mattoso⁹, Joaquim

⁸ A propósito de estudos sobre a agricultura portuguesa vejam-se os seguintes autores: Eugénio de Castro Caldas, Fernando Oliveira Baptista, Jaime Reis, Ana Maria Cardoso de Matos e Fernanda Rollo.

⁹ MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal: O Liberalismo*, vol. V, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992.

Veríssimo Serrão¹⁰, Joel Serrão e António H. de Oliveira Marques¹¹. Outras publicações que auxiliam nesta contextualização das várias temáticas são a obra *A Agricultura na História de Portugal*, de Eugénio de Castro Caldas, e os artigos *Aspectos da resistência ao desenvolvimento na Agricultura*, de Eugénio de Castro Caldas, *Latifúndio e progresso técnico: a difusão da debulha mecânica no Alentejo, 1860-1930*, de Jaime Reis, *Portugal, as telecomunicações e a Grande Guerra*, de Maria Fernanda Rollo e Ana Paula Pires, e *Caminhos de ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930*, de Luís Espinha da Silveira, Daniel Alves, Nuno Miguel Lima, Ana Alcântara e Josep Puig-Farré.

Como dizia anteriormente, é necessário dar contexto à origem da família Pereira Palha e perceber como esta se movimenta na sociedade, pelo que com referências diretas à família Pereira Palha há relativamente poucos estudos com categoria científica, podendo-se considerar *A Quinta das Almeidas – um pedaço de história do alentejo*, de João Bernardo Galvão-Telles, o mais completo e o mais recente estudo sobre o assunto. Trata-se de um pequeno estudo, com carácter científico bastante considerável, sobre uma quinta que pertenceu ao morgado instituído pela referida família, abordando-se ligeiramente a história da mesma e alguns aspetos relacionados com a sua origem. Nesta dimensão destaca-se também a obra de genealogia *Os 1.ºs Condes da Foz: ascendência e descendência*, de Artur Monteiro de Magalhães, e a biografia do actor *Francisco Palha*, de Levi Martins.

Para traçar um perfil de José Pereira Palha Blanco destacam-se as seguintes obras: *D. Carlos*, de Rui Ramos; *Estudos sobre o sismo do Ribatejo de 23 de Abril de 1909*, de Paul Choffat e Alfredo Bensaude; *Ciclorama Crítico de um Tempo – Antologia*, de Carlos Malheiro Dias; *Aveleda – A Família e a Empresa*, de Roberto Guedes; *Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre...: História de Vila Franca de Xira e Vila Franca de Xira – Saber mais sobre...: Património da Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, de Orlando Raimundo; *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*, de José Leite de Vasconcellos; *Benavente – Estudo histórico-descritivo*, de Álvaro Rodrigues de Azevedo.

No que diz respeito ao poder local e ao caciquismo é necessário ter em consideração algumas das poucas publicações que existem sobre este assunto, referindo

¹⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1890-1910)*, vol. X, Lisboa, Verbo, 1977; *Idem.*, *História de Portugal (1910-1926)*, vol. XII, Lisboa, Verbo, 2.ª ed., 2001.

¹¹ SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração*, vol. X, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

apenas o artigo *Comportamentos eleitorais em Lisboa (1878-1910)*, de Pedro Tavares de Almeida, e as publicações de Nuno Pousinho, o mais recente historiador a debruçar-se sobre o assunto, *Castelo Branco: governo, poder e elites (1792-1878)*, fruto da sua dissertação de mestrado, e a sua tese de doutoramento *Pretos e Brancos. Liberalismo e Caciquismo no Distrito de Castelo Branco (1852-1910)*.

Para questões relacionadas com a política e o desenvolvimento do conselho de Vila Franca de Xira são várias as publicações que se destacam. Em termos de monografias *Vila Franca de Xira: Economia e Sociedade na Instalação do Liberalismo (1820-1850)*, de Graça Soares Nunes, e *Ateneu Artístico Vilafranquense: Da Monarquia Constitucional à Adesão Europeia*, de David Santos, são fundamentais para conhecer as dinâmicas próprias do concelho. Existem dois estudos que também assumem importância: *Eleições em Vila Franca de Xira em 1904*, de Ana Cristina Nunes da Silva, Idalina Maria Costeira Mesquita e Marina Fernandes Palmelão; e *Etapas, setores e empresários do desenvolvimento industrial no estuário do Tejo (1850-1890)*, de Graça Soares Nunes. Merece ainda atenção a dissertação de mestrado *A modernização do comércio no eixo de Vila Franca de Xira*, de Maria Filomena Mateus Epalange Ferreira.

Em termos agrícolas, são poucas as obras que fazem referência à casa agrícola de Palha Blanco, sendo que, para além das já referidas *História de Portugal*, se destacam apenas o *Guia de Portugal*, apresentado por Dionísio Sant'Anna, e *A Extremadura Portuguesa*, de Alberto Pimentel. Dentro desta temática, para as questões relacionadas com a criação de toiros de lide, destaca-se primeiramente a tradicional *Historia das Toiradas*, de Eduardo de Noronha, ainda que com algumas imprecisões, e três obras que abordam especificamente o papel da família Palha no apuramento e selecção de espécies: *O Toiro de Lide em Portugal*, de Francisco Palha Botelho Neves; *Palha – Alquimia da Bravura*, de Pierre Dupuy; e *Ribatejo, as nossas ganadarias: visita ao território do Toiro bravo*, de Joana Gonçalves e Maria Teresa Vieira Pereira. Destas três últimas obras, as duas primeiras poderiam ter sido referidas mais acima quando se tratou da questão da história e origem da família, mas, incluindo também a terceira, pelo simples facto de não terem uma única referência científica quanto à origem das várias informações, não se consideraram úteis para a história familiar. Quando as obras são escritas ou encomendadas pelas famílias corre-se sempre o risco de haver imprecisões e exageros.

Como podemos verificar o estado da arte não está muito desenvolvido, pelo que é um assunto muitíssimo pouco abordado, servindo de grande base para o desenvolvimento da investigação as fontes manuscritas e impressas que adiante se tratarão. Certamente aparecerão outras obras durante todo o processo de investigação, mas que não farão grande diferença, uma vez que podemos afirmar que este assunto é um assunto inédito, visto que o arquivo pessoal de José Pereira Palha Blanco está inédito.

3. Análise e tratamento de fontes

Uma investigação histórica verdadeiramente científica e inovadora dificilmente o será se não tiver uma base forte assente naquilo a que denominamos de fontes, quer sejam primárias quer sejam secundárias. No que diz respeito às fontes, serão várias as utilizadas, encontrando-se um grande número de fontes impressas e manuscritas. A grande base desta investigação é a documentação que compõe o Tombo da Quinta das Areias do arquivo particular da família Pereira Palha e parte da documentação existente no Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira.

No AFPP (TQA), uma vez que se trata de um arquivo pertencente a uma família que há várias gerações está ligada à agricultura, encontramos essencialmente documentação agrícola de todo o tipo: registos e notas técnicas e económicas redigidas por proprietários, procuradores e administradores; diários de campo que apresentam uma descrição diária, relativamente minuciosa e aprazível, dos tempos, serviços de lavoura das quintas e movimentos dos gados em plena lezíria ribatejana; recibos de pagamentos e faturas; correspondência de negócios; relações e inventários de propriedades; entradas e saídas de diversos bens; orçamentos; contratos; relatórios; etc. Toda esta documentação é fundamental e útil para o estudo da Casa Agrícola Palha Blanco, proporcionando um aprofundamento no que diz respeito à gestão da exploração agrícola, à modernização e desenvolvimento da mesma. Para traçar as redes clientelares e as relações particulares e políticas de Palha Blanco, percebeu-se que a correspondência particular seria de grande utilidade, sendo necessária uma leitura e posterior análise da mesma. Será esta documentação existente neste arquivo particular da família Pereira Palha que, na sua maioria, sustentará grande parte das ideias e teorias a desenvolver.

Quanto às fontes existentes no AMVFX, as que interessam para esta investigação são essencialmente políticas, dizendo respeito a diversos tipos de documentação produzida pela Câmara Municipal nos finais do século XIX, nomeadamente copiadores e registos de correspondência, livros de atas, propaganda eleitoral, cadernos de eleitores, entre outros. Percebendo a grande quantidade de documentação relativa à presidência de Palha Blanco a primeira preocupação foi tentar compreender a que teria verdadeiramente interesse para a dissertação, tendo sido imprescindíveis levantamentos da mesma.

Foram ainda usados outros arquivos com alguma documentação relevante, nomeadamente o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (arquivo particular da família Ferreira de Amaral; Registos Paroquiais; entre outros), o Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, o Arquivo Distrital de Beja, o Arquivo Distrital de Évora, o Arquivo da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa / Associação Central da Agricultura Portuguesa (Coudelaria de Alter) e o arquivo particular da família Ribeiro Telles.

Além dos arquivos referidos acima, a investigação foi concretizada na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia, na Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira, na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, na Biblioteca do Ministério da Economia e em algumas bibliotecas particulares, tendo sido fundamentais para a localização, consulta e análise de fontes e estudos relacionados com o assunto desta dissertação.

As publicações periódicas são igualmente uma importante fonte de informação, servindo de grande utilidade para alguns dos temas que serão tratados, cuja documentação primária/manuscrita é inexistente. Tornando-se uma fonte de informação essencial para a investigação, destacam-se algumas publicações periódicas locais, como *O Campino*, os *Echos do Ribatejo*, o *Mensageiro de Cira* e a *Vida Ribatejana*, nacionais, como o *Diario Illustrado*, *O Tiro Civil*, o *Tiro & Sport*, a *Ilustração Portuguesa*, *A Parodia* e *O Occidente*, e internacionais, como o *Jornal de Seguros* e a *Gazeta de Noticias*, onde as referências às deslocações e organizações de eventos de José Pereira Palha Blanco são constantes. Há ainda outras publicações governamentais e científicas que foram consultadas, nomeadamente o *Código Administrativo de 1886 [e] 1894*, o *Inquerito industrial de 1890* e o *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa*.

Quanto às metodologias adoptadas e usadas para esta investigação julgo que não será necessário desenvolver este tópico, porque ao longo da introdução têm vindo a ser explicadas nos vários tópicos que a compõem.

Poderia ainda ter ido mais longe nesta investigação, contudo o difícil acesso a alguns arquivos deixou de permitir que tratasse alguns assuntos que queria ter tratado de princípio. A questão da vinda dos “ratinhos”, originários da beira, para o ribatejo em busca de trabalho nas propriedades de Palha Blanco era constante e poderia ter sido um tópico curioso, interessante e inovador, contudo a desorganização do arquivo particular da família Pereira Palha e a eventual falta de informação, à partida, não me permitiram tratar esse tópico. Talvez seja um assunto a tratar num futuro próximo. Resta-me ainda referir que a pandemia dificultou as metodologias adotadas de princípio para a realização desta investigação, levando-me à adaptação/alteração da estrutura do trabalho e condicionando-me por diversas vezes a pesquisa.

1.^a parte

A família e o património, as redes de influência e as relações com o centro político

Capítulo I – As origens da família Pereira Palha e a rápida ascensão social

1.1. Considerações sobre a família e a sua posição social: a justificação da nobreza e a concessão de armas

As origens da família Pereira Palha remontam ao Alentejo, segundo se percebe com a leitura de alguns documentos relativos aos representantes mais recuados desta família, o cónego António Pereira Palha¹² e o seu irmão José Pereira Palha, Capitão-Mor da Vidigueira e da Vila de Frades¹³, filhos de um segundo casamento de Estêvão Pereira, «estaqueiro e mercador de grossos cabedais», com Luísa Maria Palha¹⁴. Há quem recue a origem desta família ao século XII, considerando que «o antepassado mais frequentemente referido é Pereira Palha Almeida, que em 1385 fez parte do grupo de combatentes portugueses, que venceu os castelhanos em Aljubarrota, assegurando a independência de Portugal»¹⁵, mas como é perceptível a junção dos apelidos Pereira e Palha apenas se verificou nos inícios do século XVIII, aquando do casamento dos já referidos Estêvão Pereira e Luísa Maria Palha¹⁶, não sendo portanto possível fazer essa ligação até Pereira Palha Almeida e à batalha de Aljubarrota. Sugerem ainda que «o nome Palha poderá ter resultado de uma alcunha resultante do hábito bem português de mascar uma palha entre os dentes, a menos que mais prosaicamente se tratasse dos populares palitos ainda hoje em voga no país»¹⁷, mas – como é evidente – não é exequível a confirmação desta possibilidade remota, por falta de fundamento histórico e fidedigno.

¹² *Diligência de Habilitação de António Pereira Palha*, ANTT, 1741, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, António, mç. 91, doc. 1700.

¹³ *Processo de leitura do bacharel Estêvão José Pereira Palha*, ANTT, 1758, Desembargo do Paço, Leitura de bacharéis, letra E, mç. 1, n.º 48.

¹⁴ GALVÃO-TELLES, João Bernardo, *A Quinta das Almeidas – um pedaço de história do Alentejo*, [s.l.], LMT Consultores em História e Património, 2019, p. 33.

¹⁵ DUPUY, Pierre, *Palha – Alquimia da Bravura*, Torres Novas, Edições Castelão, 2005, p. 28.

¹⁶ *Casamentos*, Paróquia da Vidigueira, ADB, 1697-1794, cota D2.CX1075, fols. 38-38v.

¹⁷ DUPUY, Pierre, *ibidem*, p. 28.

O referido cónego António Pereira Palha, herdando o gosto e a capacidade de negociar dos pais¹⁸, que anos antes haviam instituído um vínculo, começa a arrematar propriedades e no final da sua vida, reiterando a doação que já havia feito, deixa em testamento ao seu sobrinho Estêvão José Pereira Palha (1733-1803¹⁹) a administração do dito vínculo, com a anexação das propriedades que foi comprando²⁰.

A sucessão do bacharel Estêvão José Pereira Palha na administração do morgado da família é explicada pelo simples facto de ser o único filho varão do casamento de José Pereira Palha (1710-1780), Mestre de Campo da Comarca de Vila Viçosa e de Beja, com D. Domingas Teresa Coelho Serrão (1710-1783)²¹, tendo apenas duas irmãs: D. Maria Manuela Palha; e D. Luísa Manuela Palha²². É a seu favor que, em Setembro de 1759, o rei D. José passa uma carta de sentença cível de justificação de nobreza, concedendo-lhe o uso de armas, escudos e sinetes que lhe eram devidos pelo apelido Pereira de seus ascendentes paternos²³. Com esta justificação de nobreza e rápida ascensão social, muito representativa da burguesia que deseja ardentemente – e que chega mesmo a – ascender socialmente e a ganhar um determinado estatuto, Estêvão José Pereira Palha foi feito Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1760²⁴ e Familiar do Santo Ofício em 1765²⁵ e, para além disso, assumiu ainda diversos cargos como o de Desembargador da Relação e Casa do Porto²⁶. Ainda que seja possível perceber que esta rápida ascensão social se deveu ao poder económico e patrimonial da família, bem como às relações estabelecidas pelo seu casamento, o certo é que Estêvão José foi considerado «*Pessoa de boa vida, e costumes*», «*christão velho, limpo, e sem raça alguma de christão novo, mouro, mulato, ou de outra qualquer infecta nação*», e que nunca se tinha ouvido dizer que houvesse fama contra a pureza do seu sangue ou dos seus ascendentes.²⁷

¹⁸ GALVÃO-TELLES, João Bernardo, *ibidem*, p. 33/41.

¹⁹ MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *Os 1.ºs Condes da Foz: ascendência e descendência*, Porto, Livraria Esquina, 1996, p. 29.

²⁰ *Testamento do Pe. António Pereira Palha, natural de Évora*, ADE, 1800, cota Cx.46, n.º 67.

²¹ MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 29.

²² *Estêvão José Pereira Palha*, ANTT, 1772, Registo Geral das Mercês, D. Maria I, livro 27, fol. 253/255v.

²³ *Sentença cível de justificação de nobreza de Estêvão José Pereira Palha*, ANTT, 1759, Casa Real, Cartório da Nobreza, mç. 68, n.º 73.

²⁴ *Diligência de Habilitação para a Ordem de Cristo de Estêvão José Pereira Palha*, ANTT, 1760, Mesa da Consciência e Ordens, Habilitações para a Ordem de Cristo, Letra E, mç. 2 n.º 3.

²⁵ *Diligência de Habilitação de Estêvão José Pereira Palha*, ANTT, 1765, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Estêvão, mç. 5, doc. 74.

²⁶ *Estêvão José Pereira Palha*, ANTT, 1772, Registo Geral das Mercês, D. Maria I, livro 27, fol. 253.

²⁷ *Processo de leitura do bacharel Estêvão José Pereira Palha*, *ibidem*.

Certamente que o desejo de ascensão social que lhe corria nas veias teve uma grande preponderância naquela que escolheria para ser sua mulher, ainda para mais depois de “haver sido feito nobre”, tendo sido escolhida para tal D. Ana Bárbara Crispiniana de Faria Barbosa Fagundes (1752-1830)²⁸, filha do desembargador Romão José Rosa Guião e Abreu e de sua mulher D. Isabel Maria Esméria de Faria Barbosa Fagundes, com celebração do mesmo casamento em 1772²⁹. Foi José Pereira Palha de Faria Guião (1788-1854)³⁰, único filho varão deste casamento que se presume encontrar vivo à data da morte dos pais, que sucedeu a seu pai na administração do morgado, em cuja pessoa o estatuto e importância da família Pereira Palha estão já assegurados e perfeitamente consolidados.

José Pereira Palha de Faria Guião contraiu matrimónio pela 1.^a vez com D. Maria Luísa Machado, filha do Dr. Caetano José da Gama Machado e de sua mulher D. Ana Florência Bandeira³¹, e pela 2.^a vez com D. Maria do Carmo de Faria e Lacerda (1761-1828)³², filha do desembargador João José de Faria Mascarenhas e Mello e de sua mulher D. Maria da Piedade Lacerda³³. Do 1.^o casamento teve apenas duas filhas (Ana Adelaide Pereira Palha de Faria Machado; e outra que morreu pouco tempo após nascer³⁴) e do 2.^o casamento teve 9 filhos: Estêvão José Pereira Palha de Faria Lacerda (1815-1861)³⁵, sucessor no morgado, que casou pela 1.^a vez com D. Maria do Patrocínio Osório Cabral Pereira da Silva e Menezes (1825-1855) e pela 2.^a vez com D. Maria do Carmo de Faria Palha³⁶; João Pereira Palha de Faria Lacerda (1817-1879)³⁷; D. Maria da Piedade Palha de Faria Lacerda (1820-1905)³⁸, que casou pela 1.^a vez com José Pedro de Faria Mascarenhas Mello de Lacerda³⁹ e pela 2.^a vez com Constantino Nicolau Pereira Bastos⁴⁰;

²⁸ MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 29.

²⁹ *Casamentos*, Paróquia de São Mamede, ANTT, 1747-1774, cota Lv C1 - Cx 8, fol. 70.

³⁰ MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 31.

³¹ *Casamentos*, Paróquia da Madalena, ANTT, 1777-1818, cota Lv C2 - Cx 10, fols. 323 / 327-327v.

³² MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 33.

³³ *Casamentos*, Paróquia de São Mamede, ANTT, 1793-1816, cota Lv C3 - Cx 8, fol. 215.

³⁴ *Batismos*, Paróquia da Madalena, ANTT, 1798-1833, cota Lv B4 - Cx 5, fols. 83-83v / 85-85v; *Óbitos*, Paróquia da Madalena, ANTT, 1786-1850, cota Lv O2 - Cx 14, fol. 148v; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 32.

³⁵ *Batismos*, Paróquia dos Mártires, ANTT, 1811-1827, cota Lv B5 - Cx 2, fol. 37v; *Óbitos*, Paróquia de Carnaxide, ANTT, 1861, cota Lv O11 - Cx 25, fol. 9v.

³⁶ *Casamentos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1825-1842, cota Lv C13 - Cx 46, fol. 198; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 33.

³⁷ *Batismos*, Paróquia dos Mártires, ANTT, 1811-1827, cota Lv B5 - Cx 2, fol. 52; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 33.

³⁸ *Batismos*, Paróquia dos Mártires, ANTT, 1811-1827, cota Lv B5 - Cx 2, fol. 87; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 34.

³⁹ *Casamentos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1825-1842, cota Lv C13 - Cx 46, fols. 144v-145.

⁴⁰ *Casamentos*, Paróquia de São José, ANTT, 1848-1857, cota Lv C17 - Cx 18, fol. 7.

José Augusto Palha de Faria (1821-1886)⁴¹; D. Maria Benedita Pereira Palha de Faria Lacerda (1822-1885⁴²), que casou com Francisco de Paula Raposo de Sousa d'Alte Espargosa (1830-1911)⁴³; António José Pereira Palha de Faria Lacerda (1818-1870⁴⁴), que casou com D. Laura Rodriguez Blanco⁴⁵; D. Mariana Georgina Pereira Palha de Faria Lacerda (1823-1898⁴⁶), que casou com o barão da Foz, Gil Guedes Correia de Queiroz Castelo Branco (1795-1870)⁴⁷; Joaquim Pereira Palha de Faria Lacerda (n. 1825⁴⁸); e Francisco José Pereira Palha de Faria Lacerda (1827-1890)⁴⁹.

Nos finais do século XIX, esta família era já considerada uma das mais distintas e prestigiadas famílias de Portugal «onde, a par da fidalguia de raça, existe o mais bello exemplo do trabalho, manifestando, quer n'uma ou n'outra feição, requintes de delicadeza, extremos de generosidade e de phylantropia que uma vez conhecidos, adquire-se a noção exacta do que define uma família que tem sempre sido alvo da maior consideração e respeito»⁵⁰. Nesse período destacam-se personagens ilustres como Francisco José Pereira Palha de Faria Guião Lacerda, que foi Comissário Régio do Teatro D. Maria II⁵¹ e posteriormente Diretor Técnico do Teatro da Trindade⁵², Fernando Pereira Palha Osório Cabral, que foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa⁵³ e proprietário de uma das mais importantes livrarias do século XIX⁵⁴, D. Mariana Georgina Pereira

⁴¹ *Batismos*, Paróquia dos Mártires, ANTT, 1811-1827, cota Lv B5 - Cx 2, fol. 97v; *Óbitos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1883-1887, cota Lv O21 - Cx 69, fol. 20v.

⁴² *Batismos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1818-1838, cota Lv B16 - Cx 11, fol. 104; *Óbitos*, Paróquia do Coração de Jesus, ANTT, 1880-1888, cota Lv O5 - Cx 14, fol. 82.

⁴³ *Casamentos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1842-1859, cota Lv C14 - Cx 46, fol. 56v; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 34.

⁴⁴ *Batismos*, Paróquia dos Mártires, ANTT, 1811-1827, cota Lv B5 - Cx 2, fol. 74v; *Óbitos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1869-1872, cota Lv O14 - Cx 67, fols. 94-94v.

⁴⁵ *Casamentos*, Paróquia da Encarnação, ANTT, 1848-1856, cota Lv 21 - Cx 22, fol. 80v.

⁴⁶ *Batismos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1818-1838, cota Lv B16 - Cx 11, fol. 130; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 34.

⁴⁷ *Casamentos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1842-1859, cota Lv C14 - Cx 46, fol. 37; MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 37/40.

⁴⁸ *Batismos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1818-1838, cota Lv B16 - Cx 11, fol. 170.

⁴⁹ *Batismos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1818-1838, cota Lv B16 - Cx 11, fol. 207; *Óbitos*, Paróquia do Sacramento, ANTT, 1890, cota Lv O14 - Cx 29, fol. 3v; Apenas se colocaram as datas de nascimento e morte conhecidas, aparecendo sem estas datas as pessoas das quais não há conhecimento das mesmas.

⁵⁰ MONTEIRO, João, «Palha Blanco», in *Tiro & Sport*, Ano XIII, n.º 369, Lisboa, Typ. do Anuario Commercial, 1907, p. [4].

⁵¹ MARTINS, Levi, *Francisco Palha*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2019, p. 51.

⁵² *Ibidem*, p. 78.

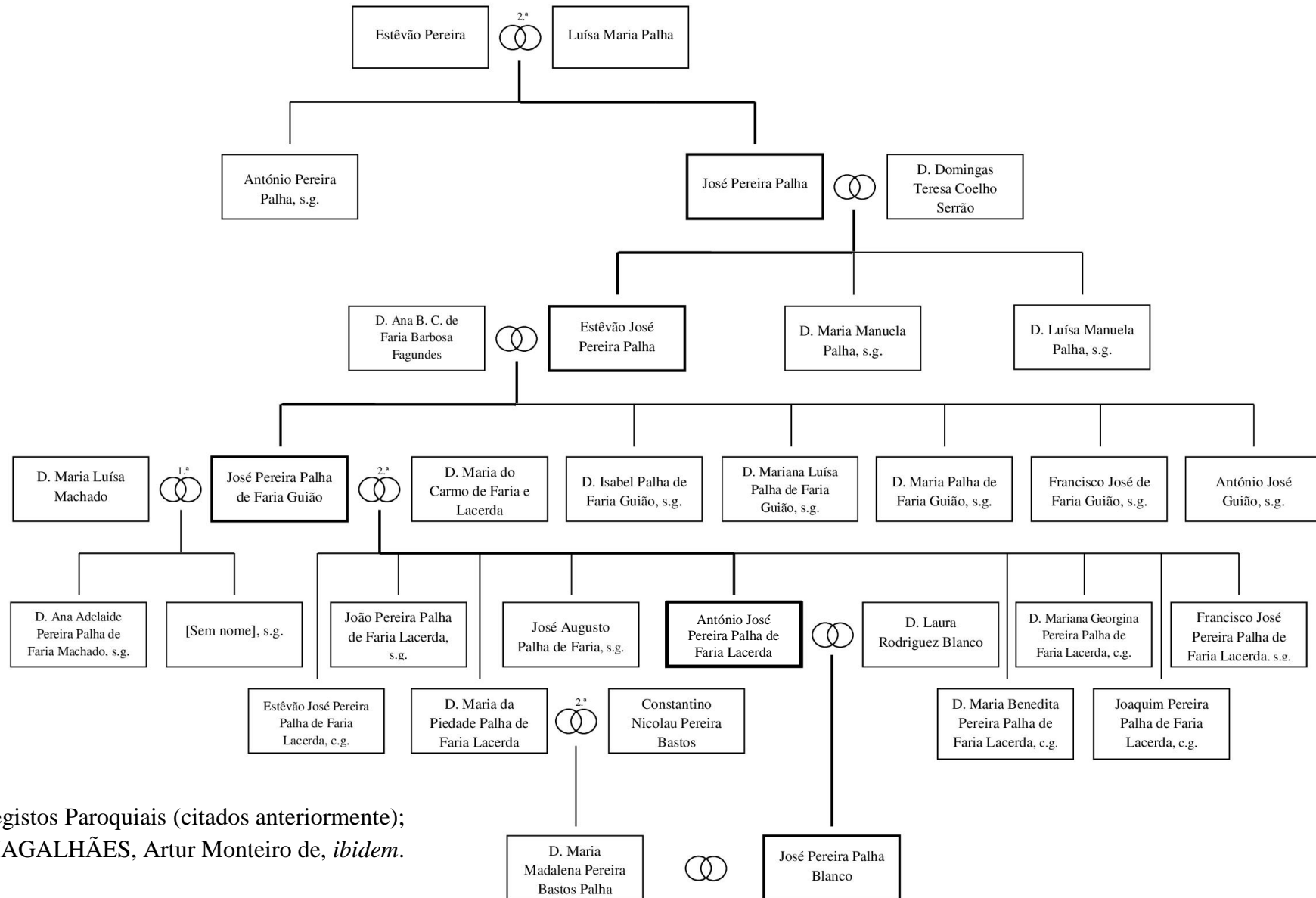
⁵³ *Edital da Câmara Municipal de Lisboa*, CAMRTC, 1888.

⁵⁴ *Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*, CAMRTC, 1896.

Palha de Faria Lacerda, que casou com o 1º Conde da Foz⁵⁵, e o próprio José Pereira Palha Blanco.

⁵⁵ MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*, p. 34;

Fig. 1 – Breve genealogia da família Pereira Palha entre os séculos XVII-XX



Fonte: Registos Paroquiais (citados anteriormente);
MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *ibidem*.

1.2. Breves traços biográficos de José Pereira Palha Blanco

Fig. 2 – José Pereira Palha Blanco na Quinta das Areias, em 1907



Fonte: *Tiro e Sport*, ano XIII, n.º 369, 1907

José Pereira Palha Blanco nasceu na cidade de Lisboa, na rua da Emenda, no dia 14 de Janeiro de 1854, sendo o filho primogénito e único de António José Pereira Palha de Faria Lacerda e de sua mulher D. Laura Rodriguez Blanco. Foi batizado na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em Lisboa, aos 31 dias do acima referido mês e ano, pelo Reverendo Padre António José Afonso, tendo como padrinho o avô paterno, José Pereira Palha de Faria Guião – representado por seu procurador e filho Estêvão José Pereira Palha de Faria Lacerda –, e madrinha a avó materna, D. Maria del Sacramento García Barroso.⁵⁶ Neto pela via paterna dos já referidos José Pereira Palha de Faria Guião e sua mulher D. Maria do Carmo de Faria de Lacerda e pela materna de D. Juan Rodriguez Blanco, Cadete do Regimento de Infantaria⁵⁷, e de sua mulher D. Maria del Sacramento García Barroso.

⁵⁶ *Batismos*, Paróquia da Encarnação, ANTT, 1832-1854, cota Lv 24 - Cx 10, fol. 373v; O padrinho e avô paterno vem referido como «*Guimarães*», mas foi certamente erro do sacerdote, pois o avô paterno seria Guião; Optei por colocar o nome de solteira da avó paterna e não «*Maria do Sacramento de Blanco*».

⁵⁷ *Libre y seguro Pasaporte de D. Juan Rodriguez Blanco*, AFPP (TQA), 1813. Por desgaste da tinta não foi possível compreender de que regimento espanhol se trata.

Dizia o professor e historiador Luís Rebelo da Silva, sobre José Pereira Palha Blanco, que aos catorze anos foi declarado pelos médicos como incapaz de chegar e ir além dos dezoito anos de idade por lhe haver sido diagnosticada uma afeção cardíaca⁵⁸, mas o certo é que teve uma vida longa e memorável. Foi precisamente a poucos meses de completar os dezoito anos de idade, a 3 de Junho de 1871, que casou, na presença do prior João Joaquim Henriques e Abreu, na Igreja de Santa Engrácia, freguesia do mesmo nome e concelho de Lisboa, com sua prima D. Maria Madalena Pereira Bastos Palha, filha de Constantino Nicolau Pereira Bastos e de sua mulher D. Maria da Piedade Palha de Faria Lacerda⁵⁹, de quem teve quatro filhos: António José Pereira Palha (1872-1926⁶⁰); Constantino Nicolau Pereira Palha (1874-1910⁶¹); D. Maria do Carmo Pereira Palha (1875-1965⁶²); e D. Laura Pereira Palha (1877-1944⁶³).

Os elogios que lhe são tecidos pelo Dr. Motta Cabral, quinze anos após a sua morte, permitem compreender a personalidade e o carácter deste lavrador, a par de alguns aspectos da sua vida: *«viveu vida intensiva de trabalho esse homem superiormente dotado para a ocupação da lavoura cuja labuta suportava com amor aliado a um poder de visão intuitiva que dele fez um lavrador na mais alta acepção da palavra, pois com raro bom-senso ensaiava os métodos novos de aperfeiçoamento de várias culturas praticáveis no nosso solo agrícola e deles soube tirar, em todos os ramos, ensinamentos, vantagens e proventos, desde o amanho cerealífero, à criação de gados em que marcou com relevo na península, às afamadas laranjas dos seus pomares, aos melões conhecidos nos mercados de todo o país, aos saborosos queijos de esmerado fabrico, aos seleccionados morangos que se vendiam nas casas de frutas do Chiado»*⁶⁴.

Há duas histórias que envolvem o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia que são dignas de registo para ajudar a traçar o perfil deste lavrador. A primeira passou-se

⁵⁸ CABRAL, Dr. Motta, «José Pereira Palha Blanco», in *[jornal desconhecido]*, CAMRTC, 1952, p. [3].

⁵⁹ *Casamentos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1864-1872, cota Lv C17 - Cx 47, fols. 238v. e 239.

⁶⁰ *Batismos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1872, cota Lv B24 - Cx 14, fols. 71v e 72; MONTEIRO, João, «António José Pereira Palha – No 11.º aniversário da sua morte», in *Vida Ribatejana*, ano XXI, n.º 753, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1937, p. 1.

⁶¹ *Batismos*, Paróquia de Alcântara, ANTT, 1873-1874, cota Distrito de Lisboa, Concelho de Lisboa, Freguesia de Alcântara, livro de batismos n.º 31, cx. 11, 6/47/13/2, fol. 93; Não há confirmação documental da data da morte, mas a tradição familiar aponta este como o ano da sua morte.

⁶² *Batismos*, Paróquia de Alcântara, ANTT, 1875, cota Distrito de Lisboa, Concelho de Lisboa, Freguesia de Alcântara, livro de batismos n.º 32, cx. 11, 6/47/13/2, fols. 121 e 121v; *Recordatório de Maria do Carmo Pereira Palha*, CAMRTC, 1965.

⁶³ *Batismos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1877, cota Lv B29 - Cx 15, fol. 32; *Livro de Registos de Óbitos*, Administração do Concelho de Vila Franca de Xira, ANTT, 1944, s/ cota, fol. 70v.

⁶⁴ CABRAL, Dr. Motta, *ibidem*, p. [3]

aquando da inauguração do seu *château* na Quinta das Areias e da Praça de Toiros de Vila Franca de Xira, nos inícios do século XX, quando na sala de jantar da dita casa, Sua Majestade El-Rei D. Carlos tem a honra de brindar a Palha Blanco da seguinte maneira: «*Eu, Carlos de Bragança, lavrador no Alentejo, bebo à saúde do rei dos lavradores portugueses*»⁶⁵. Esta singela homenagem do rei de Portugal permitiu não só sobrepôr «*à mais alta categoria representativa da espécie humana uma inteligência superior e uma personalidade admirável de íntegro português, possuidor até daqueles defeitos que se tornam inseparáveis das grandes qualidades que colocam um homem muito acima do comum*»⁶⁶, como o surgimento de um certo mito em torno de Palha Blanco, que perdurará ao longo dos anos. A segunda passou-se aquando de uma das suas visitas aos paços reais em que trocara «*o chapéu de aba larga pelo chapéu alto e a jaleca pela sobrecasaca*»⁶⁷. Estranhando a ausência de flores nas salas que atravessava, a rainha D. Amélia ter-lhe-á sorrido e dito «*Faltam-me as suas*»⁶⁸, ao que Palha Blanco respondeu alguns dias depois com «*um vagon de rosas que, por lembrança e rasgo de grand-seigneur, (...) fizera sair da estação do caminho de ferro de Vila Franca*»⁶⁹.

Acima de tudo, Palha Blanco era um benemérito que – ao que tudo indica – sempre ajudou os que de si se abeiraram e os que sentiu necessitados. Exemplo disto foi a sua atitude perante os terramotos que atingiram essencialmente as regiões de Benavente e Vila Franca de Xira em 1909, oferecendo trabalho a cem operários da vila de Benavente, ao invés de estar apenas preocupado com as suas propriedades e os seus edifícios que ruíram⁷⁰. O mesmo se passou em Julho de 1906 quando ajudou na extinção de um incêndio que se manifestou numa das suas searas de trigo e noutra do marquês de Castelo Melhor, tendo recebido algumas queimaduras nas mãos.⁷¹

Foi na manhã do dia 9 de Junho de 1937, pelas nove horas e quarenta e cinco minutos, que na sua Quinta das Areias – depois de longos anos “prostrado” no quarto

⁶⁵ *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 2.ª série, n.º [?], Lisboa, [s.n.], 1960, p. 114.

⁶⁶ CABRAL, Dr. Motta, *ibidem*, p. [3].

⁶⁷ CABRAL, Dr. Motta, *ibidem*, p. [3].

⁶⁸ CABRAL, Dr. Motta, *ibidem*, p. [3].

⁶⁹ CABRAL, Dr. Motta, *ibidem*, p. [4].

⁷⁰ «Os terramotos em Portugal», in *Gazeta de Notícias*, ano XXXV, n.º 137, Rio de Janeiro, [s.n.], 1909, p. 4, 6.ª coluna; Para mais questões relacionadas com estes terramotos ver CHOFFAT, Paul, BENSUAUDE, Alfredo, *Estudos sobre o sismo do Ribatejo de 23 de Abril de 1909*, Lisboa, Serviço Geológico de Portugal, 1912.

⁷¹ «Sinistros», in *Jornal de Seguros*, ano I, n.º 12, Lisboa, Typ. A Publicidade, 1906, p. 7, 1.ª coluna.

devido a uma neurastenia ou psicastenia⁷² – morre José Pereira Palha Blanco devido a uma colecistite⁷³. A sua figura – enaltecida por muitos em diversos jornais da época –, enquanto administrador de um extenso conjunto de propriedades no Ribatejo, é o exemplo perfeito daquilo que se poderia considerar a figura-tipo de um conjunto de capitalistas agrários, descendentes da nobreza, readaptada aos novos tempos, e de uma burguesia em ascensão⁷⁴. (ver anexo n.º 1)

1.3. José P. Palha Blanco: colecionador do seu tempo. Do chateau aos jardins

1.3.1. O Chateau da Quinta das Areias e os jardins: um espaço romântico ao gosto de Oitocentos

O *Chateau* da Quinta das Areias data de finais do século XIX e terá sido inaugurado já nos inícios do século XX, não se conhecendo a data oficial da sua inauguração. Sabemos apenas que em 1905 já estaria concluído, aquando da passagem do rei D. Carlos⁷⁵. Pelos relatos de descendentes sabe-se que as plantas originais da casa ainda existem, mas há alguns anos que o seu paradeiro permanece desconhecido, não sendo possível identificar o arquiteto responsável pelo desenho. Sabe-se que foram adquiridas em Paris pelo próprio Palha Blanco, aquando da sua passagem pela Exposição Universal de 1889⁷⁶. Ainda antes da construção do *chateau*, já a Quinta das Areias tinha sido eleita por Palha Blanco para ser o seu assento de lavoura, lugar de onde havia de gerir toda a sua exploração agrícola, habitando a família no chamado Pátio das Areias, solar primitivo da dita quinta, com um traçado simples de linhas retas.

Este tipo de construção, claramente romântica, usado para a edificação do *chateau* não tem propriamente um estilo arquitetónico e mesmo que pudesse ser caracterizado por algum, não parece haver consenso quanto àquele em que se enquadra, pois uns consideram-no em estilo neogótico⁷⁷, outros em estilo renascença⁷⁸ e outros no

⁷² CABRAL, Motta, «José Pereira Palha Blanco», in *Nação Portuguesa: revista de cultura nacionalista*, vol. XI, Fasc. I, Lisboa, [s.n.], 1937, p. 39.

⁷³ *Óbitos*, ANTT, Administração do Concelho de Vila Franca de Xira, Livro de Registos de Óbitos, 1937, fol. 93.

⁷⁴ NUNES, Graça Soares, *Vila Franca de Xira: Economia e Sociedade na Instalação do Liberalismo (1820-1850)*, Lisboa, Edições Colibri, 2006, p.72.

⁷⁵ *Ilustração Portuguesa*, 1.ª série, n.º 91, Lisboa, [s.n.], 1905, p. 619.

⁷⁶ *O Campino*, 11.º ano, n.º 557, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 2.ª coluna.

⁷⁷ RAIMUNDO, Orlando, *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre...: Património da Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2011, p. 19

⁷⁸ PIMENTEL, Alberto, *A Extremadura Portuguesa*, Lisboa, Ed. Livraria Moderna, 1908, p. 162.

género inglês⁷⁹. Os jardins e o parque, ou mata, que cercam o *château* contribuem para esta confusão pelos modelos e estilos que seguem, como se perceberá mais adiante com algumas descrições.

São várias as descrições do *château* e dos jardins que datam dos inícios do século XX, pelo que – para uma maior perceção do aspecto e estrutura do mesmo – se transcreverão três descrições:

«A residencia da quinta das Areias domina a linha ferrea de entre um fundo de arvoredo espesso, avultando o pinheiral, sobre uma suave encosta. E' uma vivenda magnifica e opulenta, um «chateau» principesco, em estylo Renascença. A fachada que diz para a linha tem um duplo terraço, correspondente aos dois pisos do edificio, e abrange um extenso horizonte de lezírias e povoações na margem esquerda do Tejo. O terraço inferior fica ao nivel da sala de recepção, onde as portas e chaminé são guarnecidas de lindos azulejos da Andaluzia, e as paredes revestidas de retratos de familia e copias de quadros celebres. E' neste mesmo pavimento que se encontra a casa de jantar, a sala do bilhar, e a capella, tão notavel pelas suas preciosas miniaturas em marfim. Uma alameda umbrosa conduz do portão á outra fachada que dá acesso ao edificio por um pórtico alpendrado em seis columnas. Os jardins, tão opulentos de flores, especialmente rosas, que fazem parede aos arruamentos ou se penduram das arvores engrinaldando-as como um parasol florido, ficam na frente d'esta fachada, dilatando-se para a encosta ao fundo e para um e outro lado. No segundo pavimento do edificio são os aposentos particulares, e n'um dos andares superiores do torreão tem o sr. Palha Blanco o escriptorio, d'onde se alcança um vasto e encantador panorama, a perder de vista, terra e agua, campina e Tejo, n'uma área de muitas leguas. [...] A maior ou menor distancia da casa de habitação ficam as dependencias d'ella, separadas umas das outras, as abegoarias e officinas, hangares e depositos, arrecadações de machinas e outros instrumentos agricolas, lagares e celeiro, tudo em grande, como nas residências senhoriaes da Idade-Media ou nos conventos ricos do Minho. [...]» (Alberto Pimentel, 1908)⁸⁰

«O palácio dos Palha Blanco, edificado pelo actual representante da família, na Herdade das Areias, próximo a Vila Franca, avista-se do caminho de ferro. É no género inglês, cercado de um parque, construído sobre um pano de fundo de arvoredo e

⁷⁹ DIAS, Carlos Malheiro, *Ciclorama Crítico de um Tempo – Antologia*, Lisboa, Vega, 1982, p. 68.

⁸⁰ PIMENTEL, Alberto, *ibidem*, p. 162-163.

dominando, do alto dos seus terraços e torreões, as propriedades vastíssimas dos senhorios, as lezírias e mouchões, onde pastam os cavaleiros e os touros, os campos onde aloiram os trigos, os vinhedos extensos, os pomares e hortas regados, a planície interminável [...].» (Carlos Malheiro Dias, 1904)⁸¹

«[...] n'esse verdadeiro paraíso que é a Quinta das Areias, onde o copado arvoredo, as plantas raras, os laranjeiros e as rosas, que ali se cultivam intensamente aos milhares de milhares, formam o conjunto mais encantador, que a imaginação d'um poeta poderia sonhar! A formosíssima vivenda do sr. Palha Blanco rivalisa com a decantada Cintra, que lord Byron celebrou no seu afamado poema. A Quinta das Areias é uma verdadeira maravilha, que merece ser conhecida de quantos exaltam apenas o que há de celebre no estrangeiro, esquecendo por ignorância as belezas naturais do nosso país.» (1907)⁸²

Há quem afirme que este *château* da Quinta das Areias, seguindo um modelo de alguns *châteaux* franceses da região de Bordéus, influenciou o modelo usado na reconstrução da casa da Quinta da Aveleda, pertencente à família Guedes, através da relação e convivência de ambas as famílias, ligadas por parentesco próximo⁸³. Será pouco provável esta influência no modelo de construção, uma vez que as construções dos edifícios da Quinta das Areias e da Quinta da Aveleda em nada se assemelham, ainda que o espaço e o misticismo envolvente sigam uma mesma lógica idílica. Há ainda outros edifícios em Portugal que, influenciados por essa mesma arquitetura francesa que entra no país em pleno século XIX, seguem este tipo de construção, nomeadamente o *Chalet Ficalho*, em Cascais, e o Palácio dos Duques de Palmela, no Estoril.

A preferência pela designação *château* deve-se ao facto de assim ser referido na documentação da época. Ainda assim, é evidente que a propriedade de Palha Blanco não se assemelha na totalidade aos ditos *châteaux* franceses, uma vez que a dimensão e envolvência fazem diferir a sua possível classificação. Referindo-se ao mesmo edifício, José-Augusto França optou pela terminologia de palacete⁸⁴. O mesmo autor faz a

⁸¹ DIAS, Carlos Malheiro, *ibidem.*, p. 68.

⁸² *O Occidente*, 30.º ano, vol. XXX, n.º 1021, Lisboa, Typ. do Anuario Commercial, 1907, p. 99, 1.ª coluna.

⁸³ GUEDES, Roberto, *Aveleda – A Família e a Empresa*, [s.l.], Aveleda, 2019, p. 60.

⁸⁴ FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. II, Venda Nova, Bertrand Editora, 3.ª edição, 1990, p. 81.

distinção entre palácio e palacete considerando que, no seu entender, o primeiro serve a aristocracia e o palacete servirá uma burguesia endinheirada e geralmente cidadina⁸⁵.

No nosso entendimento esta construção, tal como as semelhantes na época oitocentista portuguesa, apresentam-se como casas de veraneio, pelo que lhe poderíamos atribuir a denominação de *chalet*. Todavia, dada a dificultosa classificação e não conhecendo nós o que seria o projecto totalmente construído, optámos pela terminologia à época – *Château* da Quinta das Areias.

1.3.2. O mobiliário, a azulejaria e a pintura decorativa do interior do château

A moda colecionista que D. Fernando tinha deixado por Portugal não será indiferente a Palha Blanco que no interior do *château*, seguindo uma tradição de opulência e bom gosto para os parâmetros da época, conservava ornamentos dos mais diversos que se podiam encontrar numa casa cercada de luxo⁸⁶.

Em termos de azulejaria, aquando da passagem de Santos Simões pela Quinta das Areias foi feito um levantamento, permitindo-nos conhecer os azulejos existentes, mas não a sua proveniência: na varanda de entrada existe um silhar de oito de alto com azulejos de vasos e anjos, com uma cercadura de dois azulejos de acantos, datando de c. 1720-40 e tendo sido muitos deles restaurados; no vestíbulo existe um silhar de dez de alto com painéis representando cenas da lavoura, sendo as cercaduras de acantos com um medalhão central de máscara segura por anjos, levando a crer que a cercadura não condiz com os azulejos centrais que se julgam mais modernos; na escadaria grande, que leva ao primeiro andar, os azulejos que existem datam de c. 1760-80, representando cenas de caça, sendo as cabeceiras recortadas e rematadas por urnas e florões.⁸⁷

O relatório das avaliações, realizado em 1937, dava conta da existência de mais de 300 peças inventariadas, não sendo possível fazer uma descrição de tudo o que compunha as várias divisões do *château* (Casa de Entrada ou Vestíbulo; Sala Verde ou do Bilhar; Sala Grande; Entrada da Escada Grande; Casa de Jantar; etc.). Uma vez mais, a melhor maneira de perceber que tipo de peças existiam neste *château* é recorrer às descrições da época:

⁸⁵ *Ibidem.*, p. 349.

⁸⁶ DIAS, Carlos Malheiro, *ibidem*, p. 67.

⁸⁷ *Quinta das Areias da Família Palha Blanco, Povos (Vila Franca de Xira)*, CSS, Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, ident. EMD001.1733., [19--].

«[...] adornando as suas salas com quadros de Ribera e de Velásquez, cercando a sua casa com o perfume de mil laranjeiras, transportando para o silhar do seu vestibulo azulejos do século XVI. [...] Um vestibulo de entrada adornado com cabeças de touros e silhar de azulejos portugueses antigos, iluminado por um grande lampião de ferro forjado, abre para sala magnífica, cujas janelas dão acesso ao terraço amplo, de onde se abrange o surpreendente panorama do Tejo e das lezírias. Tem essa sala um rodapé de azulejos espanhóis, estilo Renascença; o tecto é em madeira do mesmo estilo. Adornam-lhe as paredes um Ribera autêntico, uma sumptuosa figura de mulher, forte e loira como uma flamenga, por um discípulo de Ticiano, e a cópia magnífica dos Borrachos de Velásquez. Os contadores de embutidos da Índia, os bufetes, armários holandeses, louças da China, Sévres, Sax, Wedgwood, Frakenthal, completam o ornamento dessa sala, onde uma grande ciência de conforto espalhou cadeiras cómodas, de marroquim e verga, sofás, chaises-longues e divãs por toda a parte onde o abat-jour de um candeeiro ou a proximidade de uma mesa – em que há ilustrações inglesas, perfumes de flores e livros franceses – convidam à quietação e à leitura. Na sala de jantar, que fica próxima, a mesma nobre disposição no adorno e uma elegância mais sóbria de linhas architectónicas deixam uma impressão de luxo severo, com os seus aparadores de carvalho com baixos-relevos de bronze, a mesa adornada de flores e louça da Índia [...].» (Carlos Malheiro Dias, 1904)⁸⁸

«O solar principesco que recebeu El-Rei é um repositório de verdaderas preciosidades artisticas, recordação de familia, pelas quaes o sr. Palha Blanco tem a maior veneração. Do vestibulo d'entrada da sumptuosa propriedade ao seu gabinete de trabalho succedem-se as salas vestidas de custosa tapeçaria ostentando celebres quadros d'auctor e sobre moveis antiquissimos, reliquias de familia, a que o seu proprietario presta verdadeiro culto, admiram-se obras d'arte, esplendidamente conservadas e a que prodigiosa reminiscencia do sr. José Palha dá vida com precisão de datas, nomes e factos que lhe estão ligados. [...]» (1905)⁸⁹

«A sua casa na Quinta das Areias em Villa Franca é um museu onde se encontram notaveis obras d'arte. E' um ninho de fadas onde o visitante se esquece da vida real para se deixar seduzir pelo attractivo de um sem numero de preciosidades e bibelots cheios de encanto a denunciarem duas cousas que nos merecem particular

⁸⁸ DIAS, Carlos Malheiro, *ibidem*, p. 67-69.

⁸⁹ *Diario Illustrado*, 35.º ano, n.º 11.635, Lisboa, [s.n.], 1905, p. 1.

menção: gosto artístico e mãos de mulher. Tapeçarias, louças, mobiliário, obras de talha riquíssimas, esculturas, quadros, tecidos vários, recordações do estrangeiro, etc.» (João Monteiro, 1907)⁹⁰

Esta é uma das grandes colecções do século XIX que chega quase inteira aos dias de hoje e que merecia um estudo aprofundado, fazendo um rastreio – quando possível – da origem, história e destino de cada peça. A importância não está só nas peças em si, mas no conjunto todo, que por um lado permite compreender as mentalidades da época no que diz respeito às colecções e por outro a própria história de cada tipo de conjunto (pintura, mobiliário, azulejaria, etc.).

1.3.3. A Capela de Nossa Senhora da Consolação

A Capela do *château*, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, fica localizada na torre da casa, pelo que tem um formato hexagonal. É relativamente pequena, tendo um retábulo trabalhado em talha dourada. O altar é em madeira com embutidos em marfim e noutras madeiras exóticas.

Quanto à imagem que se encontra no centro do retábulo, Nossa Senhora aparece representada com o Menino Jesus ao colo, segurando o Menino um livro, pelo que, ainda que o orago da capela e da quinta seja o de Senhora da Consolação, a imagem poderá dizer respeito a outra invocação mariana. Curioso aspeto é o de Nossa Senhora estar a apontar na direcção do Menino Jesus e do livro que este segura, levando-nos a crer que, numa dimensão transcendente e teológica, poderá estar a indicar o caminho e o rumo a seguir.

As paredes são adornadas de pequenas peças decorativas de devoção e, evidentemente, com temática religiosa, evidenciando-se os relicários que guardam as relíquias de santos, um conjunto de catorze molduras de prata com estampas representando a *Via-Sacra*, um Cristo de grandes dimensões, alguns baixo-relevos, os vários quadros pintados e estampados, etc.⁹¹.

Destacam-se ainda três conjuntos de peças (sacras, imagens e baixo-relevos), que pertenceram a D. Laura Rodriguez Blanco, pelo facto de em 1882 terem estado em exposição no Museu Nacional de Belas Artes, aquando da importante exposição de

⁹⁰ MONTEIRO, João, «Palha Blanco», in *Tiro e Sport*, ano XIII, n.º 369, Lisboa, [s.n.], 1907, p. 4-5.

⁹¹ *Relatório das avaliações*, AFPP (TQA), 1937.

exemplares de arte ornamental e decorativa de origem espanhola e portuguesa, por iniciativa de D. Fernando II, rei consorte de Portugal e Duque de Saxonia Coburgo Gotha. O conjunto de três sacras, que contêm alguns dos textos imutáveis da Missa e utilizadas, pelo sacerdote, como auxiliar de memória, são de prata com molduras de marfim. São um trabalho italiano do século XVIII, em estilo Luís XV.⁹² As sete imagens de santos são em marfim, assentando em seis pedestais também de marfim lavrado, em que duas têm a túnica de ébano⁹³, representando Nossa Senhora com o Menino Jesus, São José, etc. Os oito baixo-relevos em marfim, que se encontram numa das paredes do lado do evangelho, em torno de um Cristo crucificado de grandes dimensões em marfim, representam algumas cenas bíblicas: a anunciação da Virgem; a adoração dos pastores; a adoração dos reis magos; a Sagrada Família; São Jerónimo; Nossa Senhora com o Menino e São João; Santa Maria Madalena; e São Joaquim, Santa Ana e Nossa Senhora. Estão em caixilhos de ébano com adornos de prata e são um trabalho italiano do século XVIII.⁹⁴ Esta exposição, para muitas figuras emergentes no mundo colecionista, serviu como confirmação social e é precisamente neste âmbito que devemos encarar o emergente colecionador de Vila Franca.

Em 1937, aquando da morte de Palha Blanco, a capela com praticamente todo o seu recheio foi avaliada em cerca de 9.170\$00, excluindo as pratas e os quadros⁹⁵.

1.4. A presença de Palha Blanco na «high life» da época

1.4.1. Percursos de uma vida na imprensa da época

A vida social de algumas individualidades que se destacaram na sociedade no século XIX e XX era, na maior parte das vezes, relatada com detalhe na imprensa da época. Evidentemente que só em casos mais particulares havia notícia constante da rotina, verificando-se tal situação com maior frequência na imprensa local. Pretendendo-se ter uma ideia de como seria a rotina de Palha Blanco, procedeu-se a um levantamento de algumas notícias da época, que permitem compreender os percursos desta figura, ainda que por vezes haja um grande distanciamento temporal entre as mesmas.

⁹² *Catalogo ilustrado da exposição retrospectiva de arte ornamental portuguesa e hespanhola celebrada em Lisboa em 1882 sob a protecção de sua magestade El-Rei o senhor D. Luiz I e a presidencia de sua magestade El-Rei o senhor D. Fernando II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882, p. 233. (sala L)

⁹³ *Ibidem*, p. 196. (sala K)

⁹⁴ *Ibidem*, p. 231. (sala L)

⁹⁵ *Relatório das avaliações*, AFPP (TQA), 1937.

Neste caso concreto, as muitas e variadas notícias acerca de Palha Blanco davam informação acerca de diversas matérias relacionadas com a sua vida, nomeadamente com a saúde (incómodos⁹⁶, asma⁹⁷, fígado⁹⁸, e outras enfermidades⁹⁹), as deslocações e regresso do estrangeiro e de outras zonas do país (feiras em Paris¹⁰⁰, veraneio em São Martinho do Porto¹⁰¹ e na Figueira da Foz¹⁰², corridas de toiros em Portugal¹⁰³ e Espanha¹⁰⁴, e outras deslocações¹⁰⁵), as festas e encontros sociais (festejos natalícios com jantares e bailes¹⁰⁶, saraus¹⁰⁷, entre outros¹⁰⁸), as homenagens musicais¹⁰⁹, os acidentes¹¹⁰, o descanso e veraneio com a família¹¹¹, entre outras¹¹². Transcrevem-se algumas adiante.

16 Jun 1874 - «*Parte brevemente para a sua elegante e magnífica quinta do Dafundo o sr. Fernando Palha Osorio e sua esposa [...] Teremos breve n'aquelle famoso arrabalde de Lisboa [...] o sr. José Pereira Palha Blanco e sua esposa [...] Esta sociedade basta por si só para tornar agradável a permanencia n'aquelle local.*»¹¹³

⁹⁶ *O Campino*, 11.º ano, n.º 522, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 3.ª coluna.

⁹⁷ *O Campino*, 13.º ano, n.º 646, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 4.ª coluna.

⁹⁸ *Vida Ribatejana*, ano XXI, n.º 744, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1937, p. 2, 3.ª coluna.

⁹⁹ *O Campino*, 16.º ano, n.º 796, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 2, 1.ª coluna; *O Campino*, 17.º ano, n.º 848, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 2, 3.ª coluna; *O Campino*, 17.º ano, n.º 848, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 3, 1.ª coluna; *Vida Ribatejana*, ano XXI, n.º 741, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1937, p. 2, 4.ª coluna; *Vida Ribatejana*, ano XXI, n.º 742, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1937, p. 1, 4.ª coluna; *Vida Ribatejana*, ano XXI, n.º 745, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1937, p. 1, 4.ª coluna.

¹⁰⁰ *O Campino*, 14.º ano, n.º 676, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 2, 5.ª coluna; *O Campino*, 11.º ano, n.º 540, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 2.ª coluna.

¹⁰¹ *O Campino*, 14.º ano, n.º 695, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 2, 1.ª coluna.

¹⁰² «High-Life», in *Diario Illustrado*, 25.º ano, n.º 8:402, Lisboa, [s.n.], 1896, p. 1, 6.ª coluna.

¹⁰³ «High-Life», in *Diario Illustrado*, 5.º ano, n.º 1299, Lisboa, [s.n.], 1876, p. 2, 1.ª coluna.

¹⁰⁴ *O Campino*, 13.º ano, n.º 616, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 3.ª coluna; *O Campino*, 13.º ano, n.º 629, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 5.ª coluna; *O Campino*, 16.º ano, n.º 775, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 2, 3.ª coluna; *O Campino*, 16.º ano, n.º 776, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 2, 1.ª coluna; *O Campino*, 16.º ano, n.º 796, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 1, 5.ª coluna.

¹⁰⁵ *O Campino*, 13.º ano, n.º 636, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 3, 2.ª coluna; *O Campino*, 13.º ano, n.º 647, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 4.ª coluna; «High-Life», in *Diario Illustrado*, 21.º ano, n.º 6:963, Lisboa, [s.n.], 1892, p. 1, 6.ª coluna.

¹⁰⁶ *O Campino*, 16.º ano, n.º 803, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 1, 5.ª coluna.

¹⁰⁷ *O Campino*, 17.º ano, n.º 814, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 3, 1.ª coluna.

¹⁰⁸ *O Campino*, 6.º ano, n.º 264, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1884, p. 2, 3.ª coluna.

¹⁰⁹ *O Campino*, 15.º ano, n.º 712, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 1, 2.ª coluna; *O Campino*, 15.º ano, n.º 735, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 1.ª coluna; *O Campino*, 18.º ano, n.º 877, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1896, p. 3, 1.ª coluna.

¹¹⁰ *O Campino*, 12.º ano, n.º 585, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 2, 3.ª e 4.ª colunas; «Sinistros», in *Jornal de Seguros*, ano I, n.º 12, Lisboa, Typ. A Publicidade, 1906, p. 6, 2.ª coluna, p. 7, 1.ª coluna.

¹¹¹ *O Campino*, 4.º ano, n.º 160, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1882, p. 2, 2.ª coluna; *O Campino*, 16.º ano, n.º 782, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 2, 5.ª coluna.

¹¹² *O Campino*, 13.º ano, n.º 645, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 1.ª coluna.

¹¹³ «High-Life», in *Diario Illustrado*, 3.º ano, n.º 635, Lisboa, [s.n.], 1874, p. 2, 2.ª e 3.ª colunas.

- 8 Jul 1882 - «Realisou-se no dia 4 do corrente a eleição da mesa da Misericórdia d'esta vila, ficando eleitos os srs. José Pereira Palha Blanco, provedor [...]»¹¹⁴
- 12 Mai 1883 - «Já regressou de Hespanha, onde estava ha tempos, o ex.mo sr. José Pereira Palha Blanco [...]. Achando-se em Sevilha, o sr. Palha, uma noite n'um café, ia sendo victima d'um assassino [...]»¹¹⁵
- 8 Jun 1889 - «Partiram na terça-feira para Madrid, onde foram assistir á corrida dos touros portuguezes, os ex.^{mos} sr. José Palha e D. Manuel da Gama. Devem regressar hoje ou àmanhã.»¹¹⁶
- 7 Set 1889 - «Parte brevemente para Paris o nosso illustre amigo e afamado ganadero ribatejano, ex.^{mo} sr. José Pereira Palha Blanco.»¹¹⁷
- 1 Out 1889 - «Regressou de Paris o sr. José Palha Blanco.»¹¹⁸
- 20 Dez 1890 - «A convite do sr. presidente da camara [Palha Blanco] reuniram-se hontem nos paços do concelho os principaes taberneiros de todo o municipio [...] A reunião [...] terminou perto das tres horas da tarde.»¹¹⁹
- 17 Jan 1891 - «Partiu para Madrid, d'onde seguirá para Sevilha e outros pontos de Hespanha, o nosso illustre amigo sr. José Pereira Palha. Déve regressar na proxima semana.»¹²⁰
- 16 Abr 1892 - «Castanheira [...] O sr. Presidente da Camara [Palha Blanco] foi no domingo assistir á missa e esteve contemplando a irregular collocação das ditas arvores.»¹²¹
- 21 Out 1893 - «Acompanhado de sua ex.^{ma} familia partiu para Madrid, o digno presidente d'este municipio e afamado ganadero, ex.^{mo} sr. José Pereira Palha Blanco.»¹²²

¹¹⁴ *O Campino*, 4.º ano, n.º 166, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1882, p. 3, 1.ª coluna.

¹¹⁵ *O Campino*, 5.º ano, n.º 210, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1883, p. 2, 2.ª coluna.

¹¹⁶ *O Campino*, 11.º ano, n.º 524, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 1, 4.ª coluna.

¹¹⁷ *O Campino*, 11.º ano, n.º 557, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 2.ª coluna.

¹¹⁸ «High-Life», in *Diario Illustrado*, 18.º ano, n.º 5:923, Lisboa, [s.n.], 1889, p. 3, 1.ª coluna.

¹¹⁹ *O Campino*, 12.º ano, n.º 603, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 3, 1.ª e 2.ª colunas.

¹²⁰ *O Campino*, 13.º ano, n.º 607, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 2.ª e 3.ª colunas.

¹²¹ *O Campino*, 14.º ano, n.º 672, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 2, 2.ª coluna.

¹²² *O Campino*, 15.º ano, n.º 749, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 2.ª coluna.

17 Mai 1909 - «O importante lavrador Sr. Palha Blanco, que estava em Sevilha, regressou ás suas propriedades, em Benavente, visitando-as todas, hontem, acompanhado pelo infante D. Affonso.»¹²³

1.4.2. Influências e relações com as elites

Na segunda metade do século XIX, em Vila Franca de Xira, à semelhança do resto do reino, a estratificação da sociedade era inerente ao estabelecimento de um conjunto de relações de interdependência entre classes. No topo da sociedade, as elites locais, comandavam as atividades económicas da região, ao mesmo tempo que representavam o poder político. Os chefes das famílias aristocratas, preponderantes no campo da política, dedicavam-se aos «negócios agrícolas, na defesa e alargamento do património»¹²⁴. Estes grandes capitalistas agrários, detentores de grandes propriedades, forneciam emprego a uma grande parte da população das regiões onde tinham os seus domínios.

As grandes propriedades agrícolas da região encontravam-se distribuídas pelos latifundiários-lavradores, tais como o Conde de Farrobo (fundador e acionista da Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado), Palha Blanco e José Bento de Araújo (proprietário também noutras regiões do país), a par de uma nobreza depauperada, que em alguns casos nem se dedicava à exploração agrícola, utilizando o campo apenas para a ociosidade e lazer. Como é notório, a riqueza encontrava-se bastante associada à posse da terra, permitindo uma consequente afirmação dos seus detentores que, com capital próprio, ditavam na maior parte das vezes os investimentos e melhoramentos dos municípios que controlavam¹²⁵.

Naturalmente, José Pereira Palha Blanco estabeleceu uma rede de influências na zona da lezíria ribatejana, que dominara económica e politicamente durante a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. O cacique, “*imagem quase intocável junto das populações*”¹²⁶, contribuiu para a manutenção da imagem do poder régio a nível regional, tornando-se, ainda, útil ao poder regenerador, uma vez que auxiliaram o

¹²³ «Os terramotos em Portugal», in *Gazeta de Noticias*, ano XXXV, n.º 137, Rio de Janeiro, [s.n.], 1909, p. 4, 6.ª coluna.

¹²⁴ SANTOS, David, *Ateneu Artístico Vilafranquense: Da Monarquia Constitucional à Adesão Europeia*, Lisboa / Vila Franca de Xira, Edições Colibri / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2008, p. 60.

¹²⁵ NUNES, Graça Soares, *ibidem*, p. 72.

¹²⁶ SANTOS, David, *ibidem*, p. 65.

prolongamento da monarquia constitucional. As figuras locais, em contexto de eleições, tinham geralmente um maior número de votos, em relação às figuras nacionais dos partidos políticos. “A predominância do cacique era um elemento fundamental do partido ao qual estava incumbido o controlo da política local”¹²⁷. Sucessivamente, esta estratégia permitiu ao partido Regenerador a obtenção de apoios políticos nas províncias. Em Vila Franca de Xira, Palha Blanco conseguiu esse monopólio político até à queda da monarquia e, por estranho que pareça, até à sua morte em 1937, não da mesma maneira, tendo atravessado toda a Primeira República e os inícios do Estado Novo. Ainda assim, declarou-se sempre como monárquico e defendia a «*conservação da monarchia como unico meio de conservar a (...) autonomia e a riqueza das (...) colonias, principal valor d’este paiz*»¹²⁸.

A correspondência pessoal remetida e recebida por Palha Blanco, ainda que muitíssimo reduzida, permite compreender a rede clientelar por ele estabelecida, nomeadamente com os lavradores Luís Xavier da Gama¹²⁹ e Joaquim Ribeiro Telles¹³⁰, com o militar Francisco Joaquim Ferreira do Amaral¹³¹, com o Visconde de Coruche¹³², com o Duque de Veragua¹³³, entre outros. Convém ainda realçar a sua relação com diversos titulares e demais nobres portugueses, bastante perceptível aquando das ferras e tentas de gado que organizava nas suas propriedades, como mais adiante se verificará. Certamente a sua presença em alguns clubes e associações, nomeadamente no Real Club Tauromáquico Português¹³⁴, na Associação Portuguesa de Caçadores¹³⁵ e na Real Associação Central de Agricultura Portuguesa¹³⁶, contribuiu também para o estabelecimento desta rede de influências e do seu prestígio.

¹²⁷ SILVA, Ana Cristina Nunes da, MESQUITA, Idalina Maria Costeira, PALMELÃO, Marina Fernandes, «Eleições em Vila Franca de Xira em 1904», in *Cira. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*, n.º 4, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1989-90, p. 13.

¹²⁸ *Cartas de José Pereira Palha Blanco para Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*, ANTT, Família Ferreira de Amaral, cx. 4, mct. José Pereira Palha Blanco, doc. 3, [s.d.].

¹²⁹ *Carta de Luís Xavier da Gama para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), [19--].

¹³⁰ *Carta do escritório de José Pereira Palha Blanco para Joaquim Ribeiro Telles*, AFRT, 1916.

¹³¹ *Cartas de José Pereira Palha Blanco para Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*, ANTT, Família Ferreira de Amaral, cx. 4, mct. José Pereira Palha Blanco, docs. 1-4, [datas várias].

¹³² *Carta do escritório do Visconde de Coruche para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

¹³³ *Carta do Duque de Veragua, D. Cristóbal, para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1915.

¹³⁴ *Recibo do pagamento da quota do Real Club Tauromachico Portuguez*, AFPP (TQA), 1903.

¹³⁵ *Recibo do pagamento da quota da Associação Portuguesa de Caçadores*, AFPP (TQA), 1903.

¹³⁶ *Livro das Actas da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa / Associação Central da Agricultura Portuguesa*, ARACAP/ACAP (Coudelaria de Alter), [datas várias].

Capítulo II – Palha Blanco e a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

2.1. As eleições e as dificuldades no governo municipal, o abandono de funções e as forças políticas republicanas

As eleições eram essenciais para legitimar o poder político, recrutar e selecionar as elites políticas e, ainda, controlar a sociedade¹³⁷. Teoricamente e legalmente era nas eleições que os caciques se focavam quando tentavam atrair um grande apoio da população local à sua causa política, em prol do desenvolvimento da região, sendo na maior parte das vezes (ou mesmo sempre) representantes do poder político da Monarquia Constitucional a nível local.

Palha Blanco foi de facto um desses representantes do poder político da Monarquia Constitucional, no município de Vila Franca de Xira, tendo sido um “símbolo do Partido Regenerador”¹³⁸. Para além de executar as linhas da política régia, intercedia junto da coroa, em nome das populações locais, procurando a manutenção da paz social, numa altura em que as dificuldades económicas e financeiras se agravavam. As novas ideias políticas e sociais, que chegaram a Portugal contribuíram, principalmente no fim do século XIX, para a instabilidade política, social e moral. O rotativismo dos partidos proporcionou o enfraquecimento da Regeneração, ao mesmo tempo que a monarquia começava a sentir a ameaça republicana e que, em 1910, levaria à sua queda.

Em Vila Franca de Xira, neste contexto, Palha Blanco, com o seu poder e influência, procurou evitar e combater a disseminação das ideias republicanas, ainda que a sua ação política e social, na conjuntura da época, não se tratasse de partidarismos, estabelecendo várias ligações quer com progressistas quer com republicanos. Prova disto é o facto de depois da implantação da República se ter adaptado ao novo regime e sabido usar isso em seu favor e dos seus conterrâneos, ainda que nos últimos anos da Monarquia Constitucional tenha tido alguma dificuldade, verificada no relato que faz ao Presidente do Conselho de Ministros, Francisco Joaquim Ferreira do Amaral: «(...) a *sympathia* que me merecem as unicas pessoas que restam da Família Real e ainda a obrigação de ajudar V. Ex.^a na dura missão de que o

¹³⁷ ALMEIDA, Pedro Tavares de, «Comportamentos eleitorais em Lisboa (1878-1910)», in *Análise Social*, vol. XXI (1.º), n.º 85, Lisboa, [s.n.], 1985, p. 112.

¹³⁸ SANTOS, David, *ibidem*, p. 64.

encarregaram, são sobejas razões para que eu não deixasse ao abandono todos os recursos que ainda me restam da perseguição feita á minha influencia pelos governos progressista, da concentração liberal e franquista, unindo-se aos republicanos e aproveitando todas as occasiões de enfraquecerem o meu prestigio e os direitos que me assistiam pelos beneficios que a minha casa, por mim e pelos meus antepassados, tem feito a este concelho (...)»¹³⁹.

É difícil traçar o percurso político de José Pereira Palha Blanco até ocupar o cargo de presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pela falta de informação detalhada sobre esta questão. O que podemos afirmar com certeza é o facto de, pelo menos desde 1886, ser eleitor¹⁴⁰ e, por consequência, elegível, uma vez que cumpria os critérios prescritos pela legislação eleitoral (saber ler, escrever e contar¹⁴¹), estando, evidentemente, inscrito no recenseamento eleitoral e político.

Ao que tudo indica, o nome de José Pereira Palha Blanco surge pela primeira vez associado à política local em vésperas das eleições para ocupar assento na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira no triénio de 1890 a 1893, dado que no dia anterior às eleições, a 2 de Novembro de 1889, o jornal *O Campino* faz uma apologia à lista na qual constava o seu nome, dizendo ao povo do concelho que bastava «o nome prestigioso do ex.^{mo} sr. José Pereira Palha Blanco, que pelo seu generoso coração, pela sua ilustração e pela sua fortuna se impõe ao respeito de todos, para que o futuro município seja a mais segura garantia de moralidade e boa administração»¹⁴².

O seu programa de administração municipal consistia em diminuir a despesa e em não despende um único real com obras que não fossem de imediata necessidade, descartando obras espantosas. Os seus propósitos surgem sintetizados ao seguinte: «*Economias e moralidade*»¹⁴³. Da sua lista – patrocinada pela maioria dos eleitores do concelho – eram considerados candidatos: para efectivos, para além dele, Artur César Pereira e João Fortunato Leitão; para substitutos José Pinto Botelho Neves, João Augusto Gens d’Azevedo e Manuel de Sousa Mendes; para Procurador à Junta Geral

¹³⁹ *Cartas de José Pereira Palha Blanco para Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*, ANTT, Família Ferreira de Amaral, cx. 4, mct. José Pereira Palha Blanco, doc. 3, fols. 1v-2.

¹⁴⁰ *Caderno dos eleitores das freguesias de São Vicente Martyr e Nossa Senhora d’Assumpção de Povos d’este Concelho (...)* 26 de Novembro de 1886, AMVFX, fundo CMVFX, G-Eleição, G/-Comissão do Recenseamento Eleitoral, 1871-1904. Os registos dos eleitores e elegíveis são muito escassos – quase inexistentes –, sendo difícil tirar conclusões mais elaboradas.

¹⁴¹ *Código Administrativo de 1886*, artigo 308.º, § 1.º, p. 126; *Código Administrativo de 1894*, artigo 216.º, § único, p. 88-89.

¹⁴² *O Campino*, ano 11.º, n.º 554, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 1.ª coluna.

¹⁴³ *O Campino*, ano 11.º, n.º 554, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 2.ª coluna.

efectivo Estêvão António d'Oliveira; e para Procurador à Junta Geral substituto Domingos Francisco d'Assis. O mesmo jornal fazia ainda questão de referir que «*com prejuizo dos negocios da sua vastissima casa e do seu socego proprio, teve a abnegação de consentir que o seu nome figurasse na lista*» e que «*poucas vezes os municipes terão occasião de ficarem tão dignamente representados e tão seguros da boa administração das suas contribuições, como na prezente occasião*»¹⁴⁴. A fidelidade da Câmara Municipal e do próprio presidente ao rei seria tal que em 7 de Março de 1891, a mesma Câmara, numa Representação, fazia questão de deixar claro estar «*profundamente magoada com a sublevação militar que teve logar no Porto no dia 31 de Janeiro ultimo*»¹⁴⁵. Felicitando o rei D. Carlos, a família real portuguesa e o governo pela referida ocorrência, protestou ainda «*em nome dos seus municipes, fidelidade a Vossa Majestade, acrisolada amizade a toda a Familia Real e respeito e obediencia à Lei*»¹⁴⁶.

Com tantos elogios e votos de confiança, que vêm comprovar o que afirmei anteriormente relativamente à relação com os republicanos, é interessante assinalar o facto de o referido jornal local ser propriedade de um republicano, Lino de Macedo, e ser redigido pelo mesmo.

Em 3 de Novembro de 1889, após os eleitores¹⁴⁷ das várias freguesias do concelho de Vila Franca de Xira terem votado na lista dos vereadores que lhes pareceu mais do seu agrado e que constituíram a referida Câmara Municipal e assim eger o presidente da mesma, foram eleitos os seguintes efectivos: Artur César Pereira; José Pereira Palha Blanco; João Fortunato Leitão Sénior; Augusto Curado e Silva; e António Augusto Tittel¹⁴⁸. Foram eleitos apenas cinco vereadores por se tratar de um concelho de terceira ordem, uma vez que a sua população era inferior a 15 000 habitantes¹⁴⁹. Estas eleições correram pacificamente e com moralidade, saindo vitoriosa a lista de José

¹⁴⁴ *O Campino*, ano 11.º, n.º 554, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 1.ª coluna.

¹⁴⁵ *Registo da correspondencia d'esde 29 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, AMVFX, Correspondência Expedida, 1891, fols. 125v-126.

¹⁴⁶ *Ibidem*, fol. 126.

¹⁴⁷ Na sinopse do número de eleitores no ano de 1890 comparada com a do ano imediatamente anterior, arquivada no Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira (Ano 1864/1906, G/B.001, Recenseamento Eleitoral), o número total de eleitores em 1889 é de 3.226, não correspondendo este valor com os dados publicados a 9 de Novembro 1889 no jornal *O Campino* - ver tabela 1. Evidentemente que a esse número, seja ele qual for, terão que ser descontados aqueles que não votaram, mas não há documentação que permita aferir quantos do número total de eleitores foram realmente votar.

¹⁴⁸ *Quadro do Procurador à Junta Geral do Districto, Vereadores do Concelho, Vogaes das Juntas de Parochia e dos Juizes de Paz, que hão-de servir no proximo triennio de 1890 a 1892*, AMVFX, fundo DASC, G/B.001, Câmara Municipal, Documentos, Recenseamento Eleitoral, 1864-1909.

¹⁴⁹ *Código Administrativo de 1886*, artigo 100.º § 1.º, p. 48.

Pereira Palha Blanco e dos seus amigos, que apenas começaram a trabalhar na mesma a quatro dias das eleições, não fazendo promessas ou ameaças nem comprando votos ou galopinando, tendo ainda contra si todos os regedores do concelho e quase todos os empregados da Câmara. Esta vitória, se tivermos em conta os dados apresentados na tabela 1, mostra de uma maneira clara e evidente quem tinha influência no concelho de Vila Franca de Xira.

Tabela 1 - Resultado geral das eleições municipais e distritais no concelho de Vila Franca de Xira, em 3 de Novembro de 1889

<i>Vereadores efetivos</i>	<i>Vila Franca</i>	<i>Alhandra</i>	<i>Alverca</i>	<i>Total</i>
<i>Listas entradas</i>	884	674	536	2 094
Artur César Pereira	863	608	530	2 001
José Pereira Palha Blanco	450	663	208	1 321
João Fortunato Leitão	442	663	208	1 313
Augusto Curado e Silva	430	11	330	771
António Augusto Titel	418	8	330	756
<i>Substitutos</i>				
Botelho Neves	442	662	203	1 307
Gens d’Azevedo	417	661	209	1 287
Francisco dos Reis Pinto	413		329	742
António José Baeta	402	10	195	607
Augusto Chamusco	26	657	65	748
Manuel de Sousa Mendes	396	10	196	602
António José Rodrigues	388	5		393
Lino de Macedo	14	1	140	155
<i>Procurador à Junta Geral</i>				
Estêvão António d’Oliveira Júnior	818	672	536	2 026
Dr. Manuel d’Arriaga	45			45
<i>Substitutos</i>				
Domingos Francisco d’Assis	371	667	210	1 248
José de Sousa Larcher	31			31

Fonte: O Campino, ano 11.º, n.º 545, 9 Novembro 1889, p. 2

Podemos afirmar que a influência no concelho não estava certamente com Augusto Curado e Silva, cabecilha da lista da oposição e que há cerca de dois ou três meses vinha trabalhando arduamente na sua reeleição. Lino de Macedo, redator do jornal *O Campino*, considerava que se não fosse o acordo proposto por Curado e Silva, na presença de José Luciano Cordeiro, e celebrado com Palha Blanco, que a derrota teria sido muito maior, uma vez que esse acordo provocou alguns dissabores entre os

amigos de Palha Blanco, deixando alguns de concorrer à urna. Tendo ainda assim sido eleito vereador efetivo, pelo facto de a lista de Palha Blanco apenas apresentar três candidatos, mesmo depois da derrota da sua lista, Augusto Curado e Silva declarava-se presidente pretérito, presente e futuro, como se ainda não aceitasse a derrota e a realidade.¹⁵⁰

Tomando posse os vereadores eleitos no dia 2 de Janeiro de 1890, nos Paços do Concelho, foi prestado juramento de fidelidade ao Rei e de obediência à Carta Constitucional, aos atos adicionais e às leis do reino¹⁵¹, como obrigava o Código Administrativo de 1886, no artigo 16.º. Procedeu-se em seguida à votação do presidente e do vice-presidente, tendo sido eleitos, respetivamente, os cidadãos José Pereira Palha Blanco, com quatro votos¹⁵², e Artur César Pereira, com três votos¹⁵³, ficando assim constituída a Câmara¹⁵⁴. Tendo-se procedido a nova votação para os cargos de presidente e vice-presidente, em sessão extraordinária de 2 de Janeiro de 1891, foram novamente eleitos Palha Blanco, com três votos a seu favor¹⁵⁵, e Artur César Pereira, com três votos¹⁵⁶, tomando ambos novamente os cargos que exerciam.¹⁵⁷ Em Janeiro de 1892, cumpridas as formalidades legais e apresentadas as listas, houve nova votação tendo os resultados sido os mesmo que no ano anterior¹⁵⁸.

Durante os primeiros meses, foi possível perceber o posicionamento da Câmara Municipal no contexto político nacional, pela reunião política – organizada em Março de 1890 – por Palha Blanco com a finalidade de apresentar e apoiar o candidato progressista pelo círculo de Vila Franca de Xira, Dr. António Centeno, que se dizia antes de progressista *«portuguez e defensor de todas as garantias liberaes e de todos os progressos, que via ameaçados pelo actual governo»*¹⁵⁹.

¹⁵⁰ *O Campino*, ano 11.º, n.º 545, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 2.ª a 5.ª colunas.

¹⁵¹ *Acta da constituição da Camara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira que hade servir no actual a trienio de 1890 a 1892*, AMVFX, Livro de Actas, 1887-1891, fol. 124v.

¹⁵² Encontrava-se um voto branco.

¹⁵³ Foi também votado para vice presidente Augusto Curado e Silva com um voto, encontrando-se ainda um voto em branco.

¹⁵⁴ *Acta da constituição da Camara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira que hade servir no actual a trienio de 1890 a 1892*, AMVFX, Livro de Actas, 1887-1891, fol. 125.

¹⁵⁵ Foi também votado Artur César Pereira com um voto.

¹⁵⁶ João Fortunato Leitão foi também votado com um voto.

¹⁵⁷ *Sessão extraordinaria de 2 de Janeiro de 1891*, AMVFX, Livro de Actas da Câmara Municipal, 1887-1891, fol. 182v.

¹⁵⁸ *Sessão extraordinaria de 2 de Janeiro de 1892*, AMVFX, Livro de Actas da Câmara Municipal, 1891-1895, fol. 24v.

¹⁵⁹ *O Campino*, ano XII, n.º 564, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 1, 3.ª e 4.ª colunas.

Tabela 2 - Resultado geral das eleições de delegados para pares no concelho de Vila Franca de Xira, em 30 de Março de 1890

<i>Nomes dos votados</i>	N.º de Votos nas Assembleias			
	1. ^a Assembleia de Vila Franca	2. ^a Assembleia de Alhandra	3. ^a Assembleia de Alverca	Total
Listas entradas	1 050	743	535	2 328
<i>Delegados</i>				
<i>Efetivos</i>				
Henrique de Roure Pietra	670	741	188	1 599
Luís Maria de Freitas	668	741	188	1 597
Marciano António Franco	663	741	188	1 592
António Pinto Magalhães Barros	374	2	323	699
Joaquim Ferreira Gomes Carneiro	371	2	322	695
José Augusto Pinheiro	368	2	322	692
Tomás José de Macedo Miranda	1			1
Manuel d'Arriaga	1			1
Luís António de Sousa	1			1
José Pereira Palha Blanco	1			1
Ernesto Augusto Farinha	1			1
Manuel Afonso de Carvalho	1			1
Dr. Domingos Nogueira			1	1
<i>Substitutos</i>				
Artur César Pereira	672	741	188	1 601
Alfredo Chaves Tinoco da Silva	671	741	188	1 600
João José de Sousa Chamusco	669	741	188	1 598
António Augusto Tittel	371	2	323	696
José d'Almeida Caldeira	371	2	323	690
João Filipe da Fonseca	373	2	323	698
José Dias da Silva	1			1
Joaquim Paulo d'Araújo	1			1
José Bento d'Araújo	1			1
José Casemiro Monteiro	1			1
Manuel de Sousa Mendes	1			1
Lino Augusto de Macedo e Valle	1			1

Fonte: *O Campino*, ano XII, n.º [56], 5 de Abril de 1890, p. 1

Tabela 3 - Resultado geral das eleições de deputados no concelho de Vila Franca de Xira, em 30 de Março de 1890

<i>Nomes dos votados</i>	N.º de Votos nas Assembleias			
	1. ^a Assembleia de Vila Franca	2. ^a Assembleia de Alhandra	3. ^a Assembleia de Alverca	Total
<i>Deputados</i>				
Dr. António Centeno	677	741	169	1 587
António Maria Jalles	367	2	327	696
Bernardino Pinheiro	6		22	28
Listas inutilizadas			16	16

Fonte: *O Campino*, ano XII, n.º [56], 5 de Abril de 1890, p. 1

A votação atingida é a mais alta em todas as Assembleias Concelhias, como se evidenciou nas tabelas 2 e 3, percebendo-se que o chamado “grupo de Palha Blanco” ganhou terreno e influência relativamente ao grupo de Augusto Curado e Silva¹⁶⁰, anterior presidente da Câmara, criticado por diversas vezes na imprensa da época¹⁶¹.

A actuação política de Palha Blanco, enquanto presidente da Câmara, reflectiu um posicionamento nacionalista e manifestamente patriótico, sendo exemplo claro disto, por exemplo, a atribuição do nome de Serpa Pinto a uma rua da vila, onde no dia da inauguração Palha Blanco «*levantou vivas a Serpa Pinto, á patria e ao povo de Villa Franca*»¹⁶². As relações clientelares e de influência eram muitas vezes apoiadas e estabelecidas no seio da própria família, daí não ser de estranhar encontrarmos incentivo na imprensa local vila-franquense a que se apoie a candidatura a deputado, pelo círculo n.º 72, de Fernando Pereira Palha Osório Cabral, primo de José Pereira Palha Blanco. Ainda que republicano, o redator do jornal *O Campino* não vê problema em promover um candidato filiado num partido monárquico, dadas as convicções democráticas e o carácter probo do mesmo, preferindo-o ao candidato republicano António Maria Jalles, a quem no concelho de Vila Franca «*nem individual nem colectivamente se lhe devem favores*»¹⁶³. O movimento republicano, bem como as suas forças políticas, em Vila Franca de Xira nesta época é de certa maneira complexo e prodigioso, que para

¹⁶⁰ *O Campino*, ano XII, n.º [56], Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 1, 5.^a coluna.

¹⁶¹ *O Campino*, ano XI, n.º 541, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 1, 5.^a coluna, p. 2, 1.^a coluna.

¹⁶² *O Campino*, ano XII, n.º 564, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 2, 2.^a coluna.

¹⁶³ *O Campino*, ano XIV, n.º 699, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 1, 1.^a coluna.

compreender o posicionamento de alguns republicanos no apoio que davam a Palha Blanco, monárquico assumido, seria necessário uma atenção demorada e singular que se debruçasse sobre o dito movimento no concelho¹⁶⁴.

Terminado o triénio para o qual a lista de Palha Blanco havia sido eleita, o mesmo organiza uma reunião política com os principais proprietários e as pessoas mais gradas do concelho com a finalidade de escolherem os indivíduos que deveriam fazer parte da vereação do próximo triénio. José Pereira Palha Blanco, tomando a palavra, disse que havia promovido aquela reunião para que fosse feita uma lista que a todos oferecesse garantias e merecesse simpatias, depois de consultados os principais elementos do concelho. O Administrador do Concelho propôs que fosse reeleita a atual vereação, tendo tido a aprovação de toda a assembleia, contudo o vice presidente da Câmara, Artur César Pereira, pediu dispensa porque as exigências da sua vida não o permitiam aceitar o cargo. Assim sendo, foi composta a seguinte lista: para efetivos José Pereira Palha Blanco, José Dias da Silva, Dr. Domingos d'Almeida Fernandes Nogueira, João Câncio e Francisco dos Reis Pinto; e para substitutos José Augusto da Cunha, António José Leite Bastos, João Augusto Gens d'Azevedo, João Gonçalves Baptista e Fernando J. da Costa Barreto. As palavras que José Dias da Silva dirige e Palha Blanco, em vésperas da escolha da lista, exemplificam na perfeição as qualidades que os candidatos deveriam ter: *«a gerencia da municipalidade só deve ser confiada a homens que, pela sua idade, ilustração, honestidade e posição social, sejam um penhor de boa administração»*¹⁶⁵.

A lista de Palha Blanco, olhando os dados da tabela adiante, saiu uma vez mais vitoriosa, ficando responsável pela gestão municipal no triénio de 1893 a 1895, e Augusto Curado e Silva nem se atreveu a concorrer em lista alguma para estas eleições. O procedimento foi o mesmo das eleições anteriores, sendo votado presidente José Pereira Palha Blanco, com quatro votos, e vice-presidente o Dr. Domingos d'Almeida Fernandes Nogueira, com quatro votos, passando ambos a ocupar o lugar para o qual foram escolhidos¹⁶⁶.

¹⁶⁴ A este propósito e para estas problemáticas vejam-se os *«Apontamentos para a historia do Movimento Republicano no concelho de Vila Franca de Xira (1881 a 1891)»*, de Lino de Macedo, e o *«Dicionário de História da I República e do Republicanismo»*, coordenado por Maria Fernanda Rollo.

¹⁶⁵ *O Campino*, ano XIV, n.º 701, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 2, 2.ª a 4.ª colunas.

¹⁶⁶ *Acta da constituição da Camara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira que hade servir no actual a trienio de 1893 a 1895*, AMVFX, Livro de Actas da Câmara Municipal, 1891-1895, fol. 68v;

Tabela 4 - Resultado geral das eleições municipais no concelho de Vila Franca de Xira, em 6 de Novembro de 1892

<i>Nomes dos votados</i>	Vila Franca	Alverca	Alhandra	Total
<i>Listas entradas</i>	636	517	756	1 909
<i>Para efetivos</i>				
José Pereira Palha Blanco	619	517	165	1 301
Dr. Domingos d'Almeida Fernandes Nogueira	616		507	1 123
José Dias da Silva	636		486	1 122
José Pedro Cândia	1	517	590	1 108
Francisco dos Reis Pinto	1	516	563	1 080
Tomás Ferreira Bezzina	13			13
Joaquim José Tarracha	13			13
Artur César Pereira	3			3
Francisco Ferreira Catalarranos		2		2
João Augusto Gens d'Azevedo	1			1
Luís Veiga da Cunha		1		1
César Augusto Gonçalves Ferreira		1		1
Luís Dias Venâncio			2	2
José Eduardo Gomes			1	1
João Dionísio da Cunha			1	1
Augusto José dos Santos			1	1
<i>Para substitutos</i>				
Fernando José da Costa Barreto	2	425	756	1 183
José Augusto da Cunha	619	517		1 136
António José Leite Bastos	633		433	1 066
João Baptista Ferreira	1	515	535	1 051
João Augusto Gens d'Azevedo	634		177	811
João Cândia	13			13
José Luís César		92		92
Luís Guerreiro		2		2
Domingos Pinto Ferreira		1		1
Anselmo E. Veiga da Cunha		1		1
Júlio Cardoso Freire		1		1
João Maria Pereira Botto Júnior			1	1
João Maximiano Ferreira			1	1
João Pedro dos Santos			1	1
Manuel d'Avó Frazão			1	1
Manuel Francisco Esteves			1	1

Fonte: *O Campino*, ano XIV, n.º 703, 9 Novembro 1892, p. 1

Foram também votados para p. o Dr. Domingos d'Almeida Fernandes Nogueira, com um voto, e para v.p. José Dias da Silva, com um voto.

Nos dois anos seguintes o procedimento foi o mesmo, sendo novamente eleito presidente, com três votos em 1894¹⁶⁷ e com dois votos em 1895¹⁶⁸.

No início de Janeiro de 1896, na primeira sessão do ano onde Palha Blanco não se encontrava presente por motivo justificado, é-lhe feito um elogio por tudo o que fez pelo município, como que se de uma carta de despedida se tratasse. Na sessão de 7 de Janeiro, Palha Blanco afasta-se oficialmente do poder da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.¹⁶⁹ O afastamento da vida política no término do triénio de 1893 a 1895 deveu-se certamente a questões de saúde, pela notícia de Setembro de 1895 que dá conta do regresso de Palha Blanco a Vila Franca de Xira vindo de Vichy, onde se encontrava a fazer uso das águas na tentativa de se aliviar¹⁷⁰. O referido voto de louvor com que é agraciado torna este argumento do seu afastamento mais provável, tendo existido vários testemunhos que demonstraram sentimento de profundo pesar pela sua retirada da gestão do município¹⁷¹.

Ainda que indiretamente, continuou a apoiar as listas compostas pelos seus amigos, saindo diversas vezes vitoriosas. São exemplo disso uma lista composta imediatamente por altura da sua saída da política, eleita para o triénio de 1896 a 1898 e composta, entre outros, por Artur César Pereira¹⁷², e outra lista, provavelmente para o triénio de 1899 a 1901, onde se apela a ida «*Á urna pela lista de Villa Franca! Á urna pelos amigos do Snr. José Palha!*»¹⁷³, ao invés da lista independente e contra a reeleição. (ver anexos n.º 2 e 3)

Aquando da sua morte em Junho de 1937, a mesma Câmara Municipal, sob a presidência do seu neto José Van Zeller Pereira Palha delibera formular um voto de pesar, em agradecimento pelos muitos e relevantes serviços que prestou ao concelho.¹⁷⁴

¹⁶⁷ *Sessão ordinária de 5 de Janeiro de 1894*, AMVFX, Livro de Actas da Câmara Municipal, 1891-1895, fols. 118v-119; Foi também votado António dos Reis Pinto, com um voto.

¹⁶⁸ *Sessão ordinária de 4 de Janeiro de 1895*, AMVFX, Livro de Actas da Câmara Municipal, 1891-1895, fols. 156-156v; Foi também votado José Dias da Silva, com um voto.

¹⁶⁹ *Acta da constituição da Camara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira que hade funcionar no actual a trienio de 1896 a 1898*, AMVFX, Livro de Actas da Câmara Municipal, 1895-1898, fols. 10-11.

¹⁷⁰ *O Campino*, ano XVII, n.º 848, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 2, 3.ª coluna.

¹⁷¹ *O Campino*, ano XVII, n.º 863, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1896, p. 1, 5.ª coluna.

¹⁷² *O Campino*, ano XVII, n.º 858, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 2, 5.ª coluna, p. 3, 1.ª coluna; *O Campino*, ano XVII, n.º 859, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 3, 1.ª coluna.

¹⁷³ *Propaganda eleitoral da lista dos amigos de José Pereira Palha Blanco aos eleitores de Vila Franca*, AMVFX, caixa G/A, Eleições para Deputados e Juiz de Paz.

¹⁷⁴ *Livro de Actas da Comissão Administrativa*, AMVFX, 1936-1938, fols. 115v-117v.

Tabela 5 - Resultados das eleições para o cargo de Presidente de Câmara do concelho de Vila Franca de Xira, por triénio (1890-1896)

Presidente Eleito	Atributos sociais	Ano	N.º de votantes	N.º de votos obtidos	Concorrência eleitoral	Concelho de Naturalidade	Linha política nacional	Linha política local
José Pereira Palha Blanco	Proprietário Lavrador	1890	4	4	Inexistente	Lisboa	Governamental	Independente
		1891	4	3	Baixa			
		1892	4	3	Baixa			
José Pereira Palha Blanco	Proprietário Lavrador	1893	5	4	Baixa	Lisboa	Governamental	Independente
		1894	4	3				
		1895	3	2				

Fonte: *Livros de Actas da Câmara Municipal* (citados anteriormente em nota de rodapé)

Tabela 6 - Resultados das eleições para o cargo de Vice-Presidente de Câmara do concelho de Vila Franca de Xira (1890-1896)

Vice-Presidente Eleito	Atributos sociais	Ano	N.º de votantes	N.º de votos obtidos	Concorrência eleitoral	Concelho de Naturalidade	Linha política nacional	Linha política local
Artur César Pereira	Farmacêutico Compositor	1890	4	3	Baixa	Vila Franca de Xira	Governamental [?]	Independente
		1891	4	3				
		1892	4	3				
Domingos d'Almeida Fernandes Nogueira	Advogado	1893	5	4	Baixa	Roge, Vale de Cambra	Governamental [?]	Independente
José Dias da Silva	Jornalista	1894	4	3	Baixa	Vila Franca de Xira	Não Governamental	Independente
José Dias da Silva	Jornalista	1895	3	2	Baixa	Vila Franca de Xira	Não Governamental	Independente

Fonte: *Livros de Actas da Câmara Municipal* (citados anteriormente em nota de rodapé)

2.2. O desenvolvimento económico e social no concelho

Ao longo do século XIX é indiscutível a transformação demográfica e social que sobreveio sobre grande parte da Europa. Houve um desenvolvimento e crescimento em diversas áreas da sociedade europeia, que mesmo em Portugal deixou marcas e caracterizou a segunda metade do longo século XIX. A Regeneração, para além da criação de diversas infraestruturas básicas que eram necessárias ao desenvolvimento do país, fomentou, acima de tudo, um crescimento económico centrado na construção de infraestruturas de transportes e comunicações, numa primeira tentativa de quebrar o isolamento de vastas regiões do país e de apoiar o desenvolvimento industrial e comercial português.¹⁷⁵

Ainda que seja uma época de grande crescimento económico, aliado a um aumento significativo da população e de expansão das cidades, a maneira como a intensidade e os efeitos destes processos se refletiram e sentiram foram diferentes, quando se equiparam os vários estados europeus. Se atentarmos à taxa de urbanização da Europa, associada a processos de planeamento urbano, de arquitetura, de saúde pública, etc., perceberemos rapidamente a evolução radical que esta sofreu entre 1850 e 1930, subindo de 19% para 48%, quando que em Portugal os valores para 1864 são de 13% e em 1930 são de 24%. Para além do último valor da taxa de urbanização ser metade do valor europeu, o facto de esta estabelecer uma relação com a evolução da riqueza nacional permite concluir que as dificuldades de modernização económica e social do país eram consideráveis¹⁷⁶.

Apesar dos factos, não podemos menosprezar nem desconsiderar o pouco desenvolvimento e a pouca modernização que pairaram sobre o país no período em causa, desenvolvimento e modernização pelos quais alguns homens patrióticos tentaram lutar e levar avante. A dedicação de Palha Blanco por Vila Franca de Xira, que o havia levado a concorrer às eleições municipais, proporcionou um grande impulso no desenvolvimento do concelho, datando dessa época diversas obras que perduram até aos dias de hoje.

¹⁷⁵ Para um maior aprofundamento destas questões vejam-se, por exemplo, os vários trabalhos de Miriam Halpern Pereira, de Pedro Lains e de Maria Fernanda Rollo.

¹⁷⁶ SILVEIRA, Luís Espinha da, ALVES, Daniel, LIMA, Nuno Miguel, ALCÂNTARA, Ana, PUIG-FARRÉ, Josep, «Caminhos de ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930», in *Ler história*, n.º 61, Lisboa, [s.n.], 2011, p. 7 / 21-22.

Em termos urbanísticos foi provavelmente a maior aposta que o concelho de Vila Franca de Xira alguma vez sofreu, não obstante outros melhoramentos que posteriormente terão sido levados a cabo por outros presidentes de câmara. A construção dos Paços do Concelho será certamente a obra arquitetónica com maior destaque, não só pela imponência do edifício, mas também pelo árduo trabalho em torno da aquisição do terreno e posterior construção no mesmo, despendendo-se com toda a obra cerca de 13:171\$340 réis. A aprovação do projecto e orçamento de reedificação dos referidos Paços deu-se a 6 de Junho de 1891, pelas onze horas da manhã¹⁷⁷, e a sua inauguração apenas ocorreu a 5 de Outubro de 1893¹⁷⁸, tendo sido trocada alguma correspondência sobre este assunto com João Pereira Caldas, com o Recebedor do Concelho, com o Governador Civil e com o Engenheiro-Diretor da 1.ª Circunscrição Hidráulica de Lisboa¹⁷⁹. Também a aquisição do edifício do Tribunal Judicial, pela quantia de 3:500\$000 réis – pagos em duas prestações –¹⁸⁰, a construção das cadeias municipais e as obras nas repartições do mesmo edifício foram da sua responsabilidade¹⁸¹.

No que diz respeito aos melhoramentos de estradas e acessos, no fundo às vias de comunicação, destacam-se a cobertura do ribeiro e a sua transformação na avenida Pedro Victor, a compra da estrada do Farrobo a D. Manuel Telles da Gama, a reconstrução da rua Nova, da rua de Trás, da travessa do Rasteiro d'Alhandra, das estradas da Alfarrobeira, das Cardozinhas, de Santo António, de Santa Sofia e da Suberra, as grandes e repetidas reparações das estradas de Vialonga e dos Caniços, as obras do cais de Alhandra – subsidiadas pelo governo com 400:000 réis – e ainda as várias reparações de calçadas, estradas e caminhos, bem como aquisições¹⁸².

Os progressos na medicina e no domínio sanitário foram constantes, contando o concelho com a presença assídua de um médico do partido, isto é, um médico remunerado pelo município que tinha a obrigação de prestar assistência em diversos

¹⁷⁷ *Registo da correspondência d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 113 – Vereadores Pinto, Tittel, e Leitão, AMVFX, 1891, fl. 137v.

¹⁷⁸ *Livro da acta da inauguração dos novos paços do município*, AMVFX, 1893.

¹⁷⁹ *Registo da correspondência d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 115, 126, 155, 180 e 227, AMVFX, 1891, fols. 138, 141, 148, 152 e 160.

¹⁸⁰ *Livro da acta da inauguração dos novos paços do município*, AMVFX, 1893.

¹⁸¹ *Livro de Actas da Câmara Municipal*, AMVFX, 1895-1898, fol. 7v.

¹⁸² *Livro de Actas da Câmara Municipal*, AMVFX, 1895-1898, fols. 7v-8; *Registo da correspondência d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 251, AMVFX, 1890, fols. 109v-110; *Registo da correspondência d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 83, 140, 177 e 237, AMVFX, 1891, fols. 131, 144, 151, 152 e 162.

assuntos com particular destaque na vacinação da população, como se vai percebendo na correspondência remetida pela Câmara Municipal aos diversos médicos que pelo concelho passaram, destacando-se o dr. António Soares Couceiro e o dr. Ernesto Augusto Farinha¹⁸³. O saneamento foi uma grande preocupação, tendo sido realizadas diversas obras ao nível do abastecimento de água potável, dos esgotos e, acima de tudo, da limpeza urbana. Procedeu-se a diversos encanamentos e canalizações, nomeadamente à substituição completa do encanamento da água da Mata, à canalização da rua do cais, ao nivelamento e canalização do largo do Marquês de Pombal, entre outros, havendo ainda a preocupação de instalar diversos tubos para a condução de água potável a vários chafarizes e fontes, que haviam sido construídos e remendados¹⁸⁴. A limpeza das ruas e praças tornou-se mais frequente, não só procurando incentivar os responsáveis a serem zelosos no seu trabalho, como a evitar a propagação de doenças através dos cães vadios, encomendando bolos para os mesmos, de modo a reduzir o seu número. Conseguiu-se ainda um subsídio do governo, no valor de 500:000 réis, para a limpeza do esteiro e rio de Alhandra¹⁸⁵.

Também na educação, numa época marcada por sucessivas tentativas de aposta em práticas e políticas educacionais, Palha Blanco, procurou incentivá-la através da criação de várias escolas masculinas e femininas, conseguindo um subsídio da Junta de Paróquia no valor de 2:000:000 réis, para a conclusão da escola do sexo feminino, e outro do governo, no valor de 600:000 réis, a favor da mesma escola¹⁸⁶.

Houve ainda algumas apostas com vista ao desenvolvimento dos meios de comunicação, da agricultura e da própria vila, que merecem destaque: a linha telefónica para os bombeiros, fazendo a ligação entre Alhandra e Vila Franca de Xira; a iluminação da via pública com candeeiros a gás; a aquisição de pelo menos dois

¹⁸³ *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 215 e 223, AMVFX, 1890, fols. 99v e 102.

¹⁸⁴ *Livro de Actas da Câmara Municipal*, AMVFX, 1895-1898, fols. 7v-8; *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 265, AMVFX, 1890, fol. 113; *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, Edital, N.º 81, 102, 124 e 185, AMVFX, 1891, fols. 127v-128, 130v, 135, 140v, 151v e 153.

¹⁸⁵ *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 227, AMVFX, 1890, fols. 102v-103; *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, Edital, N.º 35, 38 41, 100, 108, 122, 203 e 241, Edital, AMVFX, 1891, fols. 120-120v, 121, 121v, 122, 125v, 135, 136v, 140, 156 e 162v-163; *Livro de Actas da Câmara Municipal*, AMVFX, 1895-1898, fol. 8.

¹⁸⁶ *Livro de Actas da Câmara Municipal*, AMVFX, 1895-1898, fols. 7v-8; *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 228, AMVFX, 1890, fols. 103; *Registo da correspondencia d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 104, 105, 117, 148 e 206, AMVFX, 1891, fols. 135v, 139v, 148v e 156v.

relógios, um para a igreja paroquial e outro para o edifício da Câmara; a construção de um forno para a população cozer pão; e a constante aquisição de sulfureto de carbónio para distribuir pelos munícipes com a finalidade de tratarem as vinhas contra a filoxera, que estava a invadir o concelho¹⁸⁷.

Para além destes importantes e vastos melhoramentos, realizaram-se outros de menor importância, ainda que todos juntos fossem igualmente muitos e de grande dispêndio. A sua preocupação por todos os munícipes não permitiu que negligenciasse as mais pequenas exigências das várias povoações do concelho, atendendo a todos sempre que as circunstâncias o permitiam. Ainda assim, a sua acção não se limitou apenas a estas questões, mas conseguiu ainda realizar importantes economias, suprimindo gratificações e extinguindo ou declarando vagos lugares, e agradar a muitos com os serviços e diligente trabalho que prestou a propósito do recrutamento militar, deixando muitos de «*pagar a contribuição de sangue*»¹⁸⁸.

Por estes feitos mencionados e por aqueles que não são referidos, o agradecimento dos vereadores que com Palha Blanco serviram o município foi de tal ordem que longa foi a já referida mensagem deixada ao presidente. (ver anexo n.º 4)

Sendo o século XIX uma época de crescimento urbano intenso, é notório o crescimento que Vila Franca de Xira começava a atravessar a vários níveis, como já se vem percebendo. Não é de admirar esta situação, uma vez que se trata de uma vila à beira rio nas imediações de Lisboa. O tráfico fluvial facilitava o escoamento de produtos para a comercialização, bem como a entrada de outros, proporcionando um dinamismo e ritmo próprio nesta vila. O desenvolvimento industrial era iminente, a par de um desenvolvimento agrícola ambicionado e valorizado por grande parte dos lavradores da região, tornando-se real e concreto alguns anos mais tarde, no início do século XX.

¹⁸⁷ *Livro da acta da inauguração dos novos paços do município*, AMVFX, 1893; *Registo da correspondência d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 232 e 255, AMVFX, 1890, fols. 104 e 110v; *Registo da correspondência d'esde 27 de Janeiro de 1889 até 9 de Julho de 1892*, N.º 52, 97, 133, 179, 184, 204, 216, 259, AMVFX, 1891, fols. 124, 134v, 142, 151v-152, 152v, 156v, 158-158v, 166v.

¹⁸⁸ *Livro de Actas da Câmara Municipal*, AMVFX, 1895-1898, fol. 8.

2.^a parte

A lavoura e a indústria: investimento e modernização, inovação e distinção

Capítulo III – A formação da Casa Agrícola: as explorações e a produção agrícola

Na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX podemos ainda considerar a agricultura portuguesa muito deficitária naquilo que dizia respeito à sua modernização e industrialização, uma vez que depois da 1^a Guerra Mundial ainda se discutia se a industrialização do país deveria avançar ou não. Todos os setores necessitavam da aplicação de inovações e melhoramentos, incluindo a agricultura, tarefa em que se empenhavam intelectuais, professores, proprietários e políticos.¹⁸⁹

A partir de 1852, com a Regeneração, e no seguimento das novas lógicas de produção capitalista, inicia-se um período de desenvolvimento económico e progresso material. Ferreira da Lapa, diretor do Instituto Geral de Agronomia, afirmou, na exposição Agrícola de Lisboa de 1884, a importância da «*regeneração económica pela regeneração agrícola*»¹⁹⁰, o que demonstra não só o peso deste setor, como o seu imprescindível contributo para riqueza do reino.

A agricultura necessitava de alterações profundas, uma vez que algumas das estruturas agrárias do Antigo Regime permaneciam, apesar das mudanças decorrentes da Revolução Liberal. Os métodos e técnicas antigas de exploração da terra, o uso intensificado da mão-de-obra, assim como a ignorância relativamente aos progressos das ciências agrárias, úteis à prosperidade agrícola, agravavam os problemas estruturais da agricultura portuguesa. Mesmo com a divulgação da imprensa e da organização de exposições agrícolas, as inovações técnicas penetraram dificilmente nos campos portugueses. Contudo, mesmo com as resistências das estruturas agrárias tradicionais, a agricultura portuguesa alterou, em parte, o seu paradigma, através do desenvolvimento de novas técnicas de cultivo, instrumentos e aumento da área cultivada.¹⁹¹

¹⁸⁹ A propósito destas questões vejam-se os trabalhos de Maria Fernanda Rollo e de Pedro Lains.

¹⁹⁰ CALDAS, Eugénio de Castro, *A Agricultura na História de Portugal*, Lisboa, Empresa de Publicações Nacionais, 1998, p. 363.

¹⁹¹ Para um maior desenvolvimento deste assunto vejam-se os trabalhos de Fernando Oliveira Baptista e o «*Dicionário de História da I República e do Republicanismo*», coordenado por Maria Fernanda Rollo.

Os novos progressos técnicos e científicos, oitocentistas, verificados em diversos setores, nomeadamente no da química, no da siderurgia e no das máquinas e motores, permitiram o surgimento de alfaías agrícolas mecanizadas, adubos químicos e fitofármacos. Os próprios avanços da botânica e da zoologia, encontravam-se associados aos apuramentos de espécies, e de raças, que, posteriormente às experiências, eram aplicados às culturas agrícolas e diferentes tipos de gado.

Em Portugal, a partir de 1870, os adubos químicos começaram a ser utilizados nas explorações agrícolas, principalmente nas regiões do Ribatejo e da Estremadura, e por um pequeno número de agricultores, uma vez que o preço elevado do composto dificultava a adesão à novidade, assim como o ceticismo. Relativamente às alfaías agrícolas, as grandes novidades, foram dois tipos de charruas inglesas: a *Valcourt* e a *Dombasle*¹⁹², difundidas pela sua eficácia na lavoura e reviramento da leiva. O próprio arroteamento, de novas parcelas, exigia alfaías mais resistentes e reguláveis. Tendo em vista a divulgação destas novas alfaías, aos proprietários, entidades do governo procederam à organização de exposições agrícolas. A Junta Geral do Distrito de Lisboa realizou uma exposição agrícola em 1884, onde foram apresentados novos equipamentos agrícolas, dentro o tema dos “motores e máquinas”, novas composições de adubos químicos, e novos modelos de construção de infraestruturas agrícolas (nomeadamente sistemas de rega e estábulos)¹⁹³.

A utilização das novas alfaías, de grande dimensão e peso, era apenas possível nas propriedades de média e grande dimensão, excluindo a esmagadora maioria das explorações agrícolas, que eram de pequena dimensão. A capacidade económica e a literacia dos proprietários/lavradores ditava, também, o adquirir das máquinas, tendo em conta que a maioria dos agricultores tinham um poder de compra reduzido e resistiam à alteração dos hábitos e das práticas agrícolas. A debulhadora mecânica a vapor foi a máquina «*mais representativa da industrialização*»¹⁹⁴ da atividade agrícola, nomeadamente no Alentejo e no Ribatejo, as regiões agrárias onde predominam os latifúndios. Mesmo sendo a máquina mais complexa e dispendiosa, a sua utilização difundiu-se nas grandes explorações agrícolas (cujas produções se destinavam ao

¹⁹² MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal: O Liberalismo*, vol. V, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 330.

¹⁹³ CALDAS, Eugénio de Castro, *ibidem*, p. 361.

¹⁹⁴ MATTOSO, José (dir.), *ibidem*, p. 331.

mercado), a partir da última década de oitocentos, devido à rentabilidade que proporcionava.

A par da mecanização, surgiram inovações relativas aos processos culturais, que permitiam a redução do pousio, através da rotação de parcelas, conjugada com a introdução de plantas forrageiras. A nova técnica, das sementeiras em linha, proporcionou uma redução do número de sementes por hectare, evitando o desperdício de cereal, ao mesmo tempo que o custo de produção baixava.

De acordo com índice de produção agrícola, elaborado por Pedro Lains, verificamos que o produto agrícola português aumentou, no período de 1851 a 1900, com uma «*taxa anual acumulada de cerca de 1,0%*». Estes dados encontravam-se muito próximos da média europeia, apesar de terem existido diferenças, relativamente a países com um crescimento mais acelerado, como Inglaterra¹⁹⁵.

A casa agrícola¹⁹⁶ de Palha Blanco foi uma das poucas exceções a esta onda que atravessava o país, uma vez que grande parte dos rendimentos desta família Pereira Palha provinha, essencialmente, da atividade agrícola, como a criação de gado, e para que a terra tivesse um rendimento assinalável, José Pereira Palha Blanco dedicou-se inteiramente ao progresso e desenvolvimento da agricultura, abrindo o espírito à investigação e à experiência com a aquisição de algumas das primeiras máquinas que chegaram a Portugal, como os tratores¹⁹⁷, que mais adiante se caracterizarão.

3.1. As explorações herdadas e a aquisição de novas terras

Em 1870, com a morte prematura de seu pai¹⁹⁸, José Pereira Palha Blanco e sua mãe, D. Laura Rodriguez Blanco, tornam-se os proprietários de todo os bens que eram pertença de António José Pereira Palha de Faria Lacerda, onde se inclui a casa agrícola, com exceção daqueles bens que destinou a alguns criados e amigos. No dia que se seguiu à sua morte «*não houverão servissos por ser dia de luto em caza e grande*

¹⁹⁵ SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração*, vol. X, Lisboa, Editorial Estampa, 1987, p. 74.

¹⁹⁶ Ainda que houvesse interesse, não foi possível explorar e desenvolver a problemática da gestão da propriedade no âmbito desta dissertação por diversos motivos.

¹⁹⁷ RAIMUNDO, Orlando, *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre...: Património da Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2011, p. 19.

¹⁹⁸ *Óbitos*, Paróquia de Santa Engrácia, ANTT, 1869-1872, fols. 94 e 94v.

sentimento pela perda de vida do (...) sempre chorado amigo o Ill^{mo} Snr^o Antonio Palhas, que hontem entregou seo espirito ao Creador, e hoje foi o seo enterro (...) e determinou que os seos criados o fossem acompanhar á sepultura (...)»¹⁹⁹. Contudo, só em Maio de 1872, quando Palha Blanco já se havia emancipado pelo casamento e havia completado os dezoito anos de idade, lhe foi entregue a administração da parte dos bens herdados por óbito de seu pai²⁰⁰.

A partir desse ano este lavrador começou realmente a construir um património imenso e a distinguir-se na sociedade portuguesa, nomeadamente na área agrícola e na política, ainda que a nível local. Os bens da fortuna que recebera faziam parte do património da família e eram relativamente consideráveis, empenhando-se desde logo em mantê-los e em aumentá-los. Na Relação das Propriedades pertencentes a António José Pereira Palha de Faria Lacerda, que constaram no inventário que se fez por seu óbito, vêm referidas cerca de vinte e quatro propriedades, destacando-se a Quinta da Foz (importante casa agrícola tradicional que fora instituída em morgadio por mercê d'El Rei Dom João III, a favor do 1º Conde da Castanheira²⁰¹, tendo sido vendida em 1869 pelo último morgado, o 9º Marquês de Niza, a António José Pereira Palha de Faria Lacerda²⁰²), a Quinta de São João, os Cabeceiros das Cobras, Salgadinho e Galaxe, os Corredouros do Telhal e do Cabeceiro, a emposta da Terra do Frade, os Cortes do Salema (ou Tapada), a Quinta do Borrecho (ou Corredouro do Borrecho), o Corredouro do Bolonha e do Faial nº 1 e 2, o Corredouro da Cabeça e a emposta da Malveira. Totalizam-se pelo menos cerca de 1 100 hectares de terra agrícola e florestal.²⁰³ A esta relação juntavam-se ainda cerca de onze propriedades que tinha de renda e que seu filho José também as tomou de renda.²⁰⁴ Por óbito de sua mãe, D. Laura Rodriguez Blanco, herdou ainda alguns prédios rústicos na região de Vila Franca de Xira e de Benavente²⁰⁵.

¹⁹⁹ *Diário dos Tempos, Servissos de Lavoura, das Quintas, movimentos dos Gados, que teve seo principio, no Primeiro de Janeiro do anno de 1870*, AFPP (TQA), 1870.

²⁰⁰ *Alvará que concede a José Pereira Palha Blanco a administração dos bens herdados por óbito de seu pai, António José Pereira Palha de Faria Lacerda*, AFPP (TQA), 1872.

²⁰¹ NETO, António Marreiros, *As Coudelarias do Lusitano: Ribatejo*, Oeiras, Amazingcircle, 2017, p. 35.

²⁰² *Carta civil de arrematação da Quinta denominada da Fóz, e suas pertenças*, AFPP (TQA), 1869.

²⁰³ *Relação das Propriedades que devem ser descriptas no Inventario a que se vai proceder por morte e falecimento do Ill.^{mo} Snr.^o Antonio Jose Pereira Palha*, AFPP (TQA), 1870; *Relatório da Avaliação da Quinta da Foz*, AFPP (TQA), 1937.

²⁰⁴ *Relação das Propriedades pertencentes ao Casal do Ill.^{mo} Snr.^o Antonio Jose Pereira Palha, hoje falecido*, AFPP (TQA), 1870.

²⁰⁵ *Registo das propriedades registadas em nome de seus falecidos paes, em diversas Conservatorias e freguezias*, AFPP (TQA), [s.d.].

No final do ano de 1883, segundo a *Relação das Terras* [da Companhia das Lezírias] *cujos arrendamentos terminam em 1883*, Palha Blanco tinha arrendado à Companhia cerca de cinco terras, fazendo um total de 293 hectares.²⁰⁶ Podemos ainda afirmar e tomar por certo que entre 1895 e 1929 foram diversos os arrendamentos feitos à Companhia das Lezírias, salientando algumas propriedades como o Paul das Lavouras, o Conchouso, a Caldeira, a Giganta e a Murraceira de Alhandra, algumas das quais foram adquiridas mais tarde pelo próprio Palha Blanco.²⁰⁷

É certo que ao património agrícola herdado por morte de seus pais se acrescenta todo aquele que foi comprando durante a sua vida, bem como aquelas propriedades que ao princípio trazia de renda, mas que acabou por comprar. Ainda que não seja possível calcular a dimensão total das suas explorações agrícolas por falta de dados da época, é possível fazer um levantamento das propriedades que constituíam o seu legado aquando da sua morte. As mais importantes, além das já referidas, seriam a Quinta das Areias, a Quinta do Cabo, a Quinta dos Picates, a Herdade da Junqueira Gorda (ou de Pancas), a Quinta da Massaroca, as Lezírias da Queima, do Faial e das Cortes e as Herdades da Maúcha e da Rainha. A Quinta das Areias, adquirida a Fernando Pereira Palha Osório Cabral em 1872²⁰⁸, era constituída por mais de 80 prédios, na sua maioria rústicos, sendo as Quintas do Cabo e dos Picates dois desses²⁰⁹. Não é possível calcular a sua dimensão por falta de documentação, mas se tivermos em conta o relato de Dionísio Sant'Anna no *Guia de Portugal*, podemos deduzir que teria mais de 1 700 hectares, sendo considerada uma daquelas quintas onde viviam os «*grandes proprietários e ganadeiros que ainda contam as cabeças de gado por milhares e não conseguem abarcar dos mirantes das suas casas (...) limite aos seus territórios*»²¹⁰. Já a Herdade da Junqueira Gorda, com cerca de 2 380, 240 hectares, era constituída pelas propriedades de Santo Isidro, do Paul da Vala, do Paul das Lavouras, da Adema e de Vil Figueiras, e havia pertencido ao Senhorio do Couto e Coutada de Pancas²¹¹. Foi na propriedade de Santo Isidro que, a 6 de Novembro de 1919, Palha Blanco organizou pela primeira vez

²⁰⁶ Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado, *Relação das Terras cujos arrendamentos terminam em 1883*, CAMRTC, 1883.

²⁰⁷ *Cartas da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1895-1925.

²⁰⁸ *Livro de registo de escrituras várias relativas a propriedades agrícolas*, AFPP (TQA), [s.d.].

²⁰⁹ *Prédios que constituem a Quinta das Areias e estão todos reunidos na Conservatória (...)*, AFPP (TQA), [s.d.].

²¹⁰ SANT'ANNA, Dionísio (Apr.), *Guia de Portugal: Extremadura, Alentejo, Algarve*, vol. II, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1924, p. 331.

²¹¹ *Relatório justificativo da forma como foi dividida em 5 (cinco) lotes a planta topográfica da Herdade da Junqueira Gorda (Pancas) em Março de 1940*, AFPP (TQA), 1940.

em Portugal umas festas em honra de Santo Isidro, padroeiro dos lavradores²¹². As festas decorreram durante pelo menos oito dias e contaram com missa campal e espetáculos taurinos (ferra de gado e corrida à vara larga), seguidos de longos serões de danças e fogos-de-artifício no *Château* da Quinta das Areias²¹³. Por sua vez, a Lezíria da Queima com 140 hectares e a Lezíria do Faial com 213 hectares eram propriedades de dimensões reduzidas, quando comparadas com as anteriores, mas de terra boa de pastagem e de 1.ª, muito uniforme, respetivamente²¹⁴.

Nos finais do século XIX e nos inícios do século XX, sabe-se que a Companhia das Lezírias era a grande proprietária da lezíria ribatejana e que grande parte do que não pertencia à Companhia pertencia ao lavrador Palha Blanco, sendo o episódio do brinde do rei D. Carlos exemplificativo disso, pois não era qualquer lavrador que possuía mais de 5 500 hectares. Aquando da sua morte em 1937, o património agrícola de Palha Blanco era de uma tal dimensão que para perpetuar a sua casa agrícola, «*desejando conservar e melhorar quanto possível os tipos dos produtos, que, desde tão longa data*», tinha vindo a apurar nas indústrias agrícola e pecuária, deixou em testamento em partes iguais ao seus cinco netos varões toda a parte da herança constituída por: gados cavalari e bovino, tanto bravo como manso, compreendendo todas as reses de um e doutro sexo, adultos e em criação; todas as marcas, ferros, divisas e o «*mais necessário*» para manter o bom nome e créditos que tinha vindo a desenvolver nos gados; as propriedades conhecidas por Quinta das Areias, Quinta do Cabo (com todos os seus anexos ao Tejo), Lezíria da Queima (com tudo o que a ela esteja anexo), Herdade da Junqueira Gorda e seus pertences (compreendendo os Arinhos da Ponte da Pedra e Paul da Vala); todos os bens mobiliários existentes nas ditas propriedades (alfaias agrícolas, da pecuária e dos lacticínios, vasilhame e demais trem de adegas, maquinismos, móveis, recheio e adorno das casas de habitação e tudo quanto de natureza mobiliária existisse nas ditas propriedades)²¹⁵. Podemos afirmar que esta era uma maneira de perpetuar a ideia do morgado e da varonia, ainda que com as alterações próprias do tempo.

²¹² *Convite para as festas de Santo Isidro*, AFPP (TQA), 1919.

²¹³ VASCONCELLOS, José Leite, *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*, vol. 8, Lisboa, Imprensa Nacional, 1982, p. 480-481; *Ilustração Portuguesa*, série II, n.º 717, Lisboa, [s.n.], 1919, p. 386.

²¹⁴ *Relatórios das Avaliações*, AFPP (TQA), [1937].

²¹⁵ *Autos de Abertura e Registo de Testamento Cerrado de José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1937, fols. 4-5.

3.2. A produção frutícola, oleícola, cerealífera e de outros géneros numa imensidão de terra

A exploração rural de Palha Blanco, ainda que se destacasse pela criação de gado bovino bravo e cavalariço, não se limitava a estes dois aspetos. Eram vastas as culturas produzidas nos seus terrenos, compreendendo a Quinta das Areias «*mais de 1000 hectares de culturas agrícolas e hortícolas, 100 de prados naturais*»²¹⁶ para fenos, «*370 de terras de pousio para gados de trabalho e 238 de matas de pinheiros, cedros e eucalyptos*»²¹⁷. As principais culturas que se produziam eram o trigo, a fava, a cevada, o milho e os legumes, sendo dominante a cultura do trigo²¹⁸.

Era também comum semear-se centeio e chícharo na Herdade da Junqueira Gorda, em Pancas.²¹⁹ Essa mesma herdade era conhecida pelo montado de sobre, que se estendia por uma área de cerca de 1 555,265 hectares²²⁰, coexistindo com o pinheiro-bravo e o pinheiro manso, sendo muitas vezes parte do montado utilizada para as já referidas culturas cerealíferas, como o trigo, a cevada e a aveia.

Para além destas culturas e das culturas frutícolas, uma das grandes produções agrícolas do país continuava a ser o azeite e até na cultura do olival Palha Blanco se destacou, possuindo um dos maiores olivais do país²²¹, como se pode verificar na relação de propriedades que herdara de seu pai e naquelas que foi adquirindo. No final da sua vida eram trinta e um os olivais que possuía nas Quintas das Areias e do Cabo e seus anexos e cerca de vinte e um na Quinta da Massaroca. Nos olivais das Quintas das Areias e do Cabo, se atendermos aos valores apresentados na tabela 7, existiam 6 676 oliveiras em plena produção e 864 até cinco anos, sendo que na Quinta da Massaroca os valores correspondiam a 5 055 oliveiras em plena produção e 85 até cinco anos²²². A transformação do azeite acontecia em dois lagares da casa rústica na Quinta das Areias com «*duas varas e uma prensa e moenga a vapor*», tendo o lagar sido posteriormente

²¹⁶ SANT'ANNA, Dionísio (Apr.), *Guia de Portugal: Generalidades, Lisboa e Arredores*, vol. I, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1924, p. 595.

²¹⁷ «Os Grandes Lavradores do Ribatejo: O Sr. Palha Blanco», in *Ilustração portuguesa*, 2.ª série, nº 91, Lisboa, [s.n.], 1907.

²¹⁸ NUNES, Graça Soares, *ibidem*, p. 115-116.

²¹⁹ *Sahidas de diversos, em Setembro de 1908*, AFPP (TQA), 1908.

²²⁰ *Relatório justificativo da forma como foi dividida em 5 (cinco) lotes a planta topográfica da Herdade da Junqueira Gorda (Pancas) em Março de 1940*, AFPP (TQA), 1940.

²²¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1910-1926)*, vol. XII, Lisboa, Verbo, 2.ª ed., 2001, p. 244-245.

²²² *Mapa da Limpeza dos Olivais das Quintas das Areias e do Cabo e seus anexos e da Quinta da Massaroca desde o ano de 1937*, AFPP (TQA), [1937].

«inteiramente transformado com adopção de machinismos modernos do mais aperfeiçoado systema»²²³.

Tabela 7 - Existência de olivais e oliveiras em parte da Casa Agrícola de Palha Blanco, em 1937²²⁴

	Em plena produção	Até 5 anos
Quintas das Areias e do Cabo e seus anexos:		
Olival das Mesas	129	9
Olival das Pocilgas	1 048	80
Olival do Casal de Pau	158	27
Olival da Queijeira	638	-
Olival do Carrascal	178	-
Olival dos Cardos e de Povos	593	-
Olival do Senhor da Boa Morte	879	-
Olival do Caipira	102	102
Olival do Borrecho	321	120
Olival da Chave (courela no Monte Gordo)	31	9
Olival da Queijeira	Quinta do Cabo	164
Olival da Fossa		367
Olival do Filipe Gato		415
Olival da Tapadinha	416	-
Olival do Castanheiro	379	-
Rua das Oliveiras	94	-
Extrema do Prado c/ Vinha Areiro e Barrada	48	-
Carril do Filipe Gato até à passagem de nível	61	-
Vedação do Sapal	-	290
Valado do Corredoiro do Dr. Nogueira	42	-
Extrema da Quinta de São João	-	47
Quinta das Obras	-	156
Horta do Mesquita	18	8
Carril dos Armazéns	45	-
Extrema com o caminho de ferro	122	-
Vinha Nova	12	-
Olival dos Loureiros	139	16
Courela da Gafaria (por cima Qt. ^a S. João)	19	-
Pateira dos Armazéns	16	-
Quinta do Borrecho	20	-
Valado do Carregado (Pau da Bandeira)	66	-

Fonte: *Mapa da Limpeza dos Olivais das Quintas das Areias e do Cabo e seus anexos e da Quinta da Massaroca desde o ano de 1937, AFPP (TQA)*

²²³ «Os Grandes Lavradores do Ribatejo: O Sr. Palha Blanco», in *Ilustração portuguesa*, 2.^a série, nº 91, Lisboa, [s.n.], 1907.

²²⁴ Excluem-se os olivais da Quinta da Massaroca por não haver dados concretos sobre cada um.

Em termos de produção frutícola, os pomares da casa agrícola de Palha Blanco seriam certamente enormes, se tivermos em conta o número de árvores, e localizavam-se nas Quintas das Areias, do Cabo e de São João. Na Quinta das Areias havia pomares de laranjeiras, tangerineiras, limoeiros, marmeleiros, ameixoeiras, noqueiras, nespereiras, romãzeiras, amendoeiras, alperceiros e pessegueiros, num total de cerca de 3 841 árvores. Na Quinta do Cabo cultivavam-se laranjeiras, tangerineiras, ameixoeiras, limoeiros, pereiras e noqueiras, ascendendo o número de árvores a cerca de 2 216. Já na Quinta de São João destacavam-se as ginjeiras francesas, os damasqueiros, as macieiras, os limoeiros, as pereiras, os marmeleiros, as amendoeiras e as laranjeiras, totalizando cerca de 867 árvores²²⁵.

Tabela 8 - Existência de árvores de fruto na Casa Agrícola de Palha Blanco, em 1937

	Enxertos	S/ produção	Regularmente produtivas	Adultas em plena produção	Velhas ou caducas
Pomar da Quinta das Areias:					
Laranjeiras	251	309	160	1 706	307
Tangerineiras	57	65	13	498	13
Limoeiros	-	-	-	91	-
Marmeleiros	-	-	-	43	-
Ameixoeiras	-	-	-	199	-
Nogueiras	-	-	-	24	-
Nespereiras	-	-	-	35	-
Romãzeiras	-	-	-	33	-
Amendoeiras	-	-	-	17	-
Alperceiros e pessegueiros	308	374	173	2 646	340
Pomar da Quinta do Cabo:					
Laranjeiras	310	-	395	331	-
Tangerineiras	-	-	160	458	-
Ameixoeiras	-	-	-	425	-
Limoeiros	-	-	-	36	-
Pereiras	90	-	-	-	-
Nogueiras	-	-	-	11	-
Pomar da Quinta de S. João:					
Laranjeiras	560	-	-	-	-
Ameixoeiras	-	-	-	223	-
Damasqueiros	-	-	-	27	-
Pessegueiros	-	-	-	8	-
Marmeleiros	-	-	-	3	-
Pereiras	10	-	-	-	-
Macieiras	-	-	-	12	-
Limoeiros	-	-	-	5	-
Ginjeiras francesas	-	-	-	19	-

Fonte: *Capitação dos Pomares e Vinhas, AFPP (TQA)*

²²⁵ *Capitação dos Pomares e Vinhas, AFPP (TQA), [1937].*

A preocupação com o tratamento dos pomares era constante e atenta, tendo em conta as despesas da casa agrícola. Por exemplo, em 1937, empregaram-se vários produtos no tratamento dos pomares de laranjas e tangerinas, como Breu Borracha, piaçabas e escovas, gasolina, óleo, cal em pedra, Formitox, solúvel, sacos de papel, parafina, borra de gás, alcatrão, alvaiade, óleo de linhaça, sulfato de ferro, etc²²⁶.

No que diz respeito à produção vitícola esta cingia-se à Quinta das Areias e anexos, seguindo ainda um modelo tradicional, sem ordenação alguma, sendo possível calcular a existência de cerca de 131 043 cepas na totalidade²²⁷.

Tabela 9 – Existência de vinhas e cepas na Casa Agrícola de Palha Blanco, em 1937

Existência de vinhas e cepas na Casa Agrícola de Palha Blanco em 1937					
Propriedade	Povoamento atual	Retanchar necessária	Povoamento Total	Arranques já feitos	Povoamento Total antes do arranque
Borrecho	-	-	3 660	30 000	33 660
Cascata	12 000	5 000	17 000	-	-
Carrascal	1 440	2 430	3 870	-	-
Dr. João (sul do canal)	-	-	4 256	8 500 a 9 000	c. 13 256
Barrada	6 615	1 700	8 315	-	-
Arieiro (Fossa)	2 091	2 025	4 116	-	-
Arieiro (Norte)	5 500	4 000	9 500	-	-
Arieiro (socalco inferior)	-	-	3 176	-	-
Vinha Nova	7 600	1 700	9 300	1 600	10 900
São João	-	-	-	[parte]	?
Dr. João (norte do canal)	-	-	-	2 250	2 250
Caipira	-	-	-	20 a 25 000	c. 25 000
Santa Madalena	-	-	-	[totalidade]	?

Fonte: *Capitação dos Pomares e Vinhas*, AFPP (TQA)

Para se compreender a dimensão em termos quantitativos e “métricos” e tendo em conta que em 800m² foram arrancadas cerca de 1600 cepas e em 1 100 m² cerca de 2 250 cepas²²⁸, podemos chegar a um resultado médio de 20 000 cepas por hectare. Assim sendo, cerca de 6 hectares das explorações de Palha Blanco eram ocupados pela

²²⁶ *Notas das despesas efectuadas com o tratamento dos pomares de laranjas e tangerinas*, AFPP (TQA), 1937.

²²⁷ *Existência de vinhas na Quinta das Areias e anexos*, AFPP (TQA), 1937.

²²⁸ *Ibidem*.

vinha. Pode não parecer significativo, mas tendo em conta o modelo industrial, moderno e ordenado que se ia disseminando na época, que “levava” cerca de 4 000 a 5 000 cepas por hectare, correspondia a uma parte significativa da produção de vinho e, eventualmente, de uvas para consumo direto.

Segundo Graça Soares Nunes, entre 1820 e 1850, as principais culturas detectadas nas quintas agrícolas da região de Vila Franca de Xira eram o laranjal (25%), a vinha (20%), os cereais (18%), o olival (17%), outros pomares (16%) e ainda os matos (4%)²²⁹. Não havendo estudos e dados conclusivos para a segunda metade do século XIX e primeira do século XX, tendo em conta estes valores apresentados e o caso particular das culturas dominantes nas quintas de Palha Blanco, podemos verificar que ao nível das culturas não houve grande alteração de paradigmas com o passar dos anos, ainda que – como iremos perceber mais adiante – tenham sido introduzidas algumas novas culturas.

3.3. Os investimentos em engenhos e maquinaria agrícola

Sabemos que em Portugal a resistência ao desenvolvimento na agricultura sempre foi uma característica presente, como bem explica Castro Caldas, afirmando que *«a resistência oposta pelas estruturas agrícolas a toda e qualquer tentativa reformadora tem-se manifestado em Portugal através de várias épocas, anulando os melhores propósitos de correcção dos desequilíbrios existentes»*²³⁰. Ainda assim, existiam raras exceções de proprietários que pertenciam ao *«tipo do grande lavrador “progressivo” que então apareceu no Sul do país»*²³¹, que querendo sobressair no campo agrícola, eram “progressistas” na gestão das suas explorações, apostando na inovação com o uso de máquinas e de adubos químicos. Curioso facto é o de que António José Pereira Palha de Faria Lacerda, pai de Palha Blanco, no seu testamento ter aconselhado o filho a que, *«se continuar com a lavoura, tenha muita conta não querer máquinas, nem melhoramentos, para que não esteja habilitado, e use sempre com toda a prudência, em qualquer melhoramento que tenha a seguir»*²³². A atitude de Palha Blanco no que diz respeito à sua casa agrícola foi a de investir em maquinaria e

²²⁹ NUNES, Graça Soares, *ibidem.*, p. 139.

²³⁰ CALDAS, Eugénio de Castro, «Aspectos da resistência ao desenvolvimento na Agricultura», in *Análise Social*, vol. II, n.º 7-8, Lisboa, [s.n.], 1964, p. 463.

²³¹ RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, p. 175/176.

²³² *Processo de Imposto Sucessório de António José Pereira Palha*, ACMF, 1870, fol. 6.

melhoramentos, com a tão aconselhada prudência do pai, como se vai percebendo com a leitura de alguma documentação arquivada no *château* do seu assento de lavoura.

Analisando a correspondência recebida e, por vezes, a remetida por Palha Blanco, ou pelo administrador da casa, bem como – as já referidas – contas de despesa, percebemos que o investimento em máquinas agrícolas e industriais, motores, bombas hidráulicas, adubos químicos, etc., era constante e em larga escala, procurando sempre adquirir a maquinaria mais moderna de que os fornecedores davam notícia. Até à segunda década do século XX, sendo a correspondência pouca, apenas é possível tirar esta conclusão pelas muitas contas de despesa e pelos recibos, mas a partir dessa data, há correspondência muito variada que permite conhecer mais detalhadamente esses investimentos.

Numa casa agrícola com as dimensões e variedade de culturas como a de Palha Blanco não podiam faltar as alfaias agrícolas, modernizadas e industrializadas. Na sua vasta exploração possuía maquinaria de última geração, como uma debulhadora *Ransomes* e várias outras ceifeiras-debulhadoras acionadas a vapor, aparelhos selecionadores de grãos e sementes, sistemas de charruas, cultivadores, grades, rolos, distribuidores de adubos, semeadores mecânicos, prensas para palha, aparelhos de limpeza de cereais, um debulhador de milho a vapor (de fabrico nacional), etc²³³. Toda esta maquinaria era adquirida, na sua maioria, através de representantes das empresas estrangeiras e nacionais, como se pode depreender da correspondência trocada entre o lavrador e as seguintes fábricas e lojas: Ad. Muller Elias: Representante de Baerlein & Sons, Manchester²³⁴; O. Herold & C.^o²³⁵; Eisenwerk (vorm. Nagel & Kaemp) A.G.²³⁶; Fábricas Vulcano e Collares²³⁷; António de Sarmiento: Machinas Agricolas²³⁸; Centro Agrícola Industrial²³⁹; Eduardo Pinto de Souza²⁴⁰; Braz Ornellas Infante da Camara:

²³³ «Os Grandes Lavradores do Ribatejo: O Sr. Palha Blanco», in *Ilustração portuguesa*, 2.^a série, n.º 91, Lisboa, [s.n.], 1907.

²³⁴ *Cartas de Ad. Muller Elias: Representante de Baerlein & Sons, Manchester para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²³⁵ *Carta de O. Harold & C.^o para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²³⁶ *Cartas de Eisenwerk (vorm. Nagel & Kaemp) A.G. para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²³⁷ *Cartas de Fábricas Vulcano e Collares para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²³⁸ *Cartas de Antonio de Sarmiento: Machinas Agricolas para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²³⁹ *Cartas do Centro Agrícola Industrial para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁴⁰ *Cartas de Eduardo Pinto de Souza para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

Agente de machinas agrícolas²⁴¹; Eduardo Duarte Ferreira & I.^{os}: Fundação, Serralheria e Forjas²⁴²; João Perez²⁴³; etc.

No Ribatejo a circulação das primeiras ceifeiras verificou-se por volta dos anos 50 do século XIX, contudo apenas em 1877 há referência a uma tentativa de aquisição de uma ceifeira por Palha Blanco. Nesse ano, António de Sarmiento – fundador em 1876 da *Fabrica de Machinas Agricolas* – e um inglês de nome Gibbs – maquinista da casa Howard – deslocaram-se à Quinta das Areias para montar uma ceifeira, conhecida pelo nome de Internacional, contudo não foi do agrado de Palha Blanco por ser excessivamente pesada e por empapar a cada momento²⁴⁴. Seria esta ceifeira-debulhadora já acionada a vapor por um locomóvel ou seria ainda como outras que existiam na casa e que eram puxadas por cavalos? (ver anexo n.º 5) Jaime Reis afirma que este último tipo de debulhadoras, ativadas por cavalos ou muares segundo os mesmos princípios mecânicos que as outras e de grande «popularidade em Inglaterra desde finais do século XVIII, não parece ter tido qualquer implantação em Portugal, embora fosse conhecido de autoridades como Luis Ferrari Mordau, o intendente de Agricultura de D. Maria I, e tivesse sido objecto de experiências realizadas pelo 2.º visconde de Balsemão, em 1812»²⁴⁵. Podemos afirmar, com certeza e com testemunho fotográfico, que as experiências do visconde de Balsemão não foram as únicas que ocorreram no país, ainda que alguns anos mais tarde. A documentação existente do século XIX regista também a aquisição de charruas de vários modelos (RA dupla; AI; etc.), de escolhedores de sementes (tipo *Rauschembach*)²⁴⁶ e de semeadores a lança²⁴⁷. Há ainda referência à aquisição de peças variadas para as charruas (tipo de pau; *Sulle*; *Dombal*; Americana), os charruecos²⁴⁸, os debulhadores²⁴⁹ e as enfardadeiras (tipo *Sulle*)²⁵⁰. Sendo preciso transportar vários materiais e produtos entre as propriedades

²⁴¹ *Carta de Braz Ornellas Infante da Camara: Agente de machinas agricolas para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁴² *Carta de Eduardo Duarte Ferreira & I.^{os}: Fundação, Serralheria e Forjas para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁴³ *Memorandum de João Perez para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁴⁴ *Carta de António de Sarmiento para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁴⁵ REIS, Jaime, «Latifúndio e progresso técnico: a difusão da debulha mecânica no Alentejo, 1860-1930», in *Análise Social*, vol. XVIII, n.º 71, Lisboa, [s.n.], 1982, p. 379.

²⁴⁶ *Factura e Recibo da Companhia Centro Agricola-Industrial*, AFPP (TQA), 1893.

²⁴⁷ *Tabella das quatidades de semente a espalhar por hectare pelo semeador a lança*, AFPP (TQA), [s.d.].

²⁴⁸ *Rol do Trabalho que fiz para o Ex.^{mo} Sñr. José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 5 Out 1895; *Rol do Trabalho que fiz para o Ex.^{mo} Sñr. José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 21 Dez 1894.

²⁴⁹ *Rol do Trabalho que fiz para o Ex.^{mo} Sñr. José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 10 Nov 1894.

²⁵⁰ *Rol do Trabalho que fiz para o Ex.^{mo} Sñr. José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 29 Jun 1895; *Rol do Trabalho que fiz para o Ex.^{mo} Sñr. José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 3 Ago 1895.

houve uma necessidade, já no século XX, de adquirir locomóveis²⁵¹ e lanchas²⁵² a vapor e mandar construir alguns quilómetros de via *Decauville*, ou seja, carris que facilitassem o transporte²⁵³. Ainda nos inícios desse referido século, há vários registos documentais da aquisição de uma debulhadora *Marshall*, de uma enfardadeira *Witmann* e de um locomóvel *Ruston*²⁵⁴, e fotográficos de uma corte da Terra do Frade a ser alqueivada com uma charrua *Medium Duty* e um tractor *Holt* de 5 toneladas, fornecidos pela Monteiro Gomes, Lda. (ver anexo n.º 6)

A preocupação com a verificação e reparação das máquinas da lavoura levou a que fosse criada uma oficina própria da casa agrícola na Castanheira do Ribatejo, com diversos maquinismos²⁵⁵, e que fossem sendo adquiridos outros que servissem esse fim. Em Outubro de 1921, é remetido pela Santos Amaral um orçamento para tornos mecânicos, que o mesmo lavrador havia pedido²⁵⁶, sendo-lhe apresentadas quatro opções: um modelo K.B., do construtor alemão Kappel, «*com fusão, barra c/ caixa de velocidades, barramento prismático, árvore ôca, cava, com os acessórios normais, 1 prato universal, 1 prato d'encosto para cavalinho, 1 luneta fixa, 1 luneta móvel, 1 jogo d'engrenagens para rosca inglesa, 1 jogo de chaves, 1 contra-veio de teto*», pelo preço de 45 000 marcos alemães; outro do mesmo construtor, modelo K C com os mesmos acessórios, pelo valor de 58 000 marcos alemães; um modelo Nap 7 do construtor austríaco E. Krause & Co. «*com fusão combinado para movimento longitudinal e transversal do carro, barramento prismático c/ cava, árvore ôca, e de resto com os acessórios normais já citados*», pelo valor de 3.500\$00 escudos; e outro do mesmo construtor, modelo V. Z. IV, «*com fusão, barra e caixa de velocidades, barramento prismático c/ cava, completo com os acessórios normais*», pelo valor de 3.800 pesetas.²⁵⁷ Só em Fevereiro de 1922 chegaria o tão desejado torno mecânico, modelo Nap 7, do construtor austríaco E. Krause & Co., que lhe permitia “confecionar” alguns materiais para usar na maquinaria que ia adquirindo para a sua exploração agrícola.²⁵⁸

²⁵¹ *Memorandum de João Perez para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁵² *Escritura de compra de uma lancha a vapor*, AFPP (TQA), 1905.

²⁵³ *Carta de O. Herold & C.º para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁵⁴ *Carta de Eduardo Pinto de Souza para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁵⁵ *Carta de Braz Ornellas Infante da Camara para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1916.

²⁵⁶ *Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 20-X-1921.

²⁵⁷ *Orçamento anexo à Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 20-X-1921, fol. 1.

²⁵⁸ *Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 20-II-1922.

Na Quinta da Foz, em Benavente, Palha Blanco, em conjunto com o seu primo e genro Fernando Pereira Palha Van Zeller – engenheiro civil de profissão –, efetuara inovadoras obras de hidráulica agrícola que foram pioneiras na época, levando Álvaro Rodrigues de Azevedo a considerar que em conjunto com o «*regime de cultivo e instalações agrícolas que possui, pode considerar-se a propriedade modelo do concelho de Benavente*»²⁵⁹. Estas novas infraestruturas, constituídas por canais ou levadas e barragens com comportas reguladoras dos caudais de água, permitiram uma alteração dos paradigmas de cultivo do arroz, uma vez que o controlo dos canais de abastecimento e drenagem dos campos permitia regular o ciclo de sementeiras e colheitas. Mesmo durante as épocas de maior precipitação, estas construções permitiam o controlo das cheias, impedindo o alagamento total de parcelas necessárias ao sustento de gado. Antes de ser possível este controlo, as crises agrícolas aconteciam com mais frequência e estavam dependentes do estado do tempo, como atesta um dos diários de campo: «*Não houverão servissos pelo tempo não o permitir, e estar tudo encharcado d'ágoa. O tempo vai m.¹⁰ máu e os trigos estão m.¹⁰ amarellas, e recosidos de tanta agoa. Os pastos a faltar aos gados por não poderem pastar nas terras, e as palhas findas, tudo está ameassando uma grande crize, se Deos não accode (...)*»²⁶⁰. A aposta neste campo da hidráulica agrícola²⁶¹, talvez pela presença do já referido primo e genro Fernando P. P. Van Zeller, é frequente e a troca de correspondência com diversos fornecedores²⁶² de bombas centrífugas é constante, dada a necessidade de bombear água quando necessário o seu uso nas várias culturas produzidas. Exemplo disto é uma das várias encomendas que faz à Santos Amaral, Limitada e que chegaria às suas propriedades, no concelho de Vila Franca de Xira, em Fevereiro de 1922: uma bomba centrífuga (ou turbo-bomba)²⁶³ – vinda de Hamburgo²⁶⁴ –, com as respetivas válvulas²⁶⁵, de tipo 2K de 4 discos, do construtor C. H. Jaeger & Co., pelo preço de 12.550 marcos alemães.²⁶⁶

²⁵⁹ AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de, *Benavente – Estudo histórico-descritivo*, Lisboa, [s.n.], 1926, p. 151.

²⁶⁰ *Diário dos Tempos; Servissos de Lavoura das Quintas; movimentos dos Gados, que teve seo principio, no Primeiro de Janeiro do anno de 1870*, AFPP (TQA), 1870.

²⁶¹ Para questões relacionadas com a hidráulica agrícola veja-se a entrada sobre essa temática no «*Dicionário de História do Estado Novo*», coordenado por Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito.

²⁶² *Cartas de Carlos Corrêa da Silva para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1913-1915.

²⁶³ *Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 25-II-1922.

²⁶⁴ *Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 20-I-1922.

²⁶⁵ *Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 25-VIII-1921.

²⁶⁶ *Orçamento anexo à Carta de Santos Amaral, Limitada para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 19-VIII-1921.

É ainda interessante referir que no conjunto de livros que pertenceram a José Pereira Palha Blanco se verifica a existência de algumas obras estrangeiras e portuguesas, nomeadamente catálogos e revistas, ligadas à modernização agrícola, prova do seu interesse em querer apostar na lavoura, modernizando-a e inovando-a. Algumas obras com relevância e que permitem compreender essa realidade são as seguintes: a revista *L'Agriculture Moderne*²⁶⁷, com diversos artigos sobre a agricultura e as demais áreas desse campo; a *Revista Comercial Ibero-Americana*²⁶⁸, com informação agrícola e notícia da maquinaria mais recente; o catálogo *Rice Milling Machinery: Self-Contained Rice Mills*²⁶⁹, que apresenta plantas completas de instalações de máquinas necessárias para a produção de arroz; o *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa*²⁷⁰, com artigos de alguns notáveis na área.

Apesar de todos os entraves que se conhecem a uma verdadeira e interessada aposta no desenvolvimento agrícola português, os casos particulares – essencialmente na região do Ribatejo – que seguiram contra corrente são quase como que um prelúdio dessas tentativas que viriam incentivar uma modernização e industrialização da agricultura em Portugal.²⁷¹ As futuras e várias Campanhas do Trigo, apoiadas em subsídios e preços de fomento, as muitas políticas hidroagrícolas, apoiadas na engenharia civil, e o fomento florestal, apoiado nas comunidades portuguesas de montanha²⁷², foram tentativas, algumas com elevado sucesso, que viriam quebrar a, já – por diversas vezes – referida, “inquebrável corrente” que impedia um autêntico e efetivo progresso rural. Ainda que as mencionadas campanhas tenham fracassado em termos gerais, houve um melhoramento ao nível da utilização de adubos e de maquinaria.²⁷³

²⁶⁷ *L'Agriculture Moderne*, n.º 1 a 104, Paris, Le Petit Journal, 1896-1897.

²⁶⁸ *Revista Comercial Ibero-Americana*, Barcelona, [s.n.], [vários números e vários anos].

²⁶⁹ *Rice Milling Machinery: Self-Contained Rice Mills*, Escócia, Douglas & Grant, Kirkcaldy, 1912.

²⁷⁰ *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa*, Lisboa, S. Botelho M. de Sequeira, [vários números e vários anos].

²⁷¹ Não se desenvolveu a questão da aplicação de maquinismos e de alguns princípios técnicos e científicos pelo facto de a documentação ser abundante e não ter sido possível uma análise mais exaustiva da mesma. Veja-se a propósito deste assunto o trabalho «*Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial no Portugal Oitocentista. O caso dos lanifícios do Alentejo*», de Ana Maria Cardoso de Matos.

²⁷² CALDAS, Eugénio de Castro, «Aspectos da resistência ao desenvolvimento na Agricultura», in *Análise Social*, vol. II, n.º 7-8, Lisboa, [s.n.], 1964, p. 469-470.

²⁷³ Para um maior desenvolvimento da questão das Campanhas do Trigo vejam-se o «*Dicionário de História da I República e do Republicanismo*», coordenado por Maria Fernanda Rollo, e o «*Dicionário de História do Estado Novo*», coordenado por Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito.

Capítulo IV – O espírito aberto à investigação e à experiência: cruzamentos e apuramentos de raças; introduções e selecções de espécies

Ainda nos finais do século XIX, existiam grandes proprietários que se empenhavam em «*experiências com novas espécies animais e vegetais*»²⁷⁴, conseguidas graças à inovação tecnológica e à aposta nessa tecnologia. Palha Blanco foi um desses proprietários que para além de apostar na inovação tecnológica, como já referi, se interessou nas referidas experiências, nomeadamente na introdução de algumas espécies vegetais e no cruzamento e apuramento de algumas espécies animais.

4.1. A ganadaria Palha Blanco

4.1.1. A criação e a genética do toiro bravo: tentas e selecção

É nas províncias históricas da Extremadura e do Alentejo que, naturalmente, a criação do toiro bravo acontece em maior número devido às «*opulentas e férteis pastagens*»²⁷⁵. Palha Blanco torna-se o primeiro criador de toiros de lide em Portugal²⁷⁶, nos moldes com que se fazia a selecção em Espanha. É importante ter em conta que apenas é considerado o primeiro criador, porque até então não havia uma verdadeira criação do toiro de lide em Portugal, usando-se para os espetáculos tauromáquicos (touradas / corridas de toiros) gado que já havia sido corrido no campo ou, na maior parte das vezes, gado que já havia sido usado noutros espetáculos, faltando muitas vezes aquilo que deveria ser próprio do toiro de lide, a bravura.

Esta situação e papel fundamental de Palha Blanco relativamente à criação e à genética do toiro bravo só foi possível, segundo as informações não confirmadas de Joana Gonçalves e Maria Teresa Vieira Pereira, porque depois de o pai morrer, sua mãe D. Laura Rodriguez Blanco confiara alguns ensinamentos do filho «*nas grandes famílias ganadeiras do país vizinho*», na esperança de que a experiência lhe atenuasse o luto²⁷⁷. Os conhecimentos ensinados por D. Antonio Miura e D. Fernando Concha y

²⁷⁴ RAMOS, Rui, *ibidem*, p. 176.

²⁷⁵ NORONHA, Eduardo de, *História das Toiradas*, Lisboa, Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1900, p. 91.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 367.

²⁷⁷ GONÇALVES, Joana, PEREIRA, Maria Teresa Vieira, *Ribatejo. As nossas Ganadarias: visita ao território do Toiro bravo*, Lisboa, Take One, 2013, p. 39.

Sierra, amigos da família de sua mãe²⁷⁸, foram certamente úteis e a eles se devem o que mais adiante trataremos. Tendo herdado de seu pai a ganadaria Palha, quando Palha Blanco regressara de Espanha, depois de ter observado «*de perto o modo como os toiros eram tentados e seleccionados (...), já decidido a aplicar tudo quanto se mostrasse útil à sua casa agrícola*»²⁷⁹, iniciara na sua ganadaria uma seleção cuidada através de meticulosas tentas, revolucionando assim a criação do gado bravo em Portugal.

Através das muitas e escrupulosas tentas, que consistiam na aplicação prática dos conhecimentos genéticos adquiridos em Espanha junto de vários *ganaderos*, Palha Blanco inicia e promove uma seleção científica que, através de vários cruzamentos de alguns *encastes*²⁸⁰ espanhóis com castas portuguesas, leva à criação e à existência em Portugal de uma verdadeira raça de toiros bravos que se destinava às touradas ou corridas de toiros. Com a intenção de melhorar o seu gado e pouco satisfeito com o mesmo, compra alguns toiros Concha y Sierra e em 1883 compra dois bezerros na tenta de D. Antonio Miura, com intenção de os cruzar com as vacas que possui²⁸¹. Segundo o jornal *O Campino*, passados dez anos, em 1893, chegou ainda a comprar um conjunto de vacas ao *ganadero* Trespacios, oriundas das raças apuradas pelo duque de Veragua²⁸². O jornal espanhol *La Chronica* considerava que com vacas portuguesas superiores, toiros do melhor que se conhece em Espanha e pastos abundantíssimos, não seria difícil conseguir o que pretendia²⁸³.

Prova dos bem-sucedidos resultados são os desfechos obtidos nas tentas de que houve notícia.²⁸⁴ Em Abril de 1888 foram tentados 51 novilhos, sendo considerados superiores 33 e desprezando-se 18, que sendo bravos mostraram-se brandos ao ferro. Participaram nesta festa *campera* diversas personalidades das elites espanhola e portuguesa com grande *afición*, como D. Luiz Romero, D. Domingo Delgado e Montalvão, D. Faustino Udacta, o visconde de Caparica, Ribeiro da Cunha e Alfredo Tinoco. Contou-se ainda com a presença dos bandarilheiros Filipe Garcia, El Calesero,

²⁷⁸ NEVES, Francisco Palha Botelho, *O Toiro de Lide em Portugal*, Lisboa, Edições Inapa, 1992, p. 36.

²⁷⁹ GONÇALVES, Joana, PEREIRA, Maria Teresa Vieira, *ibidem*, p. 39.

²⁸⁰ Entenda-se por *encaste* o resultado obtido através de cruzamentos de gado bravo ou renovações do mesmo. Para um desenvolvimento maior desta questão veja-se o *Diccionario Ilustrado de términos taurinos*, de Luis Nieto Manjón.

²⁸¹ *O Campino*, 5.º ano, n.º 240, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1883, p. 2, 3.ª coluna.

²⁸² *O Campino*, 15.º ano, n.º 720, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 2.ª coluna.

²⁸³ *O Campino*, 5.º ano, n.º 240, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1883, p. 2, 3.ª coluna.

²⁸⁴ Ainda que a informação adiante, onde se descrevem as tentas e o modo usado para a selecção do gado, parece excessiva, não foi possível agregá-la pelo facto de toda ela ser importante para a compreensão minuciosa da criação e da genética do toiro bravo através das referidas tentas e da selecção científica.

Pescadero e Minuto²⁸⁵. Em Outubro do mesmo ano decorreu a tenta de 52 vacas, algumas de puro sangue português, não tendo sido o resultado geral muito positivo, uma vez que do cruzamento espanhol metade saíram reprovadas e a outra metade foi aprovada como sendo bravíssima. Esta aconteceu sob a direção do matador Filipe Garcia e dos seus bandarilheiros, contando com a presença dos espanhóis Martinez, Tenon, Penta, Montalban, e dos portugueses Emílio Infante, João Alves Branco, Alexandre Vila Real, D. António Sequeira (S. Martinho), visconde da Varzea, José Ribeiro da Cunha, Luiz Lobo (Alvito), António da Costa Guerra, D. Manuel Telles da Gama, José Rodrigues Vaz Monteiro, Dr. Oliveira Feijão, Sousa, Victorino Froes, Alfredo Tinoco, Barreto, Ornellas, António Rudencio, Levy, entre outros²⁸⁶. Em Maio de 1889 a tenta foi noticiada como «*a mais brilhante de todas que se tem realizado*»²⁸⁷, sendo confirmado pela quantidade de pessoas que assistiram, pelo que apenas se destacam as seguintes: marqueses da Foz; condes de Vila Real; viscondessa de Carvalho; viscondes de Taveiro; marquês de Belas; visconde de Tojal; visconde d'Atouguia; visconde da Varzea; Fernando Palha; Francisco Palha; D. Caetano Bragança; Emílio Infante da Camara; Luiz do Rego; Cincinato da Costa; Victorino Froes; Tomás de Mello Breyner; Eduardo Romero; etc. Foram tentados 67 novilhos, sendo 7 de pura raça portuguesa (2 aprovados e 5 reprovados) e 60 de cruzamento (37 aprovados, 17 julgados bravos mas de má condição para a lide e 6 reprovados)²⁸⁸. Em 1891 a tenta contou com 80 vacas, das quais uma parte foi considerada superior, e 50 garraios, dos quais foram descartados muito poucos, tendo sido uma ferra magnífica e tenta extraordinária. Assistiram a esta seleção D. Luiz Montalvão, os empresários das praças de Valladolid, Salbatinho, o visconde da Varzea, José Nery, o marquês do Faial, Luiz Lobo, José Ribeiro da Cunha, João Thomaz, Luiz de Oliveira Calheiros, João Alves Branco, Alexandre Vila Real, Alfredo Marreca, Miguel de Sousa, D. Caetano Bragança, Artur Telles, António da Costa Guerra, D. Manuel Niza, Estevão Van Zeller e Cypriano Batalha. O picador foi o maioral do *ganadero* Miura, Juan Dias, ajudado por Fernando Garcia, sendo artistas Filipe Garcia, Pescadero e Minuto. Esta festa contou com um almoço e uma cavalgada onde participaram as filhas de Palha Blanco, trajando à andaluza, sendo elogiada a maneira como todo o gado era magnificamente tratado em

²⁸⁵ *O Campino*, 10.º ano, n.º 464, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1888, p. 1, 3.ª e 4.ª colunas.

²⁸⁶ *O Campino*, 10.º ano, n.º 491, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1888, p. 2, 2.ª e 3.ª colunas.

²⁸⁷ *O Campino*, 11.º ano, n.º 521, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 1, 3.ª e 4.ª colunas.

²⁸⁸ *O Campino*, 11.º ano, n.º 522, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1889, p. 2, 1.ª e 2.ª colunas.

pastagens abundantes²⁸⁹. Em Maio de 1892, poucas são as notícias da anual tenta, sabendo-se apenas que assistiram muitos convidados e toureiros espanhóis, sendo elevado o número de reses apuradas para a lide²⁹⁰. Em 1893 a tenta deveria ter decorrido em Abril²⁹¹, mas o tempo não o permitiu, pelo que ocorreu em Maio, tentando-se 36 garraios e sendo apurados quase todos como bravos e aptos²⁹². Apenas se tem a certeza da presença de D. Luiz Montalban, que se demorou algum tempo na quinta das Areias²⁹³, mas certamente que contou com a presença da mais diversa sociedade. Alguns meses antes, em Fevereiro, havia-se realizado a ferra de 62 novilhos e 68 fêmeas, «mostrando todos muita bravura, boa estampa e sangue fino»²⁹⁴. Em Maio de 1894 a tenta anual contou com mais de cem novilhos e novilhas, estando o gado gordo, possante e a maioria demonstrando muita bravura, tendo assistido a tal espetáculo vários convidados e gente da vila²⁹⁵. Em Novembro do mesmo ano realizou-se outra tenta de novilhos, que na sua maioria demonstraram muita bravura, tendo sido grande a concorrência da sociedade lisboeta²⁹⁶. Em 1895 a tenta dos novilhos e novilhas realizou-se apenas em Junho, tendo-se apurado algumas reses com boa figura que demonstraram muita bravura e estar em condições para investir contra a barriga dos cavalos²⁹⁷.

Em Abril de 1896 a tenta demorou dois dias. No primeiro dia foram tentadas 31 fêmeas e no segundo dia 38 fêmeas e 69 machos, sendo as reses de dois anos e acusando um aperfeiçoado tratamento. Foram apurados dois terços, sendo um resultado superior e soberbo quando comprado com os anos anteriores. Os que assistiram a esta tenta diziam que nem em Espanha se executaram tentas tão rigorosas, considerando-se as percentagens boas quando seapura pelo menos um terço. Os novilhos, que pareciam toiros de quatro anos, entusiasmaram bastante os aficionados a que a esta festa assistiram, sendo que um deles, o n.º 37, foi escolhido para ficar para semental pela *faena* excecional com que o toureou D. Luiz Montalban. O picador foi Fernando Campillo, coadjuvado por Varilarguera, D. Luiz Montalban e os irmãos bandarilheiros Pescadero e Vicente.²⁹⁸ A última tenta de que há relato da época aconteceu em Outubro

²⁸⁹ *O Campino*, 13.º ano, Suplemento ao n.º 625, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 2.ª e 3.ª colunas.

²⁹⁰ *O Campino*, 14.º ano, n.º 677, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 3, 1.ª coluna.

²⁹¹ *O Campino*, 15.º ano, n.º 726, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 2.ª coluna.

²⁹² *O Campino*, 15.º ano, n.º 729, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 2.ª coluna.

²⁹³ *O Campino*, 15.º ano, n.º 726, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 1.ª coluna.

²⁹⁴ *O Campino*, 15.º ano, n.º 715, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 1, 5.ª coluna.

²⁹⁵ *O Campino*, 16.º ano, n.º 778, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 2, 5.ª coluna.

²⁹⁶ *O Campino*, 16.º ano, n.º 804, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1894, p. 2, 3.ª coluna.

²⁹⁷ *O Campino*, 17.º ano, n.º 832, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1895, p. 2, 2.ª coluna.

²⁹⁸ *O Campino*, 18.º ano, n.º 874, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1896, p. 3, 1.ª e 2.ª colunas.

de 1902, contando demorar-se vários dias, mas tendo apenas durado dois pela colhida que sofreu de um garraio o picador Fernando Campillo. Foram apuradas cerca de 30 reses, das quais 9 eram novilhos²⁹⁹.

Através destas meticulosas tentas, representativas do progresso no apuramento das raças bravas, conseguiu assim constituir «*uma manada pródiga em cores e rica em nobreza*»³⁰⁰, feita de reses portuguesas e espanholas, levando muitos a considerarem os seus toiros unicamente espanhóis. Perante esta consideração, Palha Blanco advertia prontamente: «*Não, os meus toiros são portugueses, oriundos de vacas portuguesas, nascidos e criados em Portugal.*»³⁰¹. Elevava tanto o prestígio da sua ganadaria em toda a Península Ibérica, «*como em outras nações, pois que muitos homens notáveis*»³⁰², como fomos percebendo nas relações estabelecidas, tinham visitado a sua residência, sendo «*um dos poucos lavradores, senão o único, que fornece gado para*»³⁰³ a monumental praça de toiros de Madrid.

Tabela 10 – Tentas e resultados da ganadaria de Palha Blanco

	Tentados				Resultados		
	Novilhos / Machos	Novilhas / Fêmeas	Garraios	Vacas	Superiores / Aprovados	Desprezados	Bravos de má condição
Abr 1888	51	-	-	-	33	18	-
Out 1888	-	-	-	52	26	26	-
Mai 1889	67	-	-	-	39	11	17
1891	-	-	50	80	[Parte]	[Muito poucos]	-
Mai 1892	?	?	?	?	[Elevado]	?	-
Mai 1893	-	-	36	-	[Quase todos]	?	-
Mai 1894	+ 100		-	-	[Maioria]	?	-
Nov 1894	?	?	?	?	[Maioria]	?	-
Jun 1895	?	?	?	?	[Algumas]	?	-
Abr 1896	69	69	-	-	92	46	-
Out 1902	9	?	?	?	c. 30	?	-

Fonte: *O Campino* [vários números referenciados acima em notas de rodapé]

²⁹⁹ *Echos do Ribatejo*, 3.º ano, n.º 96, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1902, p. 2, 2.ª coluna.

³⁰⁰ GONÇALVES, Joana, PEREIRA, Maria Teresa Vieira, *ibidem*, p. 35.

³⁰¹ CABRAL, Motta, «José Pereira Palha Blanco», in *Nação Portuguesa: revista de cultura nacionalista*, vol. XI, Fasc. I, Lisboa, [s.n.], 1937, p. 40.

³⁰² MONTEIRO, João, «Palha Blanco», in *Tiro & Sport*, Ano XIII, n.º 369, Lisboa, Typ. do Anuario Commercial, 1907, p. [4].

³⁰³ NORONHA, Eduardo, *ibidem*, p. 367.

4.1.2. *As corridas e espetáculos taurinos*

O principal intento de qualquer criador de toiros que se prezasse no cruzamento e apuramento da raça na segunda metade do século XIX e na primeira do século XX era o de levar o seu gado à monumental praça de toiros de Madrid, pelo facto de esta ser considerada a mais importante e o local onde se podia alcançar o expoente máximo de sucesso e prestígio.

Apesar de ainda no tempo de António José Pereira Palha de Faria Lacerda se terem apresentado alguns toiros na praça de toiros de Madrid, é em 1883 que Palha Blanco consegue pela primeira vez esse intento, ainda que nessa altura os toiros apresentados não tivessem sido tentados e tivessem sido criados para a praça de toiros de Lisboa, onde se não picavam os toiros. Apesar disso, as críticas não foram negativas, afirmando-se que não era por esta corrida que se podia avaliar o “rebanho” do criador português e elogiando a destreza que Palha Blanco possuía para a selecção científica³⁰⁴.

Dos grandes espetáculos taurinos destacam-se algumas corridas de toiros: em Toledo, no dia de Corpus Christi de 1888, os toiros saíram bravíssimos, deixando satisfeitos até os aficionados mais exigentes³⁰⁵; em Ciudad Real, a 17 de Agosto de 1890, foram corridos seis toiros (dois bons e quatro superiores), tendo o último recebido seis varas num pequeno espaço de terreno, matando cinco cavalos e tendo sido recolhido por o matador não se achar com força para o estoquear, o que levou a «*uma das mais estrondosas ovações de que ha memoria na [dita] praça*»³⁰⁶; em Madrid, no mês de Outubro de 1890, os oito toiros corridos saíram muito bravos e causaram grande entusiasmo, tendo morto 18 cavalos e derrubado 22 vezes os picadores, fazendo os aficionados «grande ovação»³⁰⁷; em Madrid, a 1 de Julho de 1891, correram-se seis toiros, tendo morto 16 cavalos, sendo classificados quatro de bons, um de superior e o outro de regular³⁰⁸; em Évora, na feira de São João de 1892, os toiros foram muito bravos e de muito pé, fazendo o público uma «*estrondosa ovação ao filho do ganadero*»³⁰⁹; etc.

³⁰⁴ *O Campino*, 5.º ano, n.º 240, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1893, p. 2, 2.ª e 3.ª colunas; A selecção não é científica porque a imprensa da época o afirma, mas pelas experiências e métodos usados, alguns descritos anteriormente. Mais adiante se tratará novamente a selecção científica e algumas experiências noutras espécies.

³⁰⁵ *O Campino*, 10.º ano, n.º 473, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1888, p. 2, 2.ª coluna.

³⁰⁶ *O Campino*, 12.º ano, n.º 587, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 3, 2.ª coluna.

³⁰⁷ *O Campino*, 12.º ano, n.º 595, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1890, p. 2, 2.ª coluna.

³⁰⁸ *O Campino*, 13.º ano, n.º 631, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 2.ª coluna.

³⁰⁹ *O Campino*, 14.º ano, n.º 683, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1892, p. 2, 1.ª coluna.

Exportou ainda gado bravo para outras praças de Espanha (San Vicente de Alcántara, Badajoz, Valencia de Alcántara, Almagro, Zaragoza, Bilbao, Logroño, Valencia, Pamplona, La Coruña, Cádiz, Pontevedra, Oviedo, Sevilla, Almeria, Cáceres, San Sebastián, Barcelona, Ayamonte, Cordoba, Castellon, Tudella, Palma de Mallorca, Albacete, Granada, Alicante, Cartagena, Aranjuez, Castellon de la Plana, Utiel, Santander, Cabra, Malaga, Huelva, etc.), de França (Bayonne e Dax) e do México (Ciudad de Mexico).³¹⁰

4.2. A coudelaria Palha Blanco

4.2.1. De uma pequena manada de éguas a uma casta de excelência: distinção de uma raça cavalar “ribatejana”

Em 1872, ainda com apenas dezoito anos, ao regressar de Espanha, após a já referida passagem pelo reino vizinho proporcionada pela morte do pai, desenvolvera uma coudelaria «*com uma pequena manada de éguas ribatejanas herdadas do pai*». Segundo as já referidas e não confirmadas Joana Gonçalves e Maria Teresa Vieira Pereira, chegou a possuir cento e cinquenta éguas de criação, já depois de ter acrescentado à manada inicial vários grupos adquiridos à Coudelaria de Alter, ao Marquês de Niza, ao seu amigo Luiz da Gama (Quinta das Janelas, Óbidos) e à Real Eguada de Aranjuez, esta pertencente à Casa Real Espanhola³¹¹. Tinha a coudelaria registada na Direção Geral dos Serviços de Cavalaria³¹² e por diversas vezes, como era de esperar, participou em feiras e exposições agrícolas em Portugal e no estrangeiro, como visitante ou concorrente, recebendo vários prémios e menções pelo seu gado cavalar, destacando-se as duas exposições hípcas que se realizaram na Tapada da Ajuda.

Na primeira exposição hípcica de 1903³¹³, também chamada de exposição de solípedes, Palha Blanco concorreu como produtor nos expositores com cinco ganhões, oito poldros de dois anos, nove éguas apoldradas, seis poldros de dois anos e cinco de três anos. Foi premiado com uma medalha de prata e ainda com 250\$000 réis pelo grupo de nove éguas apoldradas (Ministra, Marqueza, Petinga, Brabisca, Robaldeira e

³¹⁰ *Contratos de compra-venda de toiros e novinhos para espetáculos taurinos*, AFPP (TQA), 1899-1923.

³¹¹ GONÇALVES, Joana, PEREIRA, Maria Teresa Vieira, *ibidem*, p. 85.

³¹² OLIVEIRA, Domingos Augusto Alves da Costa, *Raças Cavallares da Peninsula e Marcas a Ferro* (...), Lisboa, Livraria Ferin, 1906, p. 103.

³¹³ *O Tiro Civil*, nº 266, Lisboa, [s.n.], 1903.

Malvista). Na segunda exposição hípica de 1904, inaugurada pelo rei D. Carlos a 5 de Junho, tornou a concorrer como produtor com cinco ganhões, quatro cavalos de sela de quatro a cinco anos, um grupo de seis éguas apoldradas, uma égua de serviço apoldrada, um grupo de seis poldros de um ano e outro de dois anos, três grupos de seis poldras, sendo um de um ano, outro de dois e outro de três anos, e um grupo de quatro muares. Na categoria de ganhões da classe de solípedes isolados ganhou três medalhas em cobre pelos cavalos Perdigão, Valoroso e Canario, na categoria de éguas de criação apoldradas ganhou uma medalha em prata e 50\$000 réis pela égua Ministra, e na categoria de cavalos ou éguas de sela não destinadas à reprodução ganhou uma medalha em ouro pelo cavalo Sardo e duas medalhas em cobre pelos cavalos Roseto e Fragato. Na categoria das éguas apoldradas da classe de grupos ganhou uma medalha em ouro e 200\$000 réis por um grupo de éguas e na categoria dos poldros ou poldras de dois anos completos a quatro incompletos ganhou duas medalhas em cobre por um grupo de seis poldros de dois anos e por outro de seis poldras de dois anos e seis de três anos. Recebeu ainda uma menção honrosa pelo ganhão Regedor e pelo cavalo de sela Marquez³¹⁴. Chegou ainda a participar, em 1906, na *Exposição de solípedes na Real Tapada*³¹⁵.

Para além destas mostras de cavalos em exposições organizadas, as festas *camperas*, nomeadamente as tentas e ferras, serviam não só para seleccionar cientificamente e marcar a ferros o gado, mas também para dar a conhecer, ainda que indiretamente e despercebidamente, a coudelaria, sendo prova disso a seguinte crítica, publicada em 1891: «*Vimos igualmente excellentes exemplares da raça cavallar com o ferro do mesmo lavrador-creador.*»³¹⁶.

Pelo seu elevado conhecimento e pela distinção dos seus cavalos, nos inícios do século XX, Palha Blanco é chamado a integrar uma comissão, em substituição de um dos criadores de gado, que estudaria «*as providências a adotar para o desenvolvimento da raça hípica*», particularmente «*na escolha de cavalos para o serviço do Exército*»³¹⁷, sendo-lhe várias vezes remetidas cartas da Comissão da Remonta a Norte do Tejo e do Depósito da Remonta de Mafra a pedir que enviasse cavalos para a remonta³¹⁸. Em

³¹⁴ *Tiro & Sport*, ano X, nº 287, Lisboa, [s.n.], 1904, p. 9-12.

³¹⁵ *Tiro e Sport*, ano XII, nº 334., Lisboa, [s.n.], 1906, p. [14].

³¹⁶ *O Campino*, 13.º ano, Suplemento ao n.º 625, Vila Franca de Xira, [s.n.], 1891, p. 2, 2.ª coluna.

³¹⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1890-1910)*, vol. X, Lisboa, Verbo, 1977, p. 398.

³¹⁸ *Cartas da Comissão Permanente de Remonta a Norte do Tejo e do Depósito da Remonta de Mafra para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 1915-1916.

1912 é chamado a integrar outra comissão, desta vez composta por médicos, veterinários e lavradores, que tinha como finalidade o estudo de «*um texto mais adequado para o bom funcionamento da administração pecuária*»³¹⁹.

4.3. Outras espécies animais e vegetais

Como seria de esperar, para além da ganadaria e da coudelaria, a casa agrícola de Palha Blanco produzia ainda gado bovino manso (ou de trabalho), lanígero, suíno e de capoeira. Em 1907, o gado de trabalho era constituído por 758 cabeças, excluindo as 30 cabeças de vacas leiteiras que ia formando. O gado lanígero contava com 1 050 cabeças, dividindo-se em dois rebanhos: um de ovelhas merinos pretos, das quais retirava a carne e o leite; e outro de ovelhas merinos brancos, favorecidas com a casta francesa *Rambouillet*, das quais retirava o leite e a lã. O gado suíno era constituído por 200 a 300 porcos, sendo auxiliada a sua criação por outra propriedade agrícola.

O chamado gado de capoeira consistia na existência de um aviário com capoeiras de alvenaria para albergar cerca de 800 a 1 000 bicos de galinhas (castas Andaluzas, Minorcas, Leghorns e Orpington), perus (vulgares e Mammouths) e patos (vulgares e Rouen). A incubação e a criação eram «*feitas por meio de chocadeiras e creadeiras artificiaes*» e no verão as galinhas eram transportadas ao campo em seis capoeiras volantes para beneficiarem dos restos das eiras³²⁰. Se tivermos em atenção o tipo de gado e os dados fornecidos por Alberto Pimentel em 1908, perceberemos que os dados são relativamente diferentes do referido ano anterior.

Tabela 11 – Criação anual de gado na casa agrícola de Palha Blanco, em 1908

Gado	Média Anual (cabeças)
Bovino (bravo)	460
Bovino (manso)	393
Cavalar	296
Muar	14
Lanígero	600

Fonte: PIMENTEL, Alberto, *A Extremadura Portuguesa*, Lisboa, Ed. Livraria Moderna, 1908, p. 164

³¹⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1910-1926)*, vol. XII, Lisboa, Verbo, 2.^a ed., 2001, p. 256.

³²⁰ «Os Grandes Lavradores do Ribatejo: O Sr. Palha Blanco», in *Ilustração portuguesa*, 2.^a série, nº 91, Lisboa, [s.n.], 1907.

Tabela 12 – Castas de gado e suas procedências existentes na casa agrícola de Palha Blanco, em 1908

Gado	Procedências (Castas)	Cruzamento (sobre)
Cavalar	Hispano-Árabe	-
Bovino (bravo)	Andaluza	-
	Hispano-Lusa	-
Bovino (mansa)	Andaluza	-
Lanígero	Merina Pura	Bordalesa
	Rambouillet	Merina Andaluza

Fonte: PIMENTEL, Alberto, *A Extremadura Portuguesa*, Lisboa, Ed. Livraria Moderna, 1908, p. 164

Foi ainda pioneiro na introdução e cultivo de algumas espécies vegetais, como o grão preto³²¹ e o afamado melão Palha Blanco³²². O grão preto, trazido de Espanha e introduzido em Portugal, era muito produtivo e passou a ser bastante cultivado nos arredores de Lisboa³²³. O chamado melão Palha Blanco tinha essa denominação pelo facto de muito provavelmente ter sido introduzido no ribatejo pelo dito lavrador, sendo também conhecido pelo melão de Valência, de Almeirim, espanhol e valenciano. Era um melão de longa duração, durando muito tempo, de casca delgada, lisa ou enrugada, exigindo um clima quente e uma colheita no tempo certo³²⁴.

É perceptível a importância que este lavrador assumiu nos primórdios da selecção científica em Portugal, através de cruzamentos e apuramentos de várias raças e espécies em finais do século XIX e inícios do século XX. Embora seja necessário aprofundar estas questões da selecção científica em Portugal é plausível considerar Palha Blanco como um dos “pais da selecção científica em Portugal” ou pelo menos considerá-lo uma das grandes personalidades da introdução e divulgação desta prática no país.³²⁵

³²¹ ISA, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, Lisboa, Universidade Técnica, 1920, p. 106.

³²² *A Parodia*, 5.º ano, n.º 135, Lisboa, A Editora, 1905, p. 3.

³²³ ISA, *ibidem*.

³²⁴ «Semear melões», in *Gazeta das aldeias. Campanha da produção agrícola: Suplemento*, 1-24, Lisboa, [s.n.], 1942, p. 72.

³²⁵ Não se desenvolveu com mais pormenor esta questão em torno da selecção científica pelo facto de ser necessário cruzar informação entre vários arquivos e de a documentação particular que se pensa existir

Capítulo V – A tentativa de desenvolvimento industrial e das comunicações

5.1. A criação sonhada de uma escola industrial, a fábrica de descasque de arroz e a pedreira da Quinta do Cabo

O arranque da industrialização no concelho de Vila Franca de Xira aconteceu ainda no século XIX com a instalação de algumas pequenas indústrias na região, que por sua vez sofreram uma mudança – positiva – determinante, que se deveu à instalação da linha de caminho-de-ferro na segunda metade do século XIX. É este desenvolvimento industrial, ainda que por vezes pouco visível, que “renova” o concelho e o altera profundamente.³²⁶ Este desenvolvimento e aumento da atividade industrial levaram a que, mais tarde, fossem necessárias melhorias nas comunicações.³²⁷

Sendo a cultura do arroz uma das atividades agrícolas mais recorrentes no concelho de Vila Franca de Xira, em plena lezíria ribatejana, os primeiros pensamentos de Palha Blanco em adquirir uma instalação para descasque de arroz surgiram em Março de 1916. Imediatamente um representante (Ad. Muller Elias) da casa construtora Douglas & Grant (Kirkcaldy, Escócia) se colocou inteiramente ao seu dispor, «*para elaborar um orçamento ou para lhe fornecer quaesquer informações*»³²⁸ necessárias, uma vez que o mesmo representante estava incumbido de executar uma instalação com a mesma finalidade destinada à Manutenção Militar em Lisboa³²⁹. O orçamento, nas condições exigidas – que se desconhecem –, para a aquisição da dita instalação de descasque de arroz, destinada a descascar 2 000 quilos por hora (40 cwts.), com a possibilidade de ter ainda uma caldeira para queimar a casca do próprio arroz³³⁰, ou para uma instalação completa para descascar, branquear e polir arroz³³¹, viria de Inglaterra, juntamente com as plantas, etc., demorando cerca de vinte dias.³³² Para além deste orçamento, Palha Blanco pediu ainda outro, que certamente terá sido o escolhido, como se consegue compreender pelas plantas elaboradas pela I.M.A Domingómez (Valencia,

sobre este assunto estar dispersa por vários espólios familiares. Um estudo científico aprofundado, com o auxílio de outras áreas científicas, poderia ser suficiente para corroborar plenamente esta hipótese.

³²⁶ RAIMUNDO, Orlando, *Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre...: História de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2012, p. 74

³²⁷ *Ibidem*, p. 84

³²⁸ *Carta de Ad. Muller Elias para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 4-III-1916

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ *Carta de Ad. Muller Elias para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 6-III-1916.

³³¹ *Carta de Ad. Muller Elias para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 13-III-1916.

³³² *Carta de Ad. Muller Elias para José Pereira Palha Blanco*, AFPP (TQA), 17-III-1916.

Espanha) para a instalação de descasque de arroz, para a laboração de 27 000 quilos de arroz em casca durante 24 horas.³³³

Esta será certamente uma das primeiras unidades fabris no concelho de Vila Franca de Xira, pelo menos deste tipo, uma vez que a Fábrica do Descasque e Moagem da Companhia Industrial de Vila Franca e Bonfim – localizada na zona ribeirinha da vila – apenas foi fundada em 1921³³⁴, mas para esta tese ter plena validade seria necessário um estudo mais aprofundado sobre este assunto no referido concelho. Resta apenas perceber em qual das propriedades de José Pereira Palha Blanco estaria localizada a instalação de descasque de arroz por si adquirida, na segunda década do século XX.

No que diz respeito à indústria extrativa, o concelho de Vila Franca de Xira não foi exceção e, segundo o *Inquerito industrial de 1890*, a norte do rio Tejo «a não ser o fabrico de cal, pode dizer-se que os trabalhos de pedreira são puramente e só feitos quando há construções que exigem os materiais»³³⁵. Para compreender a indústria extrativa neste concelho e a razão que terá levado José Pereira Palha Blanco a possuir uma pedreira numa das suas propriedades, denominada Quinta do Cabo, é preciso que se compreenda esta característica presente no referido inquérito.

Na zona vila-franquense, a extração de argilas, para além de ser uma matéria-prima usada para fabricar telhas e tijolos e de ser considerada uma atividade económica muito importante para o concelho, no entender de Graça S. Nunes «era feita de uma forma bastante artesanal, sem o recurso aos novos ensinamentos da ciência e da técnica»³³⁶. Certamente a pedreira da Quinta do Cabo seria a exceção, não só pelo simples facto de Palha Blanco inovar e modernizar em todos os campos, mas também pelo facto de já em 1894, aquando da sua passagem pelo cargo de Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, reclamar «a instituição de uma escola industrial»³³⁷ no concelho, ainda que não haja informação suficiente para corroborar esta alegação

³³³ *Plantas elaborados por I. M. A Domingómez (Valencia, Espanha) destinadas ao Illmo. Sr. J. P. Palha Blanco. Villa Franca de Xira. Instalação de descasque de arroz para a laboração de 27000Ks. de arroz em casca durante 24 horas.*, AFPP (TQA), [s.d.].

³³⁴ PINTO, Maria Filomena Mateus Epalange Ferreira, *A modernização do comércio no eixo de Vila Franca de Xira*, Lisboa, 2010, dissertação de mestrado, FCSH-UNL, policopiada, p. 37.

³³⁵ *Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Inquerito industrial de 1890 - Vol. I Indústrias extractivas Minas e Pedreiras*, Lisboa, Imprensa Nacional, [s.d.].

³³⁶ NUNES, Graça Soares, «Etapas, setores e empresários do desenvolvimento industrial no estuário do Tejo (1850-1890)», in *CIRA: Boletim Cultural*, n.º 12, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2015, p. 109.

³³⁷ *Diário das Sessões da Assembleia Nacional*, n.º 227, Lisboa, [s.n.], 1953, p. 1086.

relativa à modernização da pedreira. É curioso o facto de o deputado Francisco Cardoso de Melo Machado, Presidente da Câmara Municipal de Alenquer, em 1953 (passados quase 60 anos), justificar e explicar a insistência do já defunto lavrador ribatejano «*como uma antevisão notável de futuras necessidades*»³³⁸, a quem várias vezes presentes nessa sessão “aclamaram”.³³⁹

5.2. A rede telefónica particular da Quinta das Areias

As redes nacionais de telecomunicações já desde a primeira metade do século XIX que se vinham estabelecendo em vários países, ainda que em Portugal apenas tenham chegado efetivamente em 1870 com o lançamento de um cabo submarino que estabelecia a ligação entre a cidade de Penzance (Inglaterra) e a vila de Carcavelos. Através desta ligação, Portugal ficou também ligado a Gibraltar, Malta, Índia e China.³⁴⁰ Evidentemente que o estabelecimento das comunicações telegráficas na metrópole e nas colónias, cruciais para as questões comerciais, políticas e militares, foi um ponto de partida para, no final do século XIX e no primeiro quartel do século XX, existir uma concessionária responsável pela exploração das redes telefónicas portuguesas, a *Companhia Anglo-Portuguesa de Telephones*, com cerca de 8 000 assinantes em 1914.³⁴¹

Há registos do uso de uma linha telefónica da rede pública por parte de Palha Blanco pelo menos desde 1893³⁴², ainda que não seja possível determinar em que moldes e em que região ao certo. Sabendo-se que em 1919 a rede telefónica, já da responsabilidade da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, possuía ainda poucos circuitos interurbanos provenientes do circuito principal Lisboa-Porto, onde há registo de uma estação intermédia em Vila Franca de Xira³⁴³, é possível que essa mesma

³³⁸ *Ibidem*.

³³⁹ Não se desenvolveu esta questão da instituição de uma escola industrial pelo facto de a documentação camarária ser extensiva e densa, sendo necessário uma leitura demorada e aprofundada de grande parte dessa documentação que o tempo não permitiu levar avante. O mesmo sucedeu com a alegada intervenção de Palha Blanco no desenvolvimento ferroviário.

³⁴⁰ ROLLO, Maria Fernanda, PIRES, Ana Paula, «Portugal, as telecomunicações e a Grande Guerra», in *Poder, Comunicaciones y Propaganda: reflexiones desde el Sur*, Las Palmas, Unidade de Las Palmas de Gran Canaria, 2016, p. 37/40.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 56.

³⁴² *Recibo do pagamento da quota annual adiantada da subscrição para uso de uma linha telephonica da rede publica à Companhia Anglo-Portuguesa de Telephones*, AFPP (TQA), 1893; *Ibidem*, 1895.

³⁴³ ROLLO, Maria Fernanda, PIRES, Ana Paula, *ibidem*, p. 67-68.

estação intermédia já existisse na última década do século XIX, caso contrário será difícil explicar como era feito o uso da referida linha telefónica da rede pública.

Ainda em Fevereiro de 1903 foi concedida, por despacho ministerial, autorização para a exploração de uma linha telefónica com uma extensão de 5 040 metros e 3 estações (Castanheira do Ribatejo, Quinta das Areias e Hotel Ribatejano, este em Vila Franca de Xira), em resposta ao requerimento de José P. Palha Blanco. Com o passar dos anos e com o aumento das estações e linhas, em Janeiro de 1916, Palha Blanco foi notificado, ou “convidado” se atentarmos ao teor da carta, pela 4.^a Direcção Técnica da Administração Geral dos Correios e Telégrafos a legalizar toda a sua actual rede o mais rapidamente possível. Para tal, foi-lhe exigido que remetesse com o requerimento três plantas, uma memória descritiva em duplicado e um termo de responsabilidade do indivíduo técnico responsável pela fiscalização e conservação da rede.³⁴⁴

A planta e a descrição da rede telefónica particular da Quinta das Areias, situada no concelho de Vila Franca de Xira, foram apresentadas por Henrique Eugénio de Castro Rodrigues a 17 de Maio de 1916, em pleno conflito mundial, sendo posteriormente aprovadas por José Pereira Palha Blanco, que as assina em data incerta. Esta rede telefónica, com um total arredondado de 9 150 metros de extensão, fazia a ligação, de um extremo ao outro, entre o Hotel Ribatejano em Vila Franca de Xira e o Pátio das Obras, propriedade de Palha Blanco, na vila da Castanheira do Ribatejo. Era composta por quatro linhas e cinco estações, sendo a da Quinta das Areias, localizada no denominado Pátio das Areias – habitação primitiva da quinta e à época escritórios – a Estação Central, de onde saíam todas as linhas e de onde toda a comunicação era estabelecida.

A primeira linha estabelecia a comunicação entre o escritório do Pátio das Areias, na Quinta das Areias, e o Pátio das Obras, na vila da Castanheira do Ribatejo, estendendo-se ao longo de 1 483 metros. A segunda linha fazia a comunicação entre o referido escritório e a casa de habitação da Quinta do Cabo, onde se encontrava a pedreira, com uma extensão de 1 381 metros. A terceira linha, que saía do mesmo sítio que as outras, fazia a união com a casa de habitação do Cais de Povos, onde Palha Blanco possuía um porto fluvial particular. Tinha uma extensão de 2 542 metros. A

³⁴⁴ *Carta do Director da Exploração Electrica da 4.^a Direcção da Administração Geral dos Correios e Telegrafos do Ministerio do Fomento para José Pereira Palha Blanco, AFPP (TQA), 1916.*

última linha partia também da Estação Central do Pátio das Areias para o Hotel Ribatejano, em Vila Franca de Xira, com uma extensão de 3 743,50 metros. Estas várias linhas assentam num total de 56 postes, dos quais apenas 1 pertencia à linha telegráfica do Governo, pertencendo os restantes a Palha Blanco e estando colocados em propriedades suas.³⁴⁵

A grande importância e inovação desta rede telefónica particular consistiam no facto de prestar grande auxílio à lavoura, permitindo uma comunicação mais rápida e eficiente entre as várias propriedades que evitava as deslocações demoradas e inconvenientes, numa época em que a rede telefónica ainda não tinha sido instalada em grande parte do território nacional, não apenas em vilas e aldeias, mas em várias cidades.

³⁴⁵ *Rêde Telefónica particular da Quinta das Areias, situada no concelho de Vila Franca de Xira, entre esta Vila e a Vila da Castanheira: Memoria descritiva e planta*, AFPP (TQA), 1916.

CONCLUSÃO

Portugal, no século XIX e em grande parte do século XX, foi sendo identificado como um país essencialmente agrícola e economicamente atrasado se comparado com os principais países europeus, compreendendo embora a existência de proprietários e lavradores empenhados na condução e incentivando um desenvolvimento e modernização da agricultura e da indústria. Alguns desses proprietários e lavradores eram efectivos caciques, detendo um papel relevante e dispondo de uma influência política e eleitoral localmente determinante e, nalguns casos, ampliando esse poder no plano nacional. É nessa qualidade que se inscreve Palha Blanco. Incidindo esta dissertação sobre a figura de José Pereira Palha Blanco conseguimos compreender o papel fundamental que este assumiu enquanto político e lavrador no desenvolvimento agrícola, económico e social do concelho de Vila Franca de Xira, ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira do século XX. O papel que assume é fulcral para compreender a história local do concelho de Vila Franca de Xira e o seu próprio desenvolvimento, que poderá até ter impacto e relevância no contexto nacional.

O poder local/caciquismo e maneira como estes se desenvolviam dependiam do próprio cacique e dos princípios éticos do mesmo, havendo casos em que se exercia esta influência sem recorrer à manipulação das eleições nem à compra de votos. Alguns caciques foram o exemplo claro disso mesmo, sendo o caso de Palha Blanco um modelo exemplar, uma vez que não tinha recorrido a manipulações ou proveitos próprios e pensava no bem comum da localidade onde exercia a sua influência, quer fosse num regime republicano quer fosse num regime monárquico

Com o Partido Republicano Português a conquistar cada vez mais adeptos, o poder local/caciquismo, sendo uma extensão do poder político, permitiu o prolongamento da Monarquia Constitucional, numa altura em que esta já se encontrava fragilizada. Percebemos que mesmo após a queda da Monarquia, os caciques não deixaram de ter importância a nível local, uma vez que estes continuavam na maior parte dos casos a fornecer emprego às populações rurais, com as quais tinham grande dependência. O que aconteceu com José Pereira Palha Blanco. A aposta no desenvolvimento social, grande parte – como se viu – durante os seus mandatos na presidência da câmara, talvez só tenha sido possível com a dimensão que teve pelo

cargo que ocupava, pois de outra maneira era difícil que tal se verificasse. O certo é que o desenvolvimento social conseguido foi importante para o concelho, verificando-se as suas benesses ainda hoje. Palha Blanco, para quebrar a indiferença de gerações de vila-franquenses, toma a iniciativa em assuntos da máxima importância, como o embelezamento, a higiene, a comodidade e a expansão da vila, não se limitando apenas às tradicionais preocupações das festas religiosas e procissões, das touradas, etc.

O poder e prestígio de José Pereira Palha Blanco resultaram não só da sua riqueza e estatuto, adquiridos por si e pelas gerações que o antecederam, mas também da sua iniciativa nos vários campos mencionados. A ligação às suas propriedades e o gosto pela agricultura levaram-no a investir e inovar no campo das novas técnicas agropecuárias. Nas suas propriedades, as tarefas agrícolas passaram a incorporar as novas máquinas, que conheceu através das revistas que lia e assinava e das exposições agrícolas em que participava e visitava. Conseguimos perceber que no final do século XIX e na primeira metade do século XX houve algum desenvolvimento e modernização agrícola, ainda que se verifique serem casos concretos e pontuais. É certo que as grandes casas agrícolas com capital estavam por detrás deste desenvolvimento e acontecia um pouco por todo o país, ainda que seja necessário um estudo mais aprofundado que permita afirmar isto sem sombra de dúvida.

A modernização agrícola levada a cabo por este lavrador, ainda que fosse uma exceção e “fugisse” à regra geral do que acontecia no país, foi importante porque demonstra que havia quem se opusesse à estagnação que assolava o país e que apostasse naquilo que verdadeiramente importava para o desenvolvimento do país. Neste caso, com um olhar inovador, Palha Blanco introduziu práticas e técnicas inovadoras, a par da maquinaria de “última geração” que o mesmo ia mandando reparar e substituir pelo último modelo quando necessário. A sua postura relativamente ao desenvolvimento agrícola e industrial vinha antecipar aquilo que se viria a generalizar alguns anos mais tarde. Na sua casa agrícola procedeu ainda à alteração e melhoramento das infraestruturas, desde os sistemas de rega e drenagem, à modernização dos lagares. Ainda hoje, o legado da sua Ganadaria e Coudelaria é reconhecido, tanto a nível nacional, como internacional. Os cruzamentos e as experiências zootécnicas que efectuou resultaram no surgimento de excelentes raças de animais. As propriedades de José Pereira Palha Blanco encontravam-se na Lezíria Ribatejana, uma região com uma atividade agrícola claramente de cariz mercantil e dominada pelo caciquismo. Palha

Blanco foi um típico cacique português, latifundiário-lavrador, «*envolvido no governo local, dado à filantropia e ao desporto (geralmente tauromaquia e caça) e também à arte, e muito empenhado em experiências com novas espécies animais e vegetais e com a última tecnologia*»³⁴⁶.

Os novos contributos de conhecimento que resultaram desta dissertação possibilitaram o despertar do interesse e da investigação em algumas matérias, como a da selecção científica, a do poder local/caciquismo, e a da modernização agrícola e industrial. Este estudo permitiu ainda responder a várias questões elencadas no início, permitindo compreender os seguintes aspectos que foram desenvolvidos nos vários capítulos:

- a origem da família Pereira Palha e a maneira como ascendeu socialmente, devendo-se esta ascensão ao poder económico e patrimonial da família, uma vez que eram uma família de mercadores;
- a maneira como o estatuto social, as relações familiares e o aparecimento na vida social se relacionam com a influência que se exerce e com as redes clientelares que se criam, depreendendo que a estratificação da sociedade era inerente ao estabelecimento de um conjunto de relações de interdependência entre classes;
- o facto do caciquismo e da maneira como este se desenvolveu em Vila Franca de Xira, pelo menos no caso de Palha Blanco, ser diferente dos poucos casos que se conhecem não se verificando a manipulação das eleições através da compra de votos ou do capricho e do favorecimento próprio;
- o exercício do poder local e do caciquismo tendo em vista o bem comum do local onde eram exercidos, verificando-se isto na rede de influências que Palha Blanco estabeleceu na zona da lezíria ribatejana, não como quem domina para ter proveito próprio, mas preocupado com a população local e o desenvolvimento local;
- os moldes em que este tipo de influência se adaptou com a mudança de regime Monarquia-República, comprovado pela relação com os republicanos e pela influência que Palha Blanco continuou a exercer;
- o desenvolvimento e modernização da agricultura pelas práticas levadas a cabo por Palha Blanco, ainda que fique em aberto se terá sido um caso isolado e sem

³⁴⁶ RAMOS, Rui, *ibidem*, p. 176.

repercussões práticas no contexto nacional agrícola ou se de facto influenciou o exterior do concelho;

- as casas agrícolas de grande dimensão como bases de apoio ao desenvolvimento e modernização agrícola, pelo facto de ser necessária a existência de capital para responder a essas dinâmicas evolutivas;
- o desenvolvimento e eventual pioneirismo em plena lezíria ribatejana da selecção científica em Portugal, com o cruzamento e apuramento de raças realizados por Palha Blanco;
- a iniciativa particular como principal fomento do desenvolvimento industrial e das comunicações em Vila Franca de Xira.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivos

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Arquivo Ferreira de Amaral

Casa Real

Desembargo do Paço

Mesa da Consciência e Ordens

Registos Paroquiais

Registos Civis

Registo Geral das Mercês

Tribunal do Santo Ofício

Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças

Imposto Sucessório

Arquivo Distrital de Beja

Registos Paroquiais

Arquivo Distrital de Évora

Testamentos

Arquivo da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa / Associação Central da Agricultura Portuguesa (Coudelaria de Alter)

Arquivo particular da Família Pereira Palha (Tombo da Quinta das Areias)

Arquivo particular da Família Ribeiro Telles

Bibliotecas

Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian

Coleção Santos Simões

FONTES SECUNDÁRIAS

Boletins e publicações de organismos oficiais

Código Administrativo de 1886, Lisboa

Código Administrativo de 1894, Lisboa

Diário das Sessões da Assembleia Nacional, Lisboa (1953)

Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. *Inquerito industrial de 1890 - Vol. I Indústrias extractivas Minas e Pedreiras*, Lisboa, Imprensa Nacional, [s.d.].

Publicações Periódicas Locais

O Campino, Vila Franca de Xira (1882-1884, 1888-1896)

Echos do Ribatejo, Vila Franca de Xira (1902)

Mensageiro de Cira, Vila Franca de Xira (1913)

Vida Ribatejana, Vila Franca de Xira (1937)

Publicações Periódicas Nacionais

Diario Illustrado, Lisboa (1874, 1876, 1889, 1892, 1896)

O Tiro Civil, Lisboa (1903)

Tiro & Sport, Lisboa (1904, 1907, 1906)

Ilustração Portuguesa, Lisboa (1.^a série: 1905; 2.^a série: 1907, 1919)

A Parodia, Lisboa (1905)

O Occidente, Lisboa (1907)

Nação Portuguesa: revista de cultura nacionalista, Lisboa (1937)

Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa, Lisboa

Publicações Periódicas Internacionais

L'Agriculture Moderne, Paris (1896, 1897)

Jornal de Seguros, Lisboa (1906)

Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro (1909)

Revista Comercial Ibero-Americana, Barcelona

Memórias e Opúsculos

MACEDO, Lino, *Apontamentos para a historia do Movimento Republicano no concelho de Vila Franca de Xira (1881 a 1891)*, Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1913.

Colecção de António M.^a Ribeiro Telles Costa

Edital da Câmara Municipal de Lisboa, 1888.

Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha, 1896.

[jornal desconhecido], 1952.

Recordatório de Maria do Carmo Pereira Palha, 1965.

Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado, *Relação das Terras cujos arrendamentos terminam em 1883*, 1883.

BIBLIOGRAFIA

Livros e artigos em obras colectivas

ALMEIDA, Pedro Tavares de, «Comportamentos eleitorais em Lisboa (1878-1910)», in *Análise Social*, vol. XXI (1.º), n.º 85, Lisboa, [s.n.], 1985.

AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de, *Benavente – Estudo histórico-descritivo*, Lisboa, [s.n.], 1926.

- Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 2.^a série, n.º [?], Lisboa, [s.n.], 1960.
- Bíblia Sagrada*, Cucujães, Editorial Missões, 6.^a ed., 2009.
- CALDAS, Eugénio de Castro, *A Agricultura na História de Portugal*, Lisboa, Empresa de Publicações Nacionais, 1998.
- CALDAS, Eugénio de Castro, «Aspectos da resistência ao desenvolvimento na Agricultura», in *Análise Social*, vol. II, n.º 7-8, Lisboa, [s.n.], 1964.
- Catalogo ilustrado da exposição retrospectiva de arte ornamental portuguesa e hespanhola celebrada em Lisboa em 1882 sob a protecção de sua magestade El-Rei o senhor D. Luiz I e a presidencia de sua magestade El-Rei o senhor D. Fernando II*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882.
- CHOFFAT, Paul, BENSUADE, Alfredo, *Estudos sobre o sismo do Ribatejo de 23 de Abril de 1909*, Lisboa, Serviço Geológico de Portugal, 1912.
- CRUZ, Guilherme Braga da, *Elogios do Pe. Francisco Rodrigues e do Pe. Carlos da Silva Tarouca*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1965.
- DIAS, Carlos Malheiro, *Ciclorama Crítico de um Tempo – Antologia*, Lisboa, Vega, 1982.
- DUPUY, Pierre, *Palha – Alquimia da Bravura*, Torres Novas, Edições Castelão, 2005.
- FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. II, Venda Nova, Bertrand Editora, 3.^a edição, 1990.
- GALVÃO-TELLES, João Bernardo, *A Quinta das Almeidas – um pedaço de história do Alentejo*, [s.l.], LMT Consultores em História e Património, 2019.
- GONÇALVES, Joana, PEREIRA, Maria Teresa Vieira, *Ribatejo. As nossas Ganadarias: visita ao território do Toiro bravo*, Lisboa, Take One, 2013.
- GUEDES, Roberto, *Aveleda – A Família e a Empresa*, [s.l.], Aveleda, 2019.
- ISA, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, Lisboa, Universidade Técnica, 1920.
- MAGALHÃES, Artur Monteiro de, *Os 1.^{os} Condes da Foz: ascendência e descendência*, Porto, Livraria Esquina, 1996.
- MARTINS, Levi, *Francisco Palha*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2019.

- MATOS, Ana M Cardoso de, *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial no Portugal Oitocentista. O caso dos lanifícios do Alentejo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.
- MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal: O Liberalismo*, vol. V, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992.
- NETO, António Marreiros, *As Coudelarias do Lusitano: Ribatejo*, Oeiras, Amazingcircle, 2017.
- NEVES, Francisco Palha Botelho, *O Toiro de Lide em Portugal*, Lisboa, Edições Inapa, 1992.
- NORONHA, Eduardo de, *História das Toiradas*, Lisboa, Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1900.
- NUNES, Graça Soares, «Etapas, setores e empresários do desenvolvimento industrial no estuário do Tejo (1850-1890)», in *CIRA: Boletim Cultural*, n.º 12, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2015.
- NUNES, Graça Soares, *Vila Franca de Xira: Economia e Sociedade na Instalação do Liberalismo (1820-1850)*, Lisboa, Edições Colibri, 2006.
- OLIVEIRA, Domingos Augusto Alves da Costa, *Raças Cavallares da Península e Marcas a Ferro (...)*, Lisboa, Livraria Ferin, 1906.
- PIMENTEL, Alberto, *A Extremadura Portuguesa*, Lisboa, Ed. Livraria Moderna, 1908.
- POUSINHO, Nuno, *Castelo Branco: governo, poder e elites (1792-1878)*, Lisboa / Castelo Branco, Edições Colibri / Câmara Municipal de Castelo Branco, 2004.
- RAIMUNDO, Orlando, *Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre...: História de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2012.
- RAIMUNDO, Orlando, *Vila Franca de Xira – Saber mais sobre...: Património da Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2011.
- RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.
- REIS, Jaime, «Latifúndio e progresso técnico: a difusão da debulha mecânica no Alentejo, 1860-1930», in *Análise Social*, vol. XVIII, n.º 71, Lisboa, [s.n.], 1982.

Rice Milling Machinery: Self-Contained Rice Mills, Escócia, Douglas & Grant, Kirkcaldy, 1912.

ROLLO, Maria Fernanda (coord.), *Dicionário de História da I República e do republicanismo*, vols. I-III, Lisboa, Assembleia da República, 2013-2014.

ROLLO, Maria Fernanda, PIRES, Ana Paula, «Portugal, as telecomunicações e a Grande Guerra», in *Poder, Comunicaciones y Propaganda: reflexiones desde el Sur*, Las Palmas, Unidade de Las Palmas de Gran Canaria, 2016.

ROSAS, Fernando, BRITO, J. M. Brandão de (coords.), *Dicionário de História do Estado Novo*, vols. I-II, Lisboa, Bertrand Editora, 1996.

SANT'ANNA, Dionísio (Apr.), *Guia de Portugal: Extremadura, Alentejo, Algarve*, vol. II, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1924.

SANT'ANNA, Dionísio (Apr.), *Guia de Portugal: Generalidades, Lisboa e Arredores*, vol. I, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1924.

SANTOS, David, *Ateneu Artístico Vilafranquense: Da Monarquia Constitucional à Adesão Europeia*, Lisboa / Vila Franca de Xira, Edições Colibri / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2008.

«Semear melões», in *Gazeta das aldeias. Campanha da produção agrícola: Suplemento*, 1-24, Lisboa, [s.n.], 1942.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1890-1910)*, vol. X, Lisboa, Verbo, 1977.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1910-1926)*, vol. XII, Lisboa, Verbo, 2.^a ed., 2001.

SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração*, vol. X, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

SILVA, Ana Cristina Nunes da, MESQUITA, Idalina Maria Costeira, PALMELÃO, Marina Fernandes, «Eleições em Vila Franca de Xira em 1904», in *Cira. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*, n.º 4, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1989-90.

SILVEIRA, Luís Espinha da, ALVES, Daniel, LIMA, Nuno Miguel, ALCÂNTARA, Ana, PUIG-FARRÉ, Josep, «Caminhos de ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930», in *Ler história*, n.º 61, Lisboa, [s.n.], 2011.

VASCONCELLOS, José Leite, *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*, vol. 8, Lisboa, Imprensa Nacional, 1982.

Dissertações e Teses

PINTO, Maria Filomena Mateus Epalange Ferreira, *A modernização do comércio no eixo de Vila Franca de Xira*, Lisboa, 2010, dissertação de mestrado, FCSH-UNL, policopiada.

POUSINHO, Nuno, *Pretos e Brancos. Liberalismo e Caciquismo no Distrito de Castelo Branco (1852-1910)*, Lisboa, 2016, tese de doutoramento, FCSH-UNL, policopiada.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Fig. 1 – Breve genealogia da família Pereira Palha entre os séculos XVII-XX	16
Fig. 2 – José Pereira Palha Blanco na Quinta das Areias, em 1907	17
Tabela 1 – Resultado geral das eleições municipais e distritais no concelho de Vila Franca de Xira, em 3 de Novembro de 1889	34
Tabela 2 – Resultado geral das eleições de delegados para pares no concelho de Vila Franca de Xira, em 30 de Março de 1890	36
Tabela 3 – Resultado geral das eleições de deputados no concelho de Vila Franca de Xira, em 30 de Março de 1890	37
Tabela 4 – Resultado geral das eleições municipais no concelho de Vila Franca de Xira, em 6 de Novembro de 1892	39
Tabela 5 – Resultados das eleições para o cargo de Presidente de Câmara do concelho de Vila Franca de Xira, por triénio (1890-1896)	41
Tabela 6 – Resultados das eleições para o cargo de Vice-Presidente de Câmara do concelho de Vila Franca de Xira (1890-1896).....	41
Tabela 7 – Existência de olivais e oliveiras em parte da Casa Agrícola de Palha Blanco, em 1937.....	53
Tabela 8 – Existência de árvores de fruto na Casa Agrícola de Palha Blanco, em 1937 ..	54
Tabela 9 – Existência de vinhas e cepas na Casa Agrícola de Palha Blanco, em 1937	55
Tabela 10 – Tendas e resultados da ganadaria de Palha Blanco	66
Tabela 11 – Criação anual de gado na casa agrícola de Palha Blanco, em 1908	70
Tabela 12 – Castas de gado e suas procedências existentes na casa agrícola de Palha Blanco, em 1908	71

ANEXO 1

A nobiliarquia e os melões, segundo Bordalo Pinheiro

PARODIA

3

Nobiliarquia e melões — ou novos tempos e novos costumes

Está travado um vivo debate na imprensa — entre os melões.

E' uma forma da polemica.

Não vemos nós dois fabricantes de bilhares agredirem-se todos os domingos nos jornaes, com a sanha de verdadeiras jornalistas?

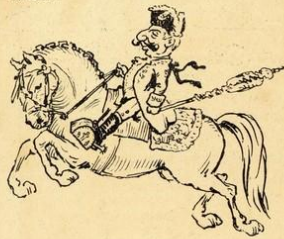
Os melões não estão ainda no regimen da aggressão, mas já estão no regimen da concorrência raivosa.

O que ha, porém, de curioso n'esta polemica é que ella envolve algumas das mais antigas casas aristocraticas de Portugal, como a dos duques do Cadaval, a dos marquezes de Castello Melhor e a dos condes da Atalaya.

E' o caso que chegou ao Caes da Areia, no sabbado passado, a primeira remessa de melões do sr. Palha Blanco, e annunciando este successo, os respectivos e «unicos vendedores», poem de sobreaviso o publico contra os melões de outras procedencias.



Mas sobrevem estes e pela voz dos seus egualmente «unicos vendedores» previnem o publico consumidor de que os melões Palha Blanco são incomparavelmente inferiores aos dos srs. Marquez de Castello Melhor e Condes da Atalaya (semente hespanhola).



N'estes termos, a concorrência seria, no entanto, logica.

D'um lado, as casas Castello Melhor e Atalaya, isto é o Velho Regimen. Do outro, o sr. Palha Blanco, isto é a Revolução a Democracia, o liberalismo, os immortaes principios de 89



D'um lado, o melão do Direito Divino. Do outro o melão dos Direitos do Homem.

O publico escolheria segundo as suas opiniões. O partido republicano, por exemplo, poderia francamente galopinar pelo melão do sr. Palha Blanco.

Eis, porém, que vemos — o quê?

O sr. Palha Blanco associado aos interesses da casa dos Duques do Cadaval e reptando de mãos dadas com esta os Castello Melhor e os Atalaya.

Hybrida alliança!

Absurda situação!

Não é já a guerra dos melões. E' a guerra dos senhores.

A polemica prosegue.

E' grato, no entanto, verificar a reconciliação do Velho Regimen, com os Novos Tempos.

A aristocracia dominou outr'ora sobre todos os factos.

Hoje é uma soberania de meza redonda.

Para encontrar na sociedade moderna a sobrevivencia dos Cadavaes é preciso ir ao Caes da Areia, apalpa, cheiral-a nos seus mirificos melões.



E assim ella está toda, em fructos, em vinhos, em queijos, em manteigas — apaziguada, inoffensiva, benéfica, modica.

SE ASSIM SOMOS!

Os jornaes publicaram a semana passada dois longos artigos consagrados ao baile da Pena, que, como se sabe, foi offerecido á Princeza Luiza e ao Duque de Montpensier, e, como esse artigo era acompanhado de um retrato de homem, toda a gente imaginou que esse homem era o Duque de Montpensier.

Mas não! — Era apenas o retrato — do fornecedor do cotillon.

Nós somos assim!



SÓ PARA HOMENS

Os jornaes annunciam uma nova obra do sr. Alfredo Gallis. — «A Burla do Constitucionalismo. — Autopsia a politica portugueza no actual momento historico.»

Os precedentes litterarios do sr. Gallis autorisam-n'os a acreditar que a Burla do Constitucionalismo continua a serie da sua Bibliotheca só para homens e é illustrada com um retrato da Carta Constitucional, tirado do natural — e em pello.



ANEXO 2

ELEITORES DE VILLA FRANCA!

E' domingo que perante a urna e com o pezo dos vossos suffragios ides decidir do triumpho d'uma das listas que disputam os vossos votos, ao mesmo tempo que decidireis da futura prosperidade e supremacia d'esta terra a que tendes ligados os mais legitimos interesses.

Uma das listas é patrocinada pelo grande benemerito d'este concelho o Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco a quem esta terra tanto deve; a outra sahiu da colligação indigna e disparatada de progressistas e republicanos.

E' para a primeira que pedimos os vossos votos, porque votando n'ella, votaes em homens serios e independentes, tendo a maioria já dado sobejas provas de zelo e probidade na administração dos negocios municipaes.

Fazem parte d'ella quatro cidadãos respeitaveis d'esta Villa, assegurando-se assim a legitima preponderancia da capital do concelho, ao mesmo tempo que se dá representação ás povoações mais importantes do mesmo.

O seu triumpho garante-nos o progressivo desenvolvimento d'esta terra e a conservação das suas regalias municipaes.

A victoria da outra lista seria um verdadeiro desastre para esta Villa; porque n'ella predominam elementos de Alhandra, a começar por aquelle que destinam á presidencia, e todos vós conheceis os sentimentos de profunda hostilidade que alimenta a maioria dos habitantes d'aquella Villa contra nós.

Se a lista de Alhandra vencesse, a supremacia politica d'esta Villa deslocar-se-hia para lá o velho sonho da mudança do concelho e da comarca, que em tempos esteve quasi a ser realidade, resuscitaria agora com mais força.

Cautella eleitores de Villa Franca!

Quereis ver signaes seguros da verdade que affirmamos? vêde o entusiasmo com que a lista republicana-progressista foi recebida em Alhandra!

Os melhoramentos promettidos para Villa Franca foram votados ao esquecimento e agora só se falla d'obras e melhoramentos para a segunda Villa do concelho.

Da canalisação da rua Hintze Ribeiro e da muralha marginal da Avenida Constantino Palha já não fallam os governamentais; em troca d'isto promette-se a grande reparação de uma estrada que a nós nada interessa e que aproveita principalmente aos habitantes d'aquella Villa.

Não nos inspiram sentimentos de vil animosidade contra os nossos irmãos alhandrenses, com quem desejamos viver em boa paz e fraternidade: mas queremos que se mantenha a justa e legitima preponderancia da nossa terra, que ella continue a ser a capital do Concelho e a séde da Comarca e que o seu desenvolvimento material se vá fazendo sem interrupção.

Para assegurar isto é preciso que perante a urna nos manefestemos d'um modo enequivoco e imponente, mostrando com toda a força da nossa vontade que queremos que Villa Franca continue a ser o que tem sido e o que com toda a justiça deve ser — a primeira terra do Concelho e uma das primeiras do Ribatejo.

A lista patrocinada pelo Sr. José Palha é pois uma lista patriótica contra a qual só votarão em Villa Franca aquelles que levados por paixões ruins, esquecem o que devem á terra que lhe foi berço ou que lhe serve de mãe adoptiva, mostrando-se filhos desnaturados e atraçoando os mais sagrados interesses e as mais justas aspirações d'esta localidade.

Votae portanto eleitores de Villa Franca nos seguintes cidadãos:

EFFECTIVOS

Arthur Cesar Pereira—Henrique da Motta Cabral—Manoel de Souza Mendes—Francisco Alves Tavares—João Antunes Pomba—Francisco dos Reis Pinto—José Maria Vidinha.

SUBSTITUTOS

Joaquim da Silva Horta—Adriano Porfírio da Silva—Theotónio Dias Ferreira—Cesar Augusto Gonçalves Ferreira—Manoel Augusto Diniz—Antonio Soares—José Gonçalves da Silva.

Á urna pela lista de Villa Franca!

Á urna pelos amigos do Snr. José Palha!

Fonte: Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira (G/A, Eleições p/ Deputados e Juiz Paz, G - Eleições), [s.d.]

ANEXO 3

AO POVO DO CONCELHO

Cidadãos:

A assembléa geral do partido republicano, deliberando, resolveu acceptar a lista que, sem subjeição a politica partidaria, se apresentasse ao suffragio dos eleitores para a proxima eleição da Camara Municipal, desde que os nomes n'ella incluídos fossem uma garantia de boa e zelosa administração e de aberta opposição ao grupo despotico, que do municipio faz baluarte para metralhar as liberdades publicas e os seus strenuos defensores.

O partido republicano é um partido de combate e hade ser n'um futuro pouco longiquo um partido de governo. Como partido de combate exige que os homens que se propõem occupar os logares publicos tenham força bastante para arcarem com as responsabilidades que daquelle exercicio lhes advem e energia tanta que possam reagir victoriosamente contra a dissolução de costumes que caracteriza esta sociedade em decomposição. Como partido de governo reclama a honradez, a seriedade, a economia, a competencia, a justeza de vistas e uma firme e clara orientação na gerencia dos dinheiros publicos e na distribuição das rendas do estado, do municipio, ou das parochias.

O municipio de Villa Franca tem estado entregue a um grupo subserviente, cuja caracteristica é uma curvatura perpetua á vontade de tres ou quatro espiritos vingativos e absolutistas, sob a égide d'uma figura decorativa.

Um grupo tenta mais uma vez manter-se nas posições conquistadas ao indifferentismo do corpo eleitoral, para continuar perseguindo os republicanos que lhe teem posto a nú a sua completa incapacidade de governo e para conservar a supremacia politica, espésinhando os homens independentes que, em unisono, lhe reprovam os seus processos condemnaveis.

Os republicanos de Villa Franca, porém, cerraram fileiras e dispõem-se a assignar tambem o mandado de despejo que os eleitores do concelho lhe hão-de intimar no proximo domingo, votando na lista de opposição á Camara actual, lista que reúne os requisitos supra enunciados e que se impõe a todos os homens de são criterio, de espirito livre e de vontade firme.

Tem o partido republicano de Villa Franca homens que se orgulham de possuir taes requisitos e que formariam uma lista digna de ser apresentada ao suffragio dos eleitores. Essa lista, porém não vingaria, pela pusillanidade que n'este paiz ataca o maior numero que em nós, ainda teima vêr os revolucionarios destruidores, em vez de nos olhar pelo que somos — o partido da salvação publica! —

Fieis aos nossos principios, mas zelosos dos progressos do nosso concelho, queremos contribuir com todas as nossas forças para o desaggravo da dignidade publica offendida com os attentados commettidos pelo grupo regenerador que se considera senhor absoluto d'estes dominios e por isso acceptámos a lista de vereadores que é composta dos cidadãos:

Dr. Augusto Francisco de Assis, Frederico Ludgero Martins Torres, Dr. João Augusto Gens de Azevedo Junior, João Luiz de Sousa, João Pereira Philippe, José Dias da Silva e José Thomaz de Sousa Pereira (EFFECTIVOS).

Antonio Elias Rodrigues da Silva e Brito, Augusto Dias, Augusto Marcellino Chamusco, Domingos Pinto Ferreira, Florindo de Oliveira, Joaquim Paulo de Araujo e Martiniano da Cunha Cezar (SUBSTITUTOS).

Esta lista tem homens em evidencia nos partidos militantes e tem homens independentes de qualquer politica partidaria. E' uma lista de pura defeza dos interesses locaes e a reunião de todos estes nomes mostra, de sobejo, que á sua confecção presidiu o intuito d'uma severa administração e d'uma enérgica solução do problema municipal.

Ao partido republicano não importa saber se o partido governmental lhe dá ou não o seu apoio. Confeccionada antes da queda do anterior gabinete e mantida depois da elevação do actual, a lista continua a ser o que era — um protesto contra a politica do grupo dominante; uma opposição tenaz aos processos, ha muito seguidos na gerencia do municipio; a defeza dos interesses do concelho; **o ponto final**, em summa, n'uma situação deprimente que tem lançado o desassocego, em todos os espiritos.

Eis, cidadãos, porque o partido republicano a adoptou e porque vos diz n'este solemne momento da vossa vida de municpe:

Á urna pela lista independente!
Á urna contra a lista da reeleição!

511,4 — Imp. Usina cretal — C. do Caldas, 100 — Lisboa

Fonte: Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira (G/A, Eleições p/ Deputados e Juiz Paz, G - Eleições), [s.d.]

ANEXO 4

Transcrição de parte da acta da *Sessão ordinaria de 2 de Janeiro de 1896*, a folhas 7 a 8v do Livro de Actas da Câmara Municipal n.º 24, correspondente aos anos de 1891-1895, arquivado no Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira:

«Mensagem

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco, Presidente da
Camara Municipal de Villa Franca de Xira

No exercicio dos cargos para que tivemos a honra de ser eleitos e ao terminar a gerencia d'este triennio, permita-nos V. Ex.^a que nós _ os vereadores d'esta Camara Municipal _ n'uma absoluta solidariedade de pensamentos e convictos de assim interpretar os sentimentos de todos os municipes, venham pagar uma divida de gratidão ao homem que mais serviços tem prestado ao concelho no decurso dos últimos annos.

Diffícil e espinhosa é a missão d'aquelles a quem _ como nós _ cabe o dever de não deixarem no olvido serviços valiosos prestados no interesse do Municipio, seja porque não mostrem reconhecimento condigno dos beneficios recebidos, seja porque offendam a modestia do cidadão a quem se dirigem.

A nós, porem, que tivemos a subida honra de ser presididos por V. Ex.^a no triennio que findou e que temos a honra de sair comvosco no momento em que daes por terminada a vossa gerencia, não nos pertence inquirir se é facil ou ardua a missão; tratamos simplesmente de cumprir o que a nossa consciencia de collegas nos dita e o que a nossa posição de representantes do Municipio nos impõe.

Exultamos com o accaso que nos escolheu para desempenhar tão honroso encargo e sem olharmos á nossa incompetencia, não cedemos a ninguem o uso do que nós consideramos igualmente um direito inherente aos lugares que occupamos.

(...)

E é uma tal lista, de serviços que nós devemos deixar no esquecimento? É a gratidão do Concelho, por tantos beneficios que nós devemos callar?

Não Ex.^{mo} Senhor.

Se a vossa modestia se offende com a resenha que fizemos dos factos consumados, quer por intervenção directa de V. Ex.^a, quer por sua influencia na direcção das vereações a que tendes presidido, e se a nossa intenção, ao recordal-as, é motivo de desgosto para V. Ex.^a, nós acceitamos as consequencias do nosso procedimento e ficamos com a consciencia de ter cumprido um dever.

Porque se aos povos é grato distinguir aquelles que se sacrificam pela causa publica, nós, como representantes do povo d'este concelho, temos de patentear publicamente, n'esta ultima sessão e no momento em que V. Ex.^a vae abandonar a cadeira, que durante 6 annos occupou, toda a gratidão que o concelho lhe deve, toda a justiça que lhe é feita, sem que tal facto importe desdouro para quem o pratica, ou desgosto para quem o occasiona, por isso que as razões que o originaram não pertencem, nem a V. Ex.^a nem a nós mas sim a todo o publico e á historia do município.

E se é premio condigno dado pelos povos, aquelles que bem os servem, o remonerarem os serviços recebidos e o deixarem gravado na sua historia todo o reconhecimento de que se sentem devedores, nós, em nome do concelho de Villa Franca de Xira, deliberamos que esta mensagem fique transcripta na acta, como uma sincera homenagem ás virtudes civicas do Presidente d'esta Camara Municipal o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco.

*Sala das sessões da Camara Municipal do Concelho de Villa Franca de Xira, 2 de Janeiro de 1896.
Os vereadores: José Dias da Silva _ José Pedro Cancio _ Francisco dos Reis Pinto _ José Augusto da Cunha.»*

ANEXO 5



Ceifeira puxada por cerca de 20 cavalos manipulados por peões. Do lado direito num atrelado encontra-se Palha Blanco, acompanhado pelos netos (?), e do lado esquerdo, montada à amazona, sua filha D. Maria do Carmo Pereira Palha.

Fonte: arquivo fotográfico da família Pereira Palha

ANEXO 6



Uma corte da Terra do Frade a ser alqueivada com uma charrua *Medium Duty* e um tractor *Holt* de 5 toneladas. Na 1.^a fotografia vemos José Pereira Palha Blanco sentado no tractor.

Fonte: Álbum «Ao Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco – Monteiro Gomes, Limitada», Colecção de António M.^a Ribeiro Telles Costa